

Calixto Digital

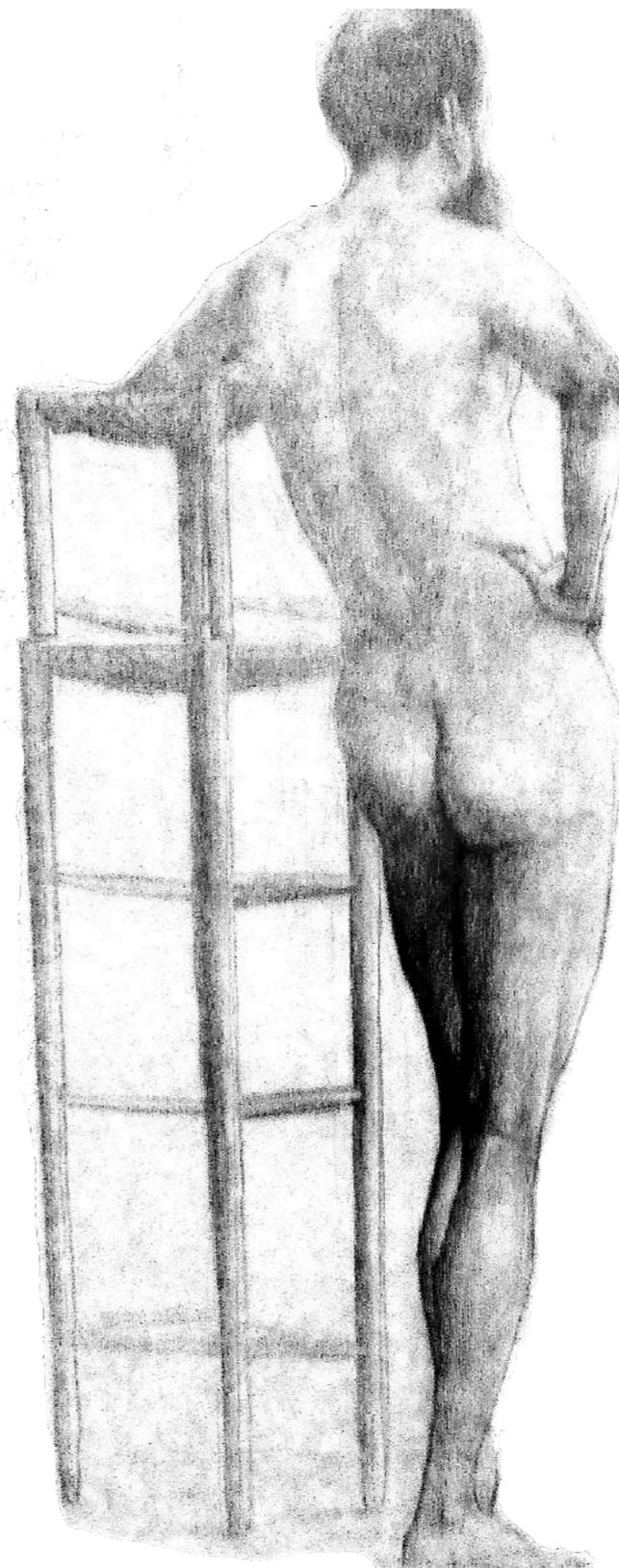


O livro

Nos últimos anos, os museus brasileiros têm aumentado sua participação no universo virtual, criando novas experiências on-line, como visitas virtuais a determinadas galerias ou exposições e fotos em 360 graus. Porém, com o lançamento de seu livro interativo no formato iBooks 2, o primeiro do gênero na América Latina, a Pinacoteca Benedito Calixto marca de forma pioneira seu ingresso na avançada era digital do mundo contemporâneo.

Até março de 2014, data de lançamento deste livro, apenas cinco museus em todo o Mundo haviam divulgado títulos na plataforma: o MoMA, nos EUA; o Australian National Maritime Museum, na Austrália; o Museu do Côa, em Portugal; o Museu del Modernisme Català, na Espanha; e o Louvre, na França.

Com tecnologia *multi-touch* (multi-toque), "Calixto Digital" permite ao usuário interagir de maneira simultânea com textos, imagens, vídeos e sons. Animações especiais, que utilizam recursos audiovisuais, oferecem ao leitor um passeio sensorial pelas obras de Benedito Calixto em exposição permanente no histórico Casarão Branco que abriga a Pinacoteca.



Os textos abordam o contexto da época em que viveu o artista e sua trajetória, desde a infância até sua consagração como um dos maiores ícones da pintura paulista. E recontam a história do Casarão, revelando as experiências vividas por sua antiga moradora, Edith Pires, na Era de Ouro do café.

Com a tecnologia empregada, é possível aproximar as imagens e destacar detalhes das obras quase imperceptíveis a olho nu. O leitor consegue notar desde a profusão de cores usadas pelo artista em cada obra até o volume de suas pinceladas, demonstrando a tridimensionalidade do ser, paisagem ou objeto que o pintor intencionava retratar.

Os vários recursos - que possibilitam a manipulação das fotos com os dedos, aumentando, diminuindo ou aproximando-as - permitem ainda, por exemplo, que as vozes dos entrevistados sejam ouvidas ao toque de um botão. Outro ponto fundamental da plataforma é que ela permite fazer anotações, que podem ser realizadas como "*post-its*" (lembretes) em páginas individuais ou em fichas para revisão. Para selecionar um texto é só deslizar o dedo pela tela, em um movimento tão simples quanto intuitivo. Isso sem falar no glossário para esclarecer os termos mais difíceis.



O imóvel que abriga a Pinacoteca Benedito Calixto é hoje um dos mais importantes centros de cultura da cidade de Santos

A trilha sonora é uma atração à parte. Produzida eletronicamente com softwares de última geração, ela foi composta especialmente pelos artistas do HI-BRAZIL para dar ambiência sonora aos vídeos e animações que acompanham a narrativa. Para chegar aos arranjos finais, o grupo pesquisou a história e os ritmos e sonoridades da época em que viveu Benedito Calixto, como o *maxixe*, o *chorinho*, e o *lundu*.

O lançamento de "Calixto Digital" marca o surgimento do livro-documentário, no qual os registros se utilizam de recursos *multi-touch*: O leitor lê, ouve, assiste e interage com

o título que está acompanhando em seu iPad. Assim, a Pinacoteca dá um salto à frente dos demais museus brasileiros - não somente por ampliar informações sobre o seu acervo, democratizando a visualização por meio da digitalização das obras -, mas principalmente pelo seu intuito de manter um contato mais estreito com seu público e trazê-lo com mais frequência para dentro do museu, mesmo que à distância, sem a presença física. Ganha o público e ganha a Arte.

Assim, convidamos você a ler, interagir, clicar nas fotos e animações. A navegação é intuitiva e convida à exploração. Desejamos, enfim, uma excelente viagem ao universo de Benedicto Calixto e à história do imponente Casarão Branco que abriga a Pinacoteca.

Equipe da BITCom Comunicação Digital



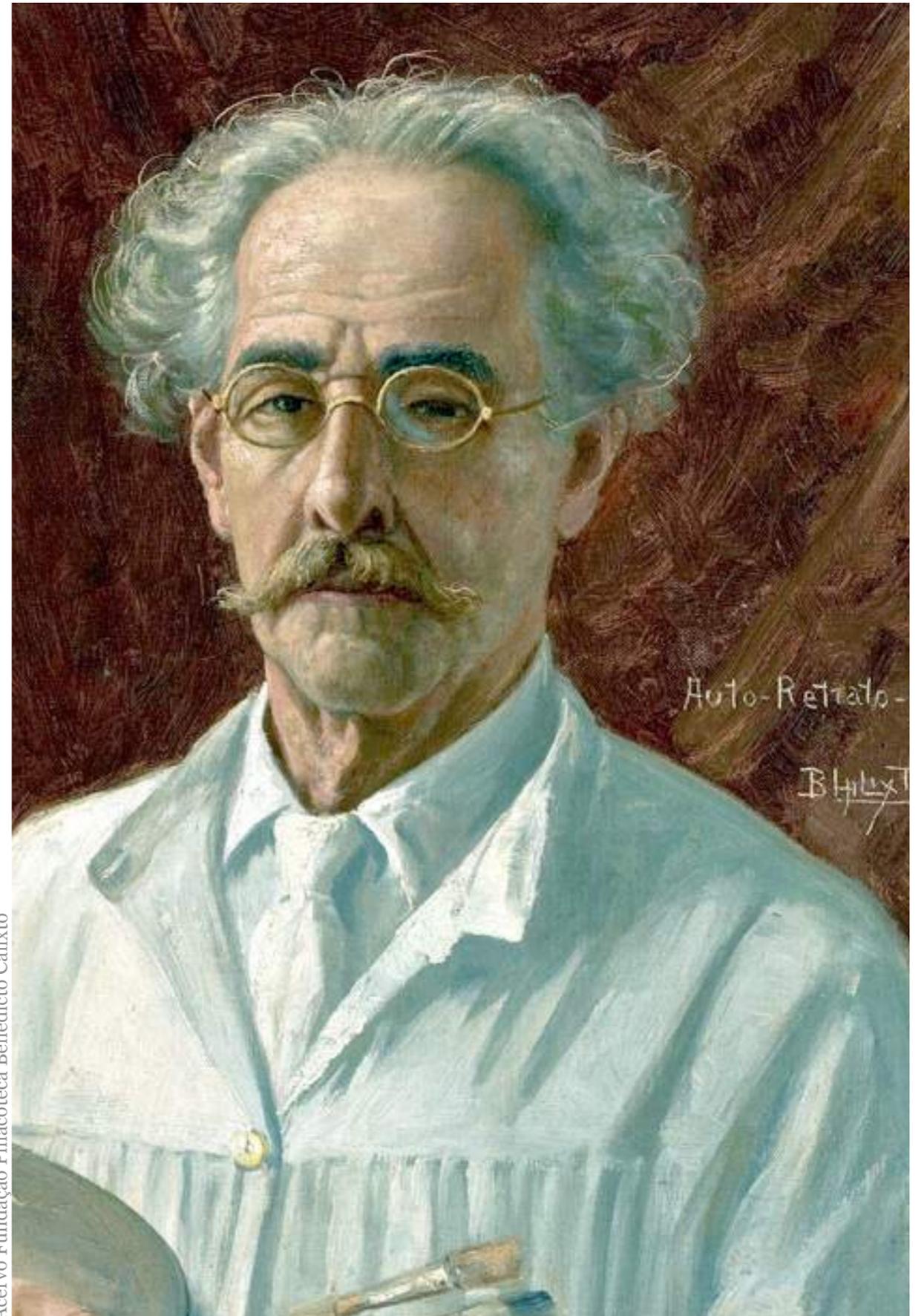


As galerias que abrigam o acervo de Calixto são divididas por temas. Nesta, prevalecem as obras ligadas ao mar, sua grande paixão



A natureza de Calixto

A paixão de Calixto pela Natureza o impulsionou a criar diversas obras inspiradas na beleza do litoral paulista e seus personagens cotidianos. Indigenista por vocação, o pintor buscava revelar em seus quadros o exotismo de um Brasil tropical e ainda quase desconhecido.



Sua vida

Acervo Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto



AMOR PELA PINTURA

Mesmo com toda a efervescência artística da época em Paris, ao voltar ao Brasil Calixto se manteve imune às influências do ambiente cultural francês, permanecendo fiel ao seu estilo peculiar de pintar e sem se filiar a nenhum movimento artístico do século XIX.

Benedicto Calixto de Jesus nasceu em 14 de outubro de 1853 em Itanhaém (litoral paulista), então uma bucólica vila com pouco mais de 700 habitantes. Quinto filho de sete irmãos, na infância já demonstrava talento para o desenho e vocação para a pintura.

Aos oito anos de idade, começou a fazer esboços da paisagem local com barras de carvão, evidenciando seu forte vínculo à origem litorânea, que perdurou por toda a sua trajetória como artista.

Ainda criança, Calixto auxiliava o padre da igreja matriz de Itanhaém fazendo retratos de ex-votos, que os fiéis católicos penduravam ao lado dos santos de devoção em agradecimento a graças alcançadas.

Com o pai, aprendeu o ofício de marceneiro. Mas, sem grandes perspectivas profissionais, saiu da terra natal ainda adolescente, aos 16 anos, para residir na vizinha Santos. Na cidade, sobrevivia pintando muros e placas de propaganda.

Sua vida começa a mudar profissionalmente quando vai residir em Brotas, no interior paulista, onde parte de sua família já morava. Ali deu vazão à sua arte. Passou a trabalhar com o irmão João Pedro no restauro de pinturas sacras, aprimorando sua técnica em uma igreja local.

Nessa ocasião, começou a desenhar paisagens da cidade de Brotas. Fazia trabalhos sob encomenda a pedido de cafeicultores ou simplesmente produzia telas para presentear amigos. Entre os primeiros quadros criados por ele na cidade constam "Casamento Burguês" e "A Saída do Ninho".

Em 1881, incentivado por admiradores e pelas notícias positivas na imprensa acerca do seu trabalho, realiza sua primeira exposição, aos 28 anos de idade. A mostra aconteceu na sede do jornal Correio Paulistano, em São Paulo e, apesar de não ter vendido nenhuma obra, o pintor recebeu elogios da crítica especializada.

No ano seguinte, já casado com Antônia Leopoldina de Araújo, sua prima em segundo grau, e pai da primogênita Fantina, torna a fixar residência em Santos. Não demorou a receber propostas de trabalho. Começou a pintar o teto e paredes do suntuoso teatro Guarany, a convite do engenheiro Manuel Ferreira Garcia Redondo, encarregado da obra.

No Guarany, Calixto fez um trabalho de decoração primoroso, tendo o devido reconhecimento. Na inauguração do teatro, em 7 de dezembro de 1882, recebeu homenagens no palco e, por sugestão de Garcia Redondo, ganhou uma bolsa de estudos do Visconde Nicolau Pereira de Campos



Máquina fotográfica da marca Hanover, modelo Unicum, fabricada na década de 1890, utilizada por Calixto para retratar as cenas e paisagens que queria pintar

¹
Vergueiro, para aprimorar seus dotes artísticos na França, reduto à época de grandes nomes do cenário mundial das artes.

Até então um autodidata, desembarca na França em 1883, sem a família. Lá permaneceu por 18 meses, frequentando os ateliês do pintor impressionista Jean François Raffaelli e do pintor e fotógrafo Henri Langerock. Depois estudou na renomada Academia Julian, recebendo orientações de artistas de expressão como Gustave Boulanger, Jules Lefébvre, William-Adolphe Bouguereau e Tony-Robert Fleury.

(1) Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, comerciante do café, nascido em Piracicaba, nomeado visconde por decreto de 31 de dezembro de 1880. Foi um dos acionistas da empresa que mantinha o Teatro Guarany.

Ainda em solo internacional, venceu um concurso com o quadro "Longe do Lar", obra ofertada ao seu protetor, Visconde de Vergueiro.

Por estar distante de casa e saudoso dos familiares, antecipa sua volta ao Brasil. Traz na bagagem uma moderna câmara fotográfica. Entusiasmado com os recursos do equipamento, torna-se pioneiro no Brasil em pintar a partir de fotos.

"De maneira instrumental, ele a usou (a fotografia) para reafirmar seu conceito de mundo como teatro, como espaço para a encenação da vida e de seus fatos".²

Mesmo com toda a efervescência artística da época em Paris, ao voltar ao Brasil Calixto se manteve imune às influências do ambiente cultural francês, permanecendo fiel ao seu estilo peculiar de pintar e sem se filiar a nenhum movimento artístico do século XIX.

Com o quadro "Enchente na Várzea do Carmo" (1892) conquista definitivamente a exigente crítica, que reconhece na obra a exatidão com que Calixto representa a cidade de São Paulo e alguns de seus principais pontos, como o mercado, a rua 25 de março, a fábrica de chitas e o casario do Brás.

A partir daí as atenções se voltam para o seu trabalho e não demora a ser premiado. Participa do Salão Nacional de Belas Artes, em 1898, e é condecorado com medalha de ouro na exposição. Também conquista a medalha de ouro na Exposição Internacional de St. Louis, nos Estados Unidos, em 1907. A esta altura Calixto e a esposa já tinham mais dois filhos: Sizenando (1885) e Pedrina (1887), que viriam a ser pintores como o pai.

Da infância humilde a expoente da pintura brasileira, Calixto registrou em obras de constituição histórica preciosos momentos do Brasil-Colônia, paisagens e marinhas, além de cenas religiosas e pitorescas do cotidiano, na transição do século XIX para XX.

Sua arte constitui um documento iconográfico da história brasileira, sobretudo da região paulista, o que fica bem claro nas diversas pinturas que remetem à chegada de Martim Afonso de Sousa à Capitania de São Vicente, no século XVI. Um exemplo é o quadro "A Fundação de São Vicente" (1901).

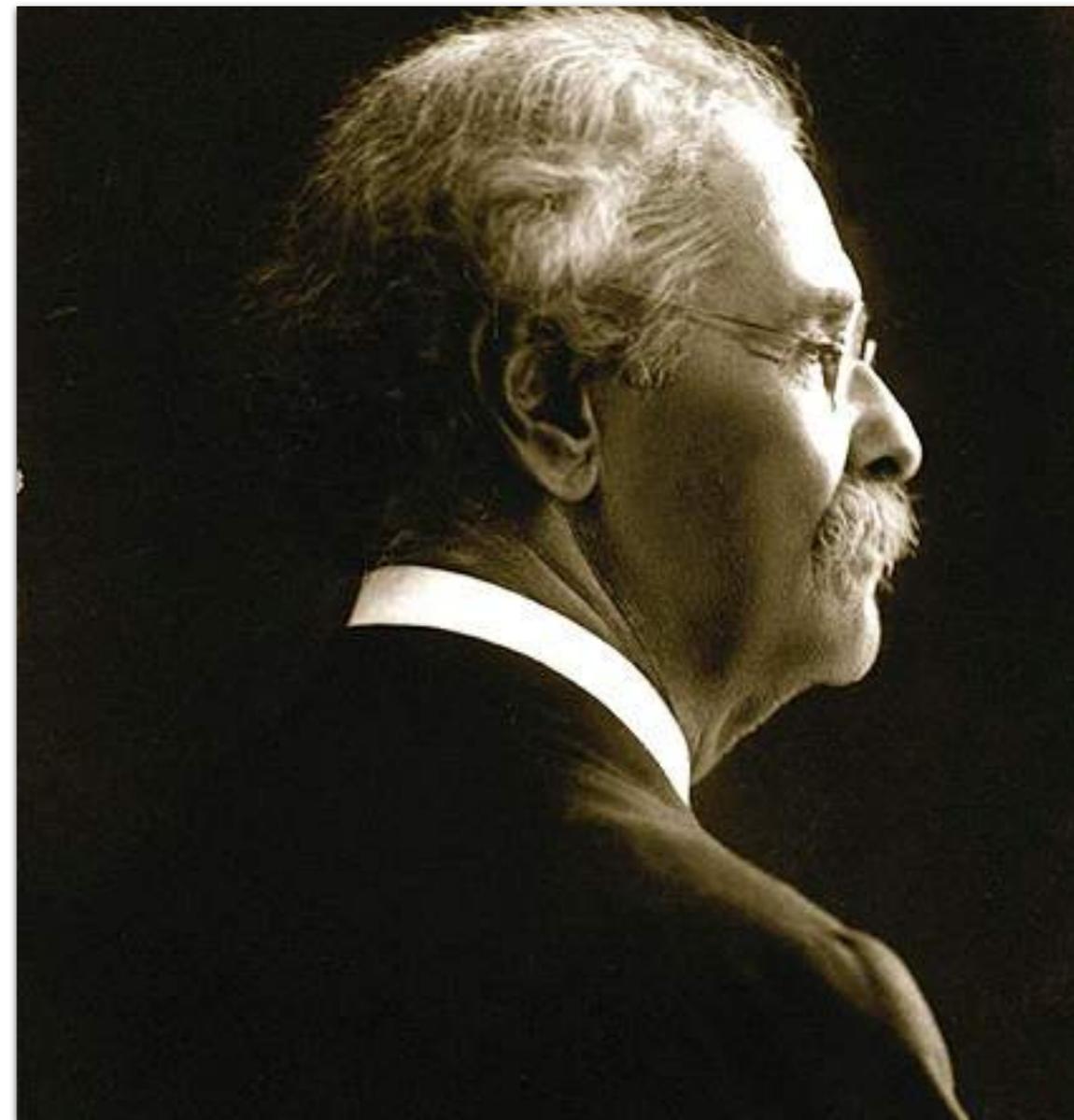
Detalhista e perfeccionista, costumava se utilizar de modelos vivos para montar suas composições fotográficas e refazer por meio do seu pincel momentos históricos do Brasil, um recurso recorrente na sua obra.

(2) CHIARELLI, Tadeu. Benedito Calixto: Um pesquisador que pinta. In: CALIXTO, Benedito; SOUZA, Marli Nunes (coord.). Benedito Calixto: um pintor à beira-mar. Texto Caleb Faria Alves, Tadeu Chiarelli. São Paulo: Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, 2002, p. 33.

Para criar “A Fundação de São Vicente” montou no seu quintal um cenário tendo índios de uma aldeia da região de Bananal. “Os índios ficaram na casa de Calixto por uma semana para que ele pudesse observar minuciosamente o comportamento deles e registrar com perfeição na tela”, conta o bisneto do artista, Gilberto Calixto Rios.

Nas suas composições sacras, tal cuidado pode ser constatado no painel “Martírio de Pero Corrêa” (Igreja Santa Cecília, 1907, São Paulo). Com ajuda de personagens teatrais ele refez todo o martírio, transferindo para a tela o realismo da cena.³

“Imerso na produção de um universo iconográfico para São Paulo e para a Igreja Católica (que se expandia pelo interior do Estado, seguindo a trilha do café), dividido entre a experiência de pintor paisagista - enternecido com as peculiaridades da paisagem litorânea de São Paulo - e aquela de pesquisador da história de São Paulo e da hagiografia, Calixto, um pesquisador que pinta, desenvolveu uma obra extremamente peculiar. Se ainda nos primeiros anos de sua carreira era possível perceber um desejo de alçar-se ao mesmo patamar que outros colegas - ligados por afinidade à pintura de paisagens de sabor naturalista -, com o passar do tempo, esse desejo tende a esvair-se. Ao invés de aprimorar-se na interpretação da paisagem que o cercava



Acervo Fundação Pinacoteca Benedito Calixto

e dos assuntos que lhes eram caros (a história das cidades paulistas, a história dos santos) - como, cada um a seu modo, fizeram vários artistas de sua geração -, Calixto parece ter preferido ater-se à descrição escrupulosa do real, mesmo quando essa realidade era uma evocação de tempos passados.”⁴

(3) Milton Teixeira. B. Calixto -Imortalidade, 1992, p 78 / (4) CHIARELLI, Tadeu. Benedito Calixto: Um pesquisador que pinta. In: CALIXTO, Benedito; SOUZA, Marli Nunes (coord.). Benedito Calixto: um pintor à beira-mar. Texto Caleb Faria Alves, Tadeu Chiarelli. São Paulo: Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, 2002, p. 33.

Católico fervoroso, Calixto decorou muitas igrejas. Por seu trabalho na arte sacra foi agraciado pelo Papa Pio XI com a Comenda Cruz de São Silvestre, em 1924. Dentre as obras que mais se destacam no Estado de São Paulo, constam os murais das catedrais de Santos e Ribeirão Preto e a decoração das igrejas de Santa Cecília, Consolação e Santa Ifigênia, na Capital. Só na Matriz de São João Batista, em Bocaina, ele criou um conjunto de 14 telas. Esses seriam seus últimos trabalhos, concluídos em setembro de 1923.

Sempre ligado às origens e por dispor de amplo conhecimento sobre o litoral paulista, o artista também se dedicou à cartografia, realizando ensaios de mapas de Santos. E como historiador, escreveu sobre as capitâneas paulistas.

Benedito Calixto tem 700 obras catalogadas, mas consta que pintou mais de 1.000, hoje espalhadas por museus, entidades, instituições e coleções de particulares. A maioria finalizada no ateliê que construiu na sua ampla residência em São Vicente, onde morou por mais de 30 anos.

Homem de muitos amigos e temperamento dócil, não fez fortuna com sua arte, mas viveu com tranquilidade até os últimos dias de vida. Morreu em decorrência de um infarto aos 74 anos em São Paulo, no dia 31 de maio de 1927,

Fonte: Wikipédia



durante uma visita ao filho Sizenando, que residia na capital paulista.

Antes de falecer, sobre a expectativa que tinha em relação à sua arte, disse:

“ Pouco ou nada me adianta, agora que já estou velho, a opinião e conselho

dos críticos sobre meus trabalhos. Desejaria, apenas, que os jornais dessem notícias dos quadros vendidos, etc., e mais nada, pois não preciso de reclame.”

Descendência

Certa vez, Benedito Calixto foi descrito pelo seu contemporâneo, o advogado santista Lincoln Feliciano, como sendo um homem “alto, corpulento, colarinho duro e gravata de retrós. Usava um sobretudo enorme, tinha a fisionomia tristonha, nariz volumoso, cabelos grisalhos e insubmissos ao pente, bigode da mesma cor, esfancado sobre a boca larga e franca, e olhos apertados, como são em

regra, os dos que vivem em terras tropicais, nas praias contemplando as embarcações que corcoveiam ao longe, no dorso roliço das ondas”.

Realmente a estatura do pintor se destacava diante da média masculina da época (pouco mais de 1,60 metro). Os amigos costumavam dizer que seu tamanho era proporcional à forma carinhosa e cortês em lidar com as pessoas.

Seu bisneto, o fotógrafo Gilberto Calixto Rios, comprova. Ele conta que o pintor era cordato e afetuoso no meio social e extremamente carinhoso com os netos, sempre os colocando no colo e presenteando com doces. Um contraponto com a esposa Antônia Leopoldina, que não tinha muita paciência com crianças.

Gilberto ouviu muitas histórias familiares curiosas sobre o bisavô, como o dia em que estava no centro da cidade e saiu a procura de um mendigo para uma pintura que queria fazer. Até que encontrou um que atendia às suas expectativas. Foi até o maltrapilho e fez o convite para que fosse no dia seguinte ao seu ateliê posar para ele.

O mendigo aceitou imediatamente. Grato, Calixto deu-lhe alguns trocados.

No dia seguinte, bate-lhe à porta.

- Pois não... disse Calixto.

- O senhor pediu para que eu viesse aqui hoje.

Surpreso, quase não reconheceu a figura. Cabelos alinhados, banho tomado e roupas limpas.

- Mas o senhor está diferente, retrucou.

- Comprei algumas roupas com o dinheiro que me deu...

Decepcionado, Calixto ficou um pouco bravo, mas logo em seguida despediu-se do homem e sentindo dó do infeliz deu-lhe umas moedas a mais, achando graça do ocorrido.

Gilberto também relembra a passagem em que o pintor viu neve pela primeira vez. Foi em Paris, na França, durante o período em que viveu lá. Assim que viu a “chuva branca” caindo sobre as ruas, não se fez de rogado. Abriu o guarda-chuva para se proteger dos flocos macios. No entanto, percebeu que os transeuntes passavam e o olhavam com curiosidade. O que estaria acontecendo?

Só soube quando chegou à pensão onde morava: não havia necessidade de se proteger da neve como se fosse chuva. A reação de surpresa de Calixto ao saber da verdade arrancou gargalhadas dos colegas de residência.

Espada famosa

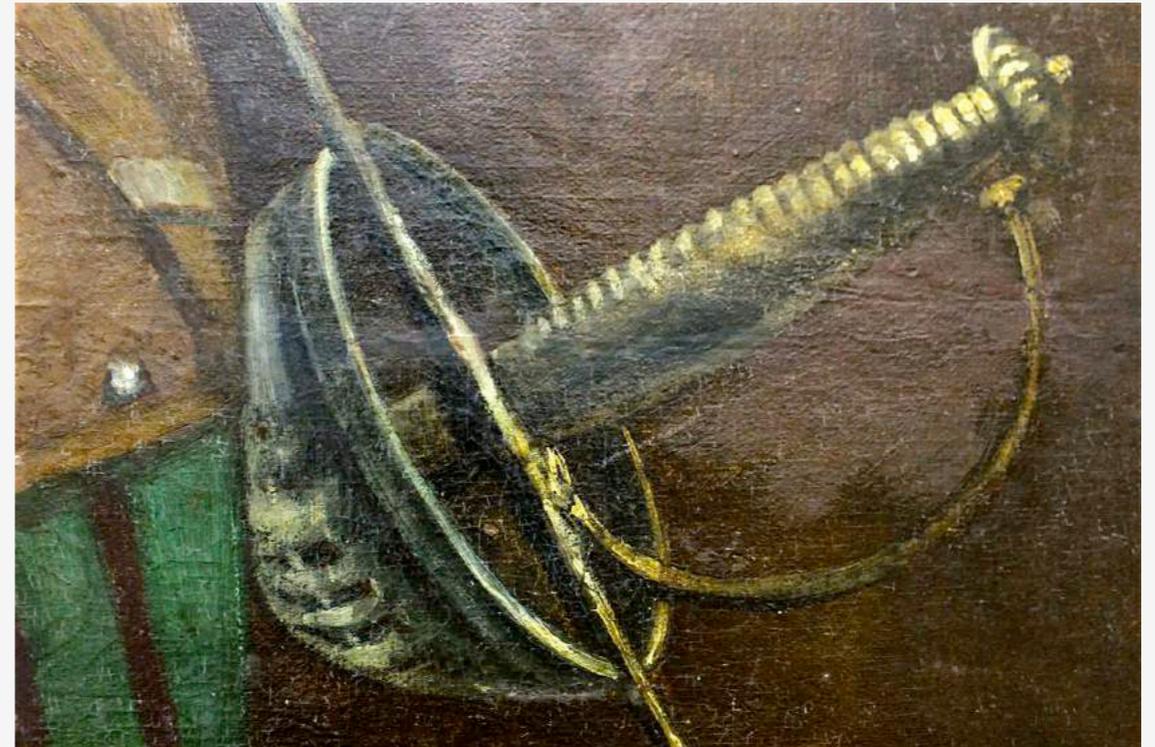
Gilberto guarda com carinho a espada que o bisavô usou para retratar o explorador e fidalgo português Brás Cubas, fundador da Vila de Santos, numa recriação artística. Na tela, pertencente ao acervo da Fundação Benedito Calixto, ele traz na cintura a espada, compondo a indumentária da época, como era comum aos endinheirados e poderosos.

4

O bisneto confirma que o artista Calixto era centrado, mas no dia a dia tinha fama de desatento. “Às vezes saía de casa sem gravata, tomava bondes errados, perdia horários e esquecia guarda-chuvas em lugares nunca mais sabidos”.

O professor Milton Teixeira, em “B. Calixto Imortalidade”, comenta:

(...) Ele ria gostosamente das próprias distrações, mas confessava sua incapacidade de corrigi-las” (...)



Detalhe do Retrato de Brás Cubas, onde o personagem aparece ostentando na cintura a famosa espada

B. CALIXTO -

Assinatura do pintor



*“Às vezes meu bisavô
saía de casa sem
gravata, tomava bondes
errados, perdia horários
e esquecia
guarda-chuvas em
lugares nunca mais
sabidos”.*

Gilberto Calixto Rios

O pintor retratado pela

História:

Dra. Wilma Therezinha F. de Andrade

A importância do artista

A importância de Benedicto Calixto como artista plástico numa República ainda em formação talvez não tenha sido mais evidente que sua inegável contribuição como documentalista e historiador. Altos funcionários, pessoas ligadas à Cultura, costumavam escrever para ele pedindo informações históricas. Há várias correspondências dele, arquivadas em importantes museus nacionais, que comprovam essa habilidade e o infinito conhecimento do artista sobre as Artes, a Cultura e a História do povo brasileiro, principalmente nas regiões litorâneas, por onde o Brasil começou a ser colonizado.

Ele sabia valorizar a paisagem. Ele registrava e documentava cenários que contam histórias. Em suas obras, predomina o uso de tons esverdeados, usava uma técnica em que as tintas mudavam de tom quando secavam. Ele acabou se tornando

referência na arte nacional e muitos artistas que surgiram em sua época - e até depois -, lançaram mão das técnicas dele para pintar seus quadros. Mas ele também foi contestado, por investir a maior parte de seu tempo - e os poucos recursos que obtinha com suas obras - em peças pequenas, de venda fácil. Além de ser muito difícil, à época, a comercialização de quadros de dimensões elevadas, ele optava pelas telas menores pelo fato de que muitos museus não tinham condições técnicas ou até mesmo físicas para acomodá-las.

Adaptação ao mercado da Arte

Assim, ele fazia quadros menores para vender. Ele vivia disso. Mas há painéis e quadros grandes também, como os retratos de Bartolomeu de Gusmão e Martim Afonso de Souza, em tamanho natural. Mas esses ele só fazia por encomenda. Temos que entender que ele era um profissional da pintura, ele precisava vender suas obras. O material de trabalho sempre foi muito caro e, no Brasil, os custos eram ainda mais elevados, pois muitas tintas e tecidos para telas eram importados, trazidos por mercadores.

Calixto fez escola, porque todo mundo começou a desejar os quadros que retratavam paisagens marinhas. No século XX, J. Sanseverino foi um dos expoentes desse tipo de variação temática na pintura, influenciado por Calixto, que acabou popularizando o tema, criando moda. Ele foi tornando-se referência ao longo dos anos. José Ferreira é outro famoso pintor santista influenciado por ele. Diversos quadros seus retratam marinhas e paisagens litorâneas exploradas anteriormente por Calixto, em outras épocas, com a pintura que retrata a Praia do José Menino. Apesar da sua fama, certa vez ele realizou uma exposição em Santos e não conseguiu vender nada.

Experiência na Europa

Calixto viveu por cerca de dois anos na Europa, onde teve a oportunidade de trocar experiências e discutir técnicas com pintores renomados. De lá, trouxe uma máquina fotográfica, que passou a utilizar como ferramenta para documentar as cenas que queria capturar posteriormente com seus pincéis e tintas. Ele foi o pioneiro desta técnica no Brasil. Em alguns casos, ele montava o cenário como se fosse um teatro, com direito a figurinos e figurantes, o fotografava e, posteriormente, o pintava. Interessante notar que Calixto

documentou as transformações pelas quais passou o País, com foco nas cidades do Litoral Paulista e tendo Santos como principal atração de seu interesse.

Calixto foi um dos mais importantes pintores de sua geração, herdando uma certa tradição artística de Manuel de Araújo Porto-Alegre, o Barão de Santo Ângelo (1806-1879), e também de Victor Meirelles (1832-1903). Um dos seus principais objetivos era revelar uma tradição tipicamente paulista em suas pinturas. Ele próprio morou praticamente toda a vida no estado de São Paulo, a maior parte do tempo em São Vicente. Retratando o litoral brasileiro, Calixto revelava sua ação patriótica, mostrando o mar, a fauna e a flora da Região.

Nota 1:

Brasileiro: Aquele que exerce a profissão de extrator de pau-brasil (século XVI). Cidadãos da época diziam-se "portugueses de São Paulo" ou "portugueses do Rio de Janeiro" quando perguntados sobre seus locais de nascimento. No século XVII começa a surgir uma camada mais culta da população, que inicia uma fase de críticas à colonização. No século XVIII, esse sentimento é reforçado com as Revoltas e as Inconfidências.

No início do século XIX, durante o processo da Independência, a população se divide em dois grupos: os portugueses que se diziam brasileiros e queriam a independência do País em relação à Coroa. E os brasileiros que se diziam portugueses e defendiam os interesses de El Rey. Quando D. Pedro declara enfim a Independência, as províncias entram em guerra. Tropas portuguesas queriam garantir a todo o custo a soberania da Coroa. Somente após essas batalhas, quando os portugueses batem em retirada, todos os habitantes do País passaram a ser reconhecidos e tratados como brasileiros. Calixto nasceu em uma família que pertencia ao grupo dos que se diziam brasileiros. Ele teve sua infância e juventude embalados pela tradição indigenista que tomou conta do Brasil no século XIX, tendo como maior expoente o escritor José de Alencar. E, assim, ele herda essa ideia de escolher a Natureza brasileira, com sua tropicalidade e exuberância, para retratar o País que tanto amava. Ele não renega a cultura portuguesa, mas ele quer mostrar que adquirimos uma cultura própria, com elementos portugueses, porém ajustados à nossa realidade tropical.

Nota 2:

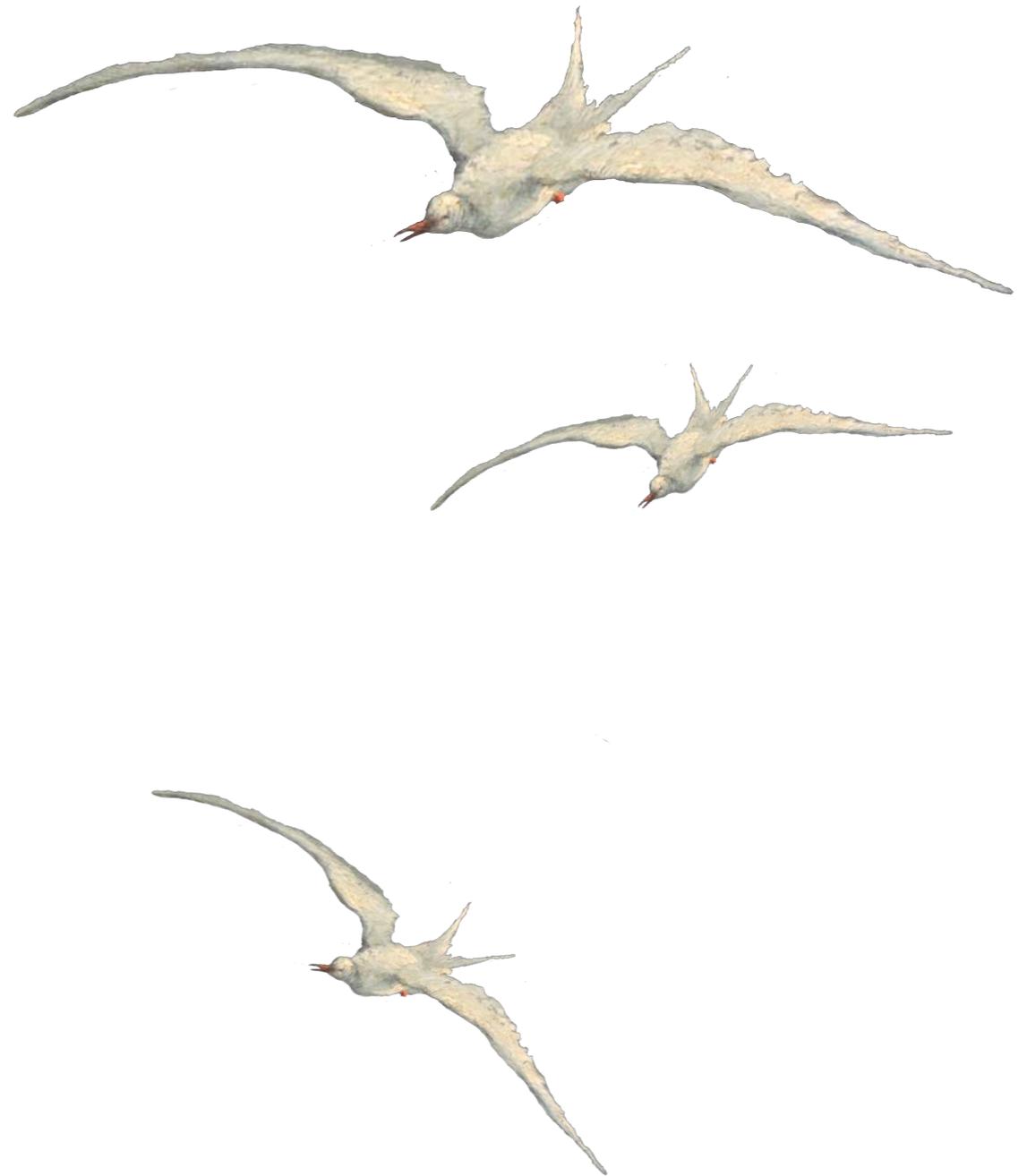
A área geográfica de Santos era muito maior que a hoje delimitada. Ela englobava os municípios de Cubatão, Bertioga e Guarujá.

Proteção ao patrimônio histórico-cultural

Com esse rico e contestador pano de fundo, ele fez parte, na Santos do início do século XX, de um importante grupo de manutenção e proteção dos monumentos históricos. Havia um grupo que defendia uma nova ideia de "progresso", que se espalhava pelo País, que promovia a derrubada dos monumentos coloniais. Mas o grupo ao qual pertencia o pintor conhecia - e defendia - a importância dos monumentos para a história e a cultura do País. Mas isso não impediu que o pobre Calixto assistisse à destruição de alguns ícones da arquitetura e cultura brasileiras, como a antiga Matriz de Santos, construída em 1734 e demolida em 1908 no local que hoje abriga a Praça da República. E a própria Capela de Jesus, Maria e José, que ficava em frente ao mar e foi retratada por ele em suas pinturas, foi derrubada em 1903.

A capela da Graça, de 1563, foi demolida em 1903. Mas Calixto conseguiu salvar o pelourinho que ficava na antiga Casa de Câmara e Cadeia de São Vicente, construída em 1724, demolida no início do século XX e cujo local abriga hoje o Mercado Municipal da cidade. O pelourinho era uma imagem que remetia à colonização, então o Brasil assistiu, por um bom tempo, a uma campanha de destruição desses sítios históricos. Ele era um marco que representava o status da província, identificando-a como uma "vila", com direito a uma casa de câmara e cadeia. Apesar de católico e de ter elementos de sua fé retratados e muitas de suas pinturas, não há indícios históricos de que a Igreja Católica agisse com promotora de sua arte.

Na gravação, a professora Wilma Therezinha refere-se ao diretor do Museu Paulista, ou Museu do Ipiranga, Afonso d'Escragnolle Taunay, ao contar a história de como Calixto conseguiu resgatar o pelourinho de São Vicente.





Wilma Therezinha Fernandes de Andrade

Historiadora

Sua arte



UM HISTORIADOR QUE PINTA

O foco da atenção de Calixto é a transformação urbana sofrida pelo litoral paulista ao longo da história, com destaque para alguns momentos de especial importância para a Nação, como o Descobrimento do Brasil, cuja reflexo na Região foi a fundação da Vila de Santos.

As pinturas de Calixto são testemunho de um momento de importante transformação sócio-econômica para o Estado: a passagem do século XIX ao XX, com o processo de modernização imposto pela indústria e o crescente consumo em massa, gerador de transformações radicais nas cidades, no interior e no litoral.

Mesmo tendo frequentado a Academia Julian, em Paris, Calixto não se encaixava no modelo impressionista de seus colegas que, ao seu ver, poderia estar ligado a movimentos anarquistas, com conotações políticas que não interessavam a um republicano como ele. Assim, optou por documentar detalhes da mudança que acontecia gradativamente em Santos e nas cidades vizinhas. Uma região marcada por uma paisagem de traços coloniais, proveniente de uma economia baseada na pesca e na agricultura.

Suas obras retratam a transformação dessa paisagem tipicamente caiçara, cuja população era formada, em sua maioria, por pescadores e trabalhadores informais a serviço do cais santista. Ele assiste, ao longo dos anos, sua mudança para uma região de maior concentração urbana, fruto da industrialização crescente de bens de consumo.

Considerado um “pintor-historiador” ou “historiador-pintor”, seus críticos acreditam que ele interpretava os assuntos



"Forte do Itapema e Outeirinhos", marinha sem data de Calixto

que pesquisava em documentos e livros. Assim, o foco de sua atenção é a transformação urbana sofrida por Santos ao longo da história, com destaque para alguns momentos de especial importância para a Nação: o do descobrimento do Brasil, com a fundação da Vila de Santos; a independência (1822), com o retrato de José Bonifácio; e a Proclamação da República (1889), retratada por ele em 1893.

Seus ideais republicanos, destoantes do academismo que tomava conta das Artes, o levavam a pintar a modernidade da cidade, o progresso em harmonia com a natureza local.

"Calixto não podia ser considerado "acadêmico": não teve formação propriamente acadêmica; privilegiava o gênero paisagístico, visto como contraposto à academia; recusava um acabamento demorado da pintura e não lançava mão de referências a grandes mestres, recursos esses valorizados pela tradição acadêmica por demonstrarem respectivamente técnica aprimorada e erudição; incorporava a imagem de pintor excluído, separado da sociedade e em contato com a Natureza, que, na Europa, correspondia à de vários pintores impressionistas".¹

Visitar a obra de Benedito Calixto requer um olhar atento e observador, tamanha a riqueza de detalhes encontrada nas telas do artista. Seja nas paisagens e marinhas, retratos, composições históricas ou sacras, seu acervo representa um registro de uma época importante, estabelecendo uma linha invisível entre o Brasil bucólico do fim do período imperial com o início do processo de modernização do país, impulsionado pelo advento da Velha República.

Calixto soube dosar em nuances as cores tropicais do litoral paulista que ele tanto desenhava, devido ao alto grau de conhecimento que detinha da região onde nasceu. Não por acaso era chamado de "o pintor caiçara". Nas marinhas e paisagens do cotidiano, deu vazão à sua origem, demonstrando fina sintonia com o meio ambiente: céu,

(1) Lorena Avellar de Muniagurria - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

montanha, mar, embarcações e um povo, ainda à procura da sua identidade cultural, em comunhão com a Natureza.

Antes de começar a dar forma às pinturas, costumava desenhar linhas a lápis na tela, como parâmetros de suas composições, principalmente nas marinas, paisagens e cenas arquitetônicas. Assim alcançava refinamento, simetria e perspectiva que alinhavam-se em justaposição de cores, dando um aspecto harmonioso à obra. Além disso, ele tinha o talento artístico inconfundível ao juntar técnica apurada a elementos rudimentares, conseguindo um volume expressivo de informações dentro da pintura sem, no entanto, destoar do cenário.

Mesmo não sendo um artista contestador, tinha uma visão à frente do seu tempo. Isso fica claro quando adota a postura pioneira de utilizar a fotografia para dar suporte às cenas que pretendia pintar. Fotografava e depois desenhava na tela a imagem captada, imprimindo realismo às suas telas.



"Primeiro Martírio de São Sebastião" - Data desconhecida

Calixto era um amante da Natureza e como tal soube equilibrar o meio ambiente com a arquitetura da época. E conseguia com apenas uma pincelada formar desenhos com o volume da tinta, uma característica ímpar da sua verve artística. Em perspectiva, as silhuetas humanas aparecem

N
U
S





com nitidez, mas aproximando-se da tela não passam de um borrão de tinta.

“Ele tinha uma grande capacidade de representar e definir formas com agregados de manchas, as quais em conjunto formam composições únicas.”, observa a restauradora Márcia Rizzo. “Com um único pingo de tinta podia definir uma pessoa (vulto) no horizonte e com dois traços uma gaivota”.

Calixto era um pintor destemido, tinha nas mãos e nas tintas o controle daquilo que na mente idealizava criar. Tanto que não perdia o foco quando dava corpo aos grandes painéis, como o conhecido “Fundação de Santos” (1922), um dos trabalhos mais famosos do pintor, composto para a Bolsa do Café de Santos (hoje Museu do Café). Ele conseguiu recriar com precisão e maestria, sem perder a concentração, todo o ambiente daquele momento histórico - um trabalho que levou dois anos para ser concluído.

Como historiador, deixou registrado nos seus quadros a evolução do Porto de Santos, tão presente em várias de suas pinturas, mesmo antes de ser inaugurado oficialmente, em 1892. Cada tela mostrava a já importância do Porto na economia brasileira, sem perder de vista o desenvolvimento gradativo da cidade em torno do cais. Explica Caleb Farias Alves, em “Benedito Calixto, Um Pintor à Beira Mar”:

“(…) As telas Porto de Santos (1889); O Porto de Santos (1890), durante a crise do transporte; As obras do Cais (1890), e Vista da Cidade de Santos (1922), mostram o lento processo de substituição dos trapiches por modernos sistemas de carga e descarga dos navios. Pelas datas podemos acompanhar a proximidade entre uma pintura e outra. Calixto pinta assim entre vários registros temporais. Ele pinta o passado e o presente e, desse modo, as tendências futuras (...)”.

Calixto trouxe à luz o litoral paulista. Seu conhecimento de causa o credenciou a fornecer informações sobre a região a historiadores, políticos e intelectuais de peso no cenário brasileiro, a ponto de chamar a atenção de personalidades como Rui Barbosa (político/jurista/escritor), Euclides da Cunha (escritor) e Washington Luiz (político), conforme seu próprio relato, extraído de um artigo publicado no Jornal A Tribuna de 23 de março de 1925 e intitulado: “Benedicto Calixto, um pescador”:

“Em uma dessas saídas - mar fora - ainda Vicente (de Carvalho, amigo pessoal do artista) me arrastou. Euclides da Cunha e outros literatos de renomada tomaram parte dessa expedição marítima o Vicente, pacientemente, pescava nas escarpas rochosas e nos remansos na Ilha de Búzios”.

Não produziu apenas por desejo, muitas das obras foram criadas sob encomenda do diretor do Museu Paulista, ou Museu do Ipiranga, Afonso d'Escagnolle Taunay. No Museu estão algumas de suas obras de maior relevância, como a "Inundação da Várzea do Carmo", que representa com profunda exatidão o panorama da São Paulo de 1892.

Nem sempre o trabalho de Benedito Calixto teve o reconhecimento da crítica, que o olhava com uma certa desconfiança, pois ele não vinha da Academia Imperial de Belas Artes (Rio de Janeiro), que ajudou elaborar a identidade nacional por meio da pintura histórica, como a "Primeira Missa no Brasil" (1860), de Victor Meirelles, e "O



Detalhe do quadro "**Revoada de Maio**", 1890



Detalhe do "**Retrato de Brás Cubas**" - 1903

Desembarque de Cabral" (1922), de Oscar Pereira da Silva. Da mesma escola veio também Pedro Américo, autor de "O Grito do Ipiranga" (1888).

Mas em meio a tantos nomes de destaque, sobretudo da pintura paulista, pode-se dizer que Calixto fez a diferença, ousando colocar o seu olhar solitário e certo em um Brasil em formação, tanto do ponto de vista histórico como geográfico. Percebe-se que teve uma preocupação com a genealogia paulista, como na Fundação de São Vicente (1900), fazendo uma descrição minuciosa dos costumes, da família, e do poder político, religioso e social vigentes. Assim destacou-se, mesmo porque era um exímio paisagista, não

ficando preso somente a acontecimentos históricos, indo buscar na Natureza cenas ao mesmo tempo bonitas e repletas de informações pontuais, que poderiam sanar muitas dúvidas no futuro.

Nesse sentido, entre outros inúmeros trabalhos, encontramos no conjunto da sua obra "Ruínas da Casa de Pedra de Martim Afonso" (sem data), em São Vicente, "O Naufrágio do Sírio" (1907) e "O Rancho dos Tropeiros" (sem data), construído em 1831 e demolido em 1920.

Mas foi em "Auto-Retrato" (1923), ao chegar aos seus 60 anos de idade, que parece expor toda sua segurança como artista. Não poupou o traço para definir-se fisicamente. Com base em uma fotografia de si mesmo, com seus pincéis e paleta junto ao peito, sugere a potência do seu trabalho e o sentimento de amor que sentia pela pintura.

Calixto deixou registrado o comportamento de uma época e a política vigente nas últimas décadas do Brasil Império e início republicano. Foi um visionário, olhando aquele momento não só pela ótica do artista, mas também como historiador. Assim, pôde deixar o seu testemunho dos acontecimentos em forma de pintura às gerações futuras.



Olhar técnico

Márcia Rizzo é especialista em restauro de obras de arte. Ela é doutoranda em Química Analítica no Instituto de Química da Universidade de São Paulo (IQ - USP), com pesquisa na área de ciências ligada à conservação e restauração do patrimônio artístico e cultural. Em 2013, teve a oportunidade de analisar algumas obras de Benedicto Calixto, com aparelhos e sensores de alta tecnologia. Na sua opinião, as telas do pintor ficam ainda mais interessantes quando observadas e/ou fotografadas com técnicas específicas de restauro.

Ela explica que, no espectro eletromagnético, a parte da radiação que chamamos de "luz visível" fica no intervalo de comprimento de onda entre 400 e 700 nanômetros (nm). Diferentes tipos de iluminação para observação e documentação com luz visível podem nos fornecer informações adicionais sobre uma obra de arte. A luz rasante nos permite ver a textura da pintura, enfatizando o relevo das pinceladas. A luz transmitida pode nos dar informações sobre o tipo e o estado de conservação do suporte (tela).

Podemos ainda usar a radiação abaixo (comprimento de onda menor do que 400 nm) ou acima (comprimento de onda maior do que 700 nm) do intervalo da luz visível para investigarmos algumas coisas.

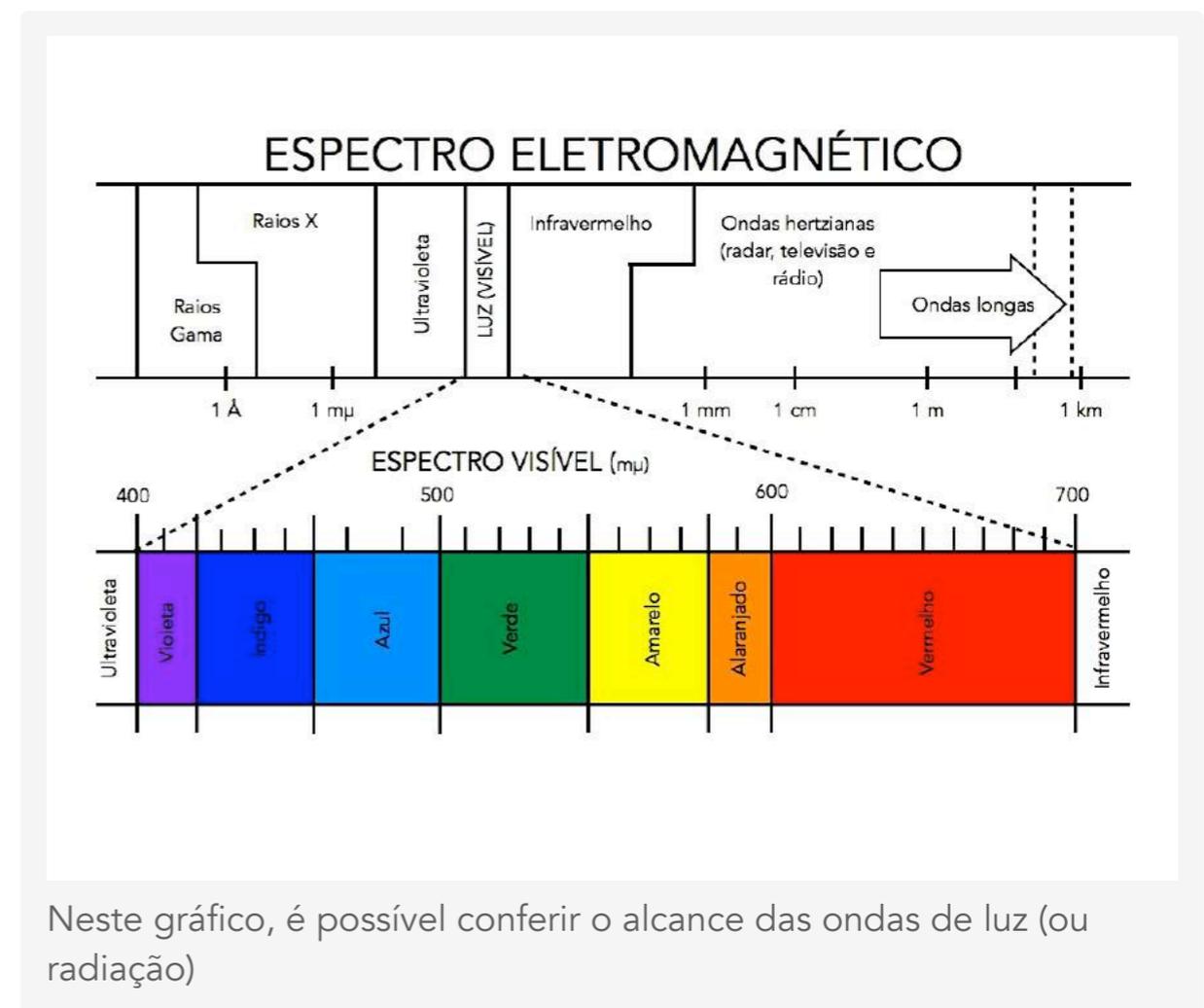
A radiação ultravioleta (UV), por exemplo, é muito utilizada para identificação de materiais em diversas áreas, como: a médica, a forense, a biológica e a de restauro. Ela fica no intervalo compreendido entre 10 e 400 nm, sendo dividida entre UVA (320-400 nm), UVB (280-320 nm), UVC (185-280 nm) e UVD (10-185 nm). A utilização mais comum é a indução de fluorescência visível nos materiais, a qual pode ser observada e/ou fotografada. Diferentes tipos de materiais absorvem, emitem e transmitem diferentemente a radiação UV (fig 15 UV da fig 14).

Diversos materiais utilizados em obras de arte fluorescem no visível, quando irradiados com UV: óleos, gomas e resinas; adesivos; alguns pigmentos; e muitos outros materiais orgânicos e inorgânicos. Com a radiação UV é possível diferenciar a pintura original das intervenções posteriores, como retoques ou repinturas (fig 1; fig. 15 UV da fig. 14).

Já a fotografia com radiação infravermelha (IV), nos permite ver desenhos e inscrições que estão abaixo da camada pictórica, nos dando informações sobre a técnica do artista.

“Benedicto Calixto costumava desenhar linhas a lápis na tela como parâmetros de suas composições antes de começar a pintar. Principalmente nas marinas, paisagens e cenas arquitetônicas, com o auxílio da tecnologia acima descrita, é possível ver sob a pintura, retas determinantes da composição, pontos de fuga, etc.”.

Márcia revela que, na pintura de Calixto, muitas vezes a tridimensionalidade se dá pelo próprio volume e textura da pincelada, a qual acompanha o desenho. O contraste entre a



textura lisa e o relevo (fig. 2) faz com que a pintura vibre aos olhos do espectador.

Ele também utilizava um tipo de perspectiva aérea característico, onde as cenas de fundo e distantes são azuladas tendendo ao roxo (fig. 3 detalhe da fig. 10; fig. 11 detalhe da fig. 12). As cenas em primeiro plano são mais detalhadas e definidas enquanto que as distantes são apenas insinuadas.

Ele tinha uma grande capacidade de representar e definir formas com agregados de manchas (fig. 13 detalhe da fig. 11), as quais em conjunto formam composições únicas (fig. 7 detalhe do fig. 8).

Um único pingo de tinta certo pode definir uma pessoa (vulto) no horizonte (fig. 5 e 6), dois traços definem uma gaivota (fig. 4), as quais são presentes nas marinhas, nas cenas arquitetônicas e até alegóricas. As vezes com a intervenção de algum instrumento pontiagudo ao invés de colocar, retira a tinta fresca da tela dando a impressão de leveza (fig. 10 detalhe da fig. 9; fig. 13 detalhe da fig. 11).





Figura 1



Figura 2



Figura 2a

Imagens cedidas pela restauradora Márcia Rizzo



Figura 3



Figura 4

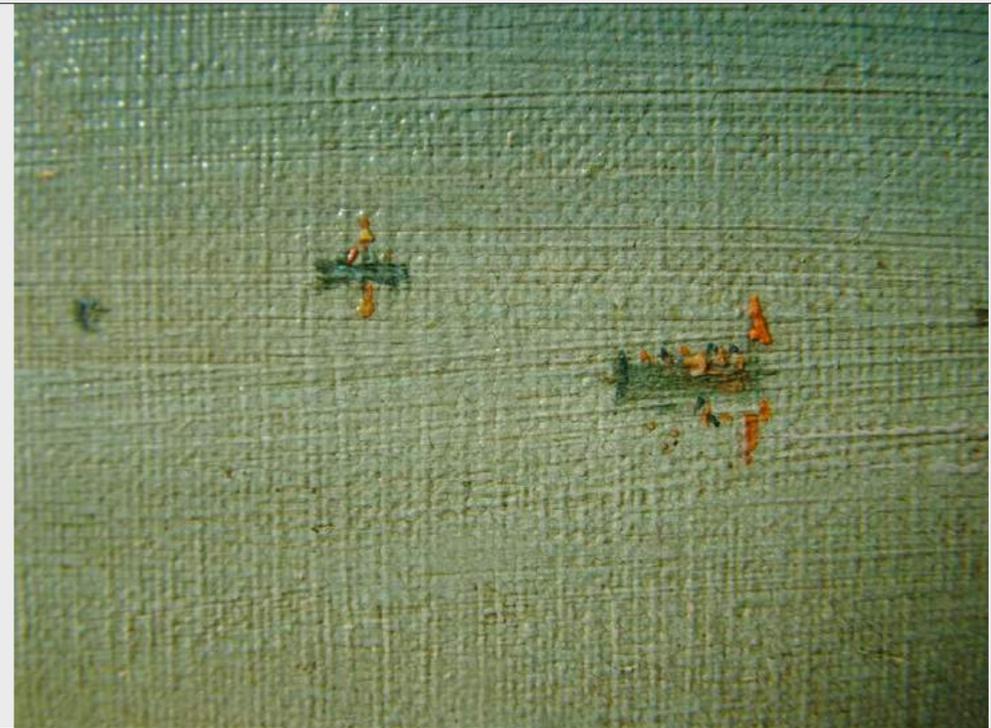


Figura 5



Figura 6

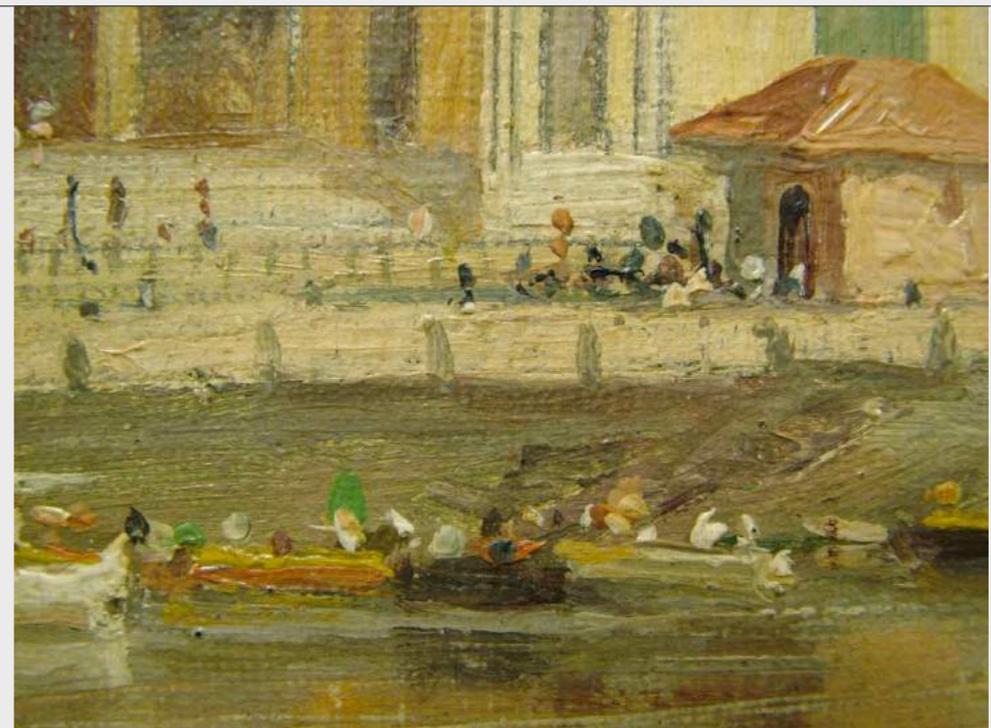


Figura 7



Figura 8



Figura 9

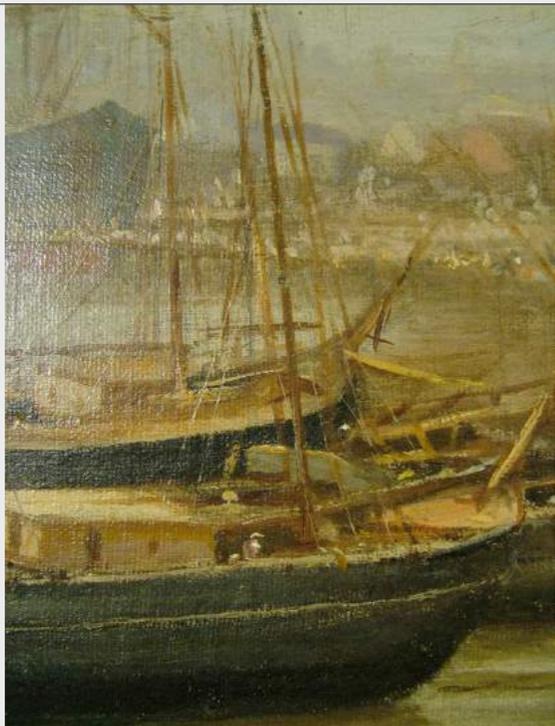


Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15

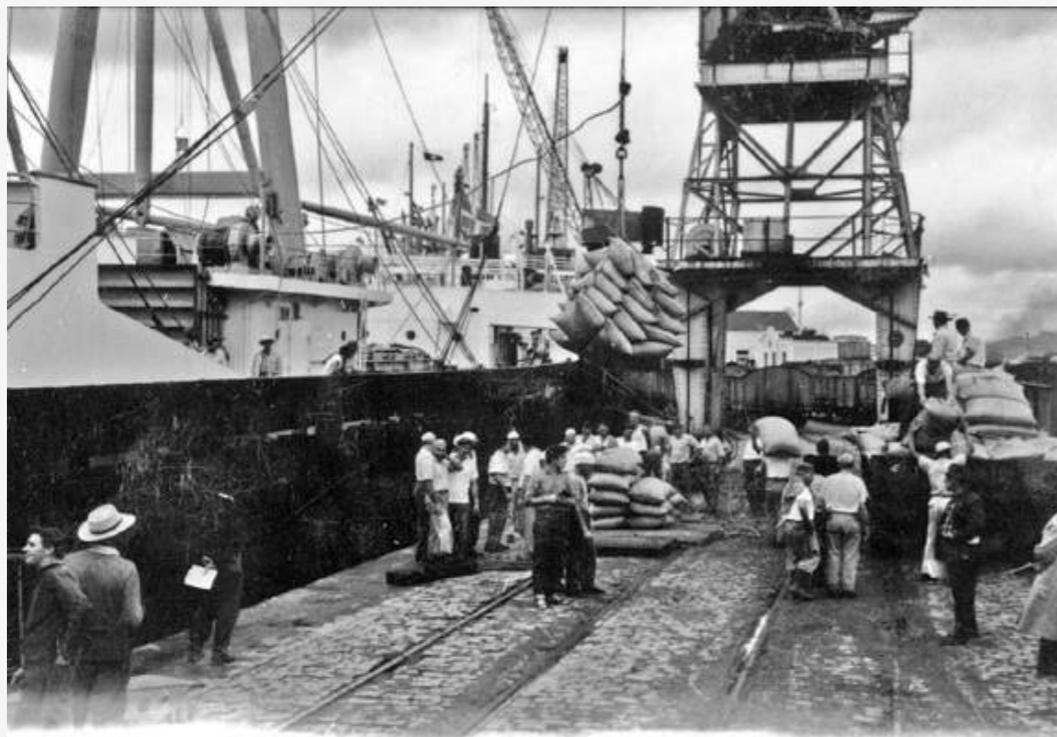
*“Calixto é capaz de
criar imagens com uma
única pincelada.
Pessoas, animais,
objetos surgem na
paisagem idealizada, de
forma sutil e harmônica,
criados com um único
gesto do pincel”.*

Márcia Rizzo

Restauradora



Inspiração



“O povo santista é polido, afável, obsequioso, franco; a riqueza que lhe proporciona o comércio de sua cidade, fá-lo generoso, até pródigo. E tem nervo, tem brio: é o único povo que eu julgo capaz de uma revolução nesta pacata província”.

Júlio Ribeiro

Escritor

Para compreender melhor os temas que serviram de inspiração a Calixto, é preciso mergulhar na História do Brasil à época, mais precisamente na História de Santos e da Baixada Santista, onde ele passou a maior parte de sua vida. Como era sua gente e seus costumes? E as cidades? Quais eram os modismos ou necessidades que moviam as pessoas?

Calixto nasceu no início da segunda metade do século XIX. Nessa época, Santos tinha uma população de mais ou menos 7.500 habitantes e era praticamente uma extensa área de manguezal, com exceção de um quadrilátero de aproximadamente 750 mil metros quadrados, que se localizava onde é hoje o Centro da Cidade e o Valongo.

A área era delimitada a leste pela Rua da Palha ou Josefina, atual Constituição, e a oeste pela Rua do Valongo, incorporada depois pela Estação de Trens do Valongo. Ao norte ficava o mar e ao sul a Rua do Rosário, atual João Pessoa.

O povo santista levava uma vida simples; o homem era responsável pelo sustento da casa, geralmente trabalhando em atividades portuárias, e a mulher cuidava da educação dos filhos e do lar.

Nessa época, a literatura brasileira começa a viver as primeiras influências do Realismo. O escritor Júlio Ribeiro,



O escritor Júlio César Ribeiro, nascido em Sabará, Minas Gerais, em 1845. Morreu em 1890, em Santos, aos 45 anos. Em "A Carne", os personagens Lenita e Barbosa vivem uma paixão sensual. O crítico Padre Senna Freitas criticou duramente o romance à época, chamando-o "A Carniça"

em seu livro "A Carne", escrito em 1887, refere-se aos caiçaras da seguinte maneira:

"(...) O povo santista é polido, afável, obsequioso, franco; a riqueza que lhe proporciona o comércio de sua cidade, fá-lo generoso, até pródigo. E tem nervo, tem brio: é o único povo que eu julgo capaz de uma revolução nesta pacata província (...)".

Como não havia água encanada, as mulheres tinham que procurar locais adequados para lavar as roupas. O mais conhecido pelas lavadeiras era a Pedra da Feiticeira, uma nascente de águas límpidas, que ficava numa trilha que

começava na Rua da Palha.

Todo o comércio acontecia nas "Casinhas", considerado o primeiro mercado de Santos destinado à venda de alimentos. As "Casinhas" eram pequenos espaços comerciais que

ocupavam, desde 1800, um terreno entre as ruas Setentrional e Meridional, que deram lugar hoje à Praça da República. Descreve Ribeiro:

"(...) Na praia, a poucos metros da água, um mercado pantopolista: sobre mesas de mármore, estendem-se alinhados, com reflexos de aço, de prata, de ouro, os peixes admiráveis do lagamar e do alto - as tainhas gordas, de focinho rombo; os paratis que são diminutivos deles; as corvinas corcovadas, pardas; os galos espalmados, magros; os pargos de dentes e de beijo redondo, carnudos; as pescadas do alto, fulvas, enormes; os linguados vesgos, delicados; as solhas, linguados gigantescos, macias, chatas; as garoupas atarracadas, escondendo sob formas brutas um mundo de delícias gastronômicas; as pescadinhas ranças, argêntas, com um fio de ouro e verde a sulcar-lhe os flancos; os bagres lisos, visquentos, feios; os camarões brancos, arroxeados, com longas barbas, em rodas, sobre tampos de vime; os caranguejos peludos, morosos, batendo uns nos outros a couraça sonora; os siris azulados (...)".

Alguns metros antes da Rua do Valongo, ficava a Rua do Sal, atual José Ricardo, que naquele tempo era apenas uma ruela coberta com pedras irregulares. Durante o dia, a todo tempo se ouvia o som dos cascos dos animais puxando caçambas - repletas de sal -, dos barcos para os armazéns, em um lado

da rua. Do outro lado, ficavam os sobrados que serviam, ao mesmo tempo, de residência, escritório e armazém para os comerciantes.

Quando caía a noite, as ruas tornavam-se escuras demais, pois a cidade não contava ainda com iluminação pública. Então o trabalho cessava. O barulho dos animais e dos estivadores, grupo formado em sua maioria por escravos, era interrompido.

O clima, segundo esta descrição de Júlio Ribeiro, era terrível:

“(..). Santos é uma miniatura do inferno. Os dias são horríveis; se não há chuva, o que é raro, o sol queima, esbraseia a terra, a ponto de se poderem fritar ovos sobre as pedras das calçadas. Tão detestável é a terra, o clima em Santos, quanto apreciável é o peixe, quão superior é o homem: maus fatores a darem produtos excelentes, verdade paradoxal, mas verdade irrecusável, absoluta. (...)”

Formada em sua maioria por católicos, a comunidade santista era muito religiosa. Aos domingos, as famílias iam à missa, geralmente na Capela de Jesus, Maria e José, que ficava na Rua da Praia, atual Tuiutí. Ela serviu como local de culto das famílias santistas durante 111 anos, até ser demolida, em 1902.

O Cemitério do Paquetá, em Santos, onde o pintor está enterrado, foi construído no ano de seu nascimento. O terreno, que à época ficava perto do Rio dos Soldados, foi comprado em 1851, pelos vereadores da Câmara Municipal. Lá perto já se encontrava o antigo Cemitério dos Estrangeiros ou Cemitério dos Protestantes. Em 1853, foi construído o muro que o cerca, com direito a grades e portão de ferro. No dia 18 de outubro do mesmo ano, os primeiros sepultamentos começaram.

A Capela de Santo Cristo, que fica no centro do terreno, foi inaugurada em 1855. Os dois espaços laterais, referentes à sacristia e à morada dos guardas, hoje usados para o escritório da administração, foram construídos em 1880.

Conta o historiador Olao Rodrigues, em seu “Almanaque de Santos”, de 1971:

“Antes de 1853 os enterramentos eram feitos no chamado quintal de Santo Antônio, atrás do antigo Convento (ala destruída para construção da Estrada de Santos a Jundiá); antes de 1850 as pessoas classificadas eram enterradas nas igrejas e nos adros e pátios das igrejas: Carmo, Santo Antônio, Matriz N. S. das Graças, Rosário, São Francisco, São Bento”.



Retratos de ex-votos no Brasil eram comuns na época em que viveu Calixto. Eles podem ter influenciado suas obras sacras

Música

No final do século XIX, os ritmos populares mais comuns eram a valsa, a polca, o lundu e o maxixe. Aos poucos, instrumentistas se dedicam à nova maneira de tocar, que mais parecia um lamento ritmado, ainda sem nome. Alguns chamam de tango brasileiro. Outros, de corta-jaca, devido aos gestos característicos da dança adequada ao ritmo. O nome com que o estilo viria finalmente a ser conhecido, em fins dos anos 1910, seria choro ou chorinho.

O jornalista e crítico Ronaldo Evangelista escreve, em artigo para o site Almanaque Brasil:

“Um dos primeiros músicos a fixar as raízes do que se tornaria o mais brasileiro dos ritmos foi Joaquim Callado, nas décadas de 1860 e 1870. Flautista, compositor e professor, Callado teve o mérito de ser o primeiro a misturar a então popular música europeia com ritmo e sensibilidade afros. Quando surgiu, sempre relacionado a outros estilos e danças, como maxixe e lundu, o choro era coisa feia, indecorosa, de gente amoral. Ruy Barbosa chegou a dizer que a dança do corta-jaca era “a mais baixa, mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens”. Mas o estilo já ganhava o gosto do povo, que vencia preconceitos”.

Arquitetura

A segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX foram marcadas pela expansão das exportações de café, escoadas pelo porto santista. O intenso movimento de cargas resultou numa ampliação dos limites do centro da cidade, que começou crescer em direção à orla da praia. Assim, a prosperidade induzida pela economia cafeeira permitiu a construção de inúmeras edificações marcantes, registro da opulência vivida pelos santistas durante a infância e a adolescência de Calixto.

A fama de cidade próspera teria movido o pintor a sair de Itanhaém para morar em Santos, segundo historiadores. Afinal, ele nascera em um vilarejo com menos de mil habitantes, em sua maioria formado por pescadores e a gente simples de uma ocupação litorânea ainda em formação. Calixto sabia que um artista não sobrevive sem público e - crucial para sua evolução e sobrevivência - apoiadores de sua arte. A mesma razão o teria levado a morar em Brotas por alguns anos, antes e depois de casado.

No ciclo cafeeiro, os novos padrões de arquitetura representavam o período Neoclássico. Adotado como o estilo do império por suas qualidades de grandeza e austeridade, serviam a um governo constitucional e parlamentarista, embora conservador, escravista e preso a um modelo agro-exportador dependente do capitalismo inglês.

Explica Fábio Eduardo Serrano, mestre em Arquitetura e Urbanismo (FAU/USP), em monografia que integra o livro "Café - Santos & História", de 1995:

"Em Santos, o principal conjunto neoclássico está situado no bairro do Valongo, porque ali se instalou o terminal ferroviário em 1867. Como o cais do porto só foi construído 25 anos depois, as mercadorias a serem exportadas eram

descarregadas no local e transportadas em carroças para os trapiches dispostos ao longo da "praia". A Estação Ferroviária então inaugurada não tinha as características atuais, mas apenas dois antecorpos e não três como atualmente, nem a cobertura à inglesa nem o corpo elevado central com o relógio.

A construção da estação estabeleceu o modelo de desenvolvimento urbano a ser adotado no ciclo do café em Santos: a substituição ou a transformação dos elementos constitutivos da estrutura urbana existente, ou seja, a construção de uma nova cidade sobre a existente, o que implicou na destruição quase total da cidade colonial - ao contrário, por exemplo, da opção feita anos mais tarde pelos mineiros, cuja nova capital preservou a Ouro Preto colonial."

Calixto não só assistiu à construção do Teatro Guarany como foi chamado para fazer os entalhes e a pintura na parte interna do edifício, em 1882. O trabalho rendeu ao pintor a ajuda que necessitava para sua viagem a Paris.

O projeto inspirara-se na antiga tradição neoclássica do Teatro São Carlos de Lisboa, de 1792 e do Teatro São João do Rio de Janeiro, de 1810. Sua fachada austera possuía um frontão no corpo central, eliminado durante uma reforma realizada no início do século XX. A intervenção foi tão radical

que modificou sua fachada para um desenho eclético. O sobrado, na esquina da Rua Amador Bueno com a Praça dos Andradas, é um dos mais importantes do estilo em Santos. Principalmente pela série de aberturas em arco pleno.

Esclarece o professor Fábio Serrano:

“Com a Proclamação da República, em 1889, a Arquitetura enfrenta novas transformações, devido a diversos aspectos sociais, econômicos e culturais. A Inglaterra, por exemplo, havia perdido posição como fornecedora de materiais manufaturados, sofrendo a concorrência de outros países europeus, como Alemanha, Bélgica e França. A arquitetura de alguns edifícios santistas, como o banco francês da Praça Mauá, reflete bem esse período. Na Rua XV, esquina com Rua Dom Pedro, outro edifício, construído por um banco



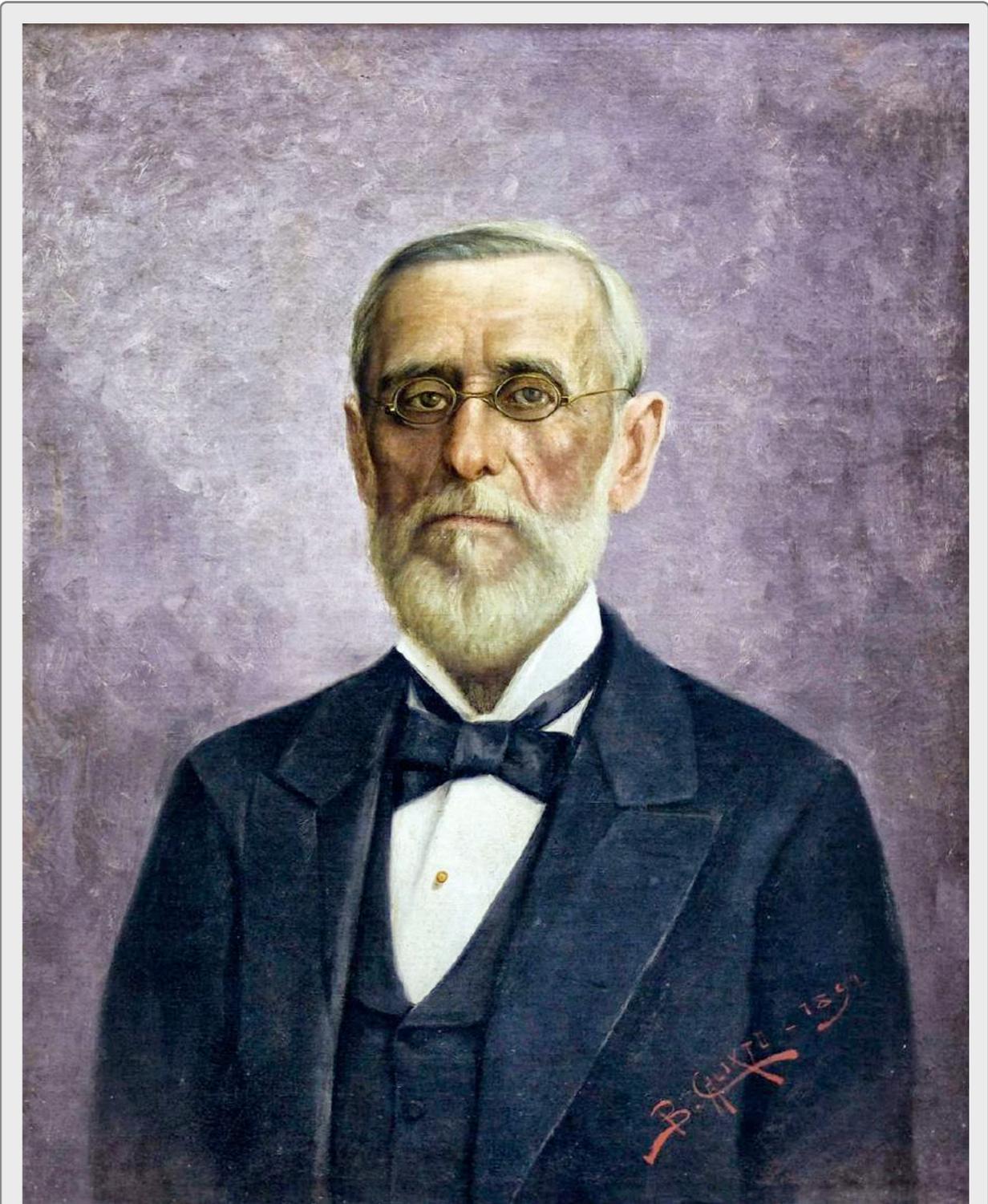
italiano, ostenta uma fachada cujo desenho remonta às tradições renascentistas florentinas. A Ponte Pênsil, em São Vicente, construída para sustentar os dutos para descarga da rede de esgotos de Santos na ponta de Itaipu, é obra da indústria alemã”.

Com o início das imigrações, nas primeiras décadas do século XX, um novo movimento começa a se formar, influenciado pelas inovadoras técnicas construtivas trazidas pelos estrangeiros, além da capacidade de executar obras mais complexas em pedra, madeira, estuque e metais. O ecletismo, segundo Serrano relata em sua monografia, “foi a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto”.

Dessa maneira, a partir do final do século XIX, o ecletismo e o urbanismo desenvolveram-se na mais perfeita simbiose. A cidade teve que se adaptar ao crescimento no número de habitantes, veículos e serviços. Diante dessa realidade, o urbanismo se ateve a duas linhas de atuação: a intervenção na cidade preexistente, com a abertura de novas praças e artérias por questões de trânsito, estética e higiene; e a segmentação das funções urbanas, com a expansão de

novos bairros residenciais, em especial os burgueses, separados dos bairros administrativos e comerciais.

“A última grande obra pública eclética, erudita e de linguagem clássica foi a sede da Prefeitura, na Praça Mauá, um projeto que incluiu não só o edifício, mas também o paisagismo do local e a regulamentação do gabarito dos edifícios com frente para a Praça. Mas foi uma das expressões do ecletismo, o Art Nouveau, que inspirou a construção da residência da Bartolomeu de Gusmão”.



Retrato de Trajano Alípio de Carvalho Mendonça - 1890

Contribuição à memória

Davidson Panis Kaseker, diretor do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP), é um admirador da obra de Benedicto Calixto, que na sua opinião se destaca por trazer à iconografia brasileira cenas que nenhum outro pintor da mesma geração teria autoridade para fazê-lo. Uma vez que grande parte da obra do artista é importante contribuição à memória das cidades de São Paulo, Santos, São Vicente, entre outras localidades paulistas.

“O surgimento do porto de Santos, as transformações das cidades, a ocupação humana e a conquista do território brasileiro refletem o enorme apreço de Calixto pela documentação e revelam sua preocupação com a pesquisa da história dos lugares e dos povoamentos”.

Para Kaseker, assim como Almeida Júnior e outros pintores da mesma geração, Calixto deu grande contribuição ao que se pode entender como a construção da identidade iconográfica brasileira, sobretudo ao registrar as peculiaridades do cotidiano, o provincianismo, a vida pacata. E que de certa forma, essa imagética permanece fortemente associada à ideia de identidade brasileira, ainda que essa discussão tenha sido alçada contemporaneamente a novos patamares.

Embora as paisagens do artista sejam protagonizadas por cenas do final do Império e início da República, ressalta que nelas estão presentes as marcas da arquitetura colonial entremeadas a empreendimentos que emergem trazendo a modernidade. E é sobretudo, este período de transição, que Calixto documenta, não se resumindo apenas às edificações, mas também imortalizando personagens das ruas. “E tal como a obra de Debret, que retrata um Brasil ainda colonial no Rio de Janeiro, Calixto contribui para desvendar os traços coloniais do litoral paulista”.

Na sua avaliação, há algo de singular na trajetória percorrida por Calixto em relação aos seus contemporâneos. Enquanto Almeida Júnior, Pedro Alexandrino e Oscar Pereira se consagraram por buscar um valor artístico intrínseco às suas naturezas mortas e às suas paisagens, Calixto se entregou

com subserviência à documentação da paisagem litorânea, apegando-se ao registro da remanescência de traços coloniais na arquitetura em meio à acelerada urbanização das cidades, valendo-se da fotografia como base estrutural para seus trabalhos. Sem, no entanto, que suas pinturas deixassem de ser admiradas também por suas qualidades puramente estéticas.

Para Kaseker, Benedicto Calixto foi singular em vários aspectos. Dentre eles, um ponto já apontado pelos críticos, refere-se à consciência da bidimensionalidade da pintura e a fidelidade do colorido às paisagens locais, embora tenha se apropriado de maneira bastante pessoal no uso dos verdes, azuis e ocres. “Arrisco dizer que o maior diferencial foi justamente o seu amor à região litorânea, à paisagem onde os homens podiam entrar em comunhão com a natureza e consigo mesmo”.

E esse sentimento de apego aos lugares, e à sua gente, diz ele, é que o fez dedicar-se à pesquisa, desenvolver conhecimentos geográficos e a ocupar-se da história, estabelecendo nesta seara um diálogo fértil com a sua pintura. Ressalta que esse olhar diferenciado à região, fazendo jus às suas origens, é bastante peculiar e representa uma contribuição imensurável para a preservação do patrimônio histórico local.

Ele também não deixa de dar o seu parecer sobre as críticas de Filinto D’Almeida à técnica de Benedicto Calixto. Não o faz como especialista em história da arte, mas movido por sentimentos que permitem a ele que se expressasse como “um simples apreciador” da arte de Benedicto Calixto.

“Ao que se sabe, Filinto D’Almeida era um polemista que se destacou na imprensa calorosa da época, chegando à Academia Brasileira de Letras como poeta parnasiano. Sua obra, porém, caiu no ostracismo e a obra do pintor das marinhas paulistas está reconhecida até hoje como referência da arte pictórica brasileira na virada do século XIX para o século XX. Quanto à técnica de gradação das cores que possibilitaria o efeito de profundidade, trata-se de um cânone da época. A afirmação do crítico é uma bobagem, puro preconceito por Calixto ser um autodidata.”

E conclui: “Calixto se apropria das cores de uma forma muito pessoal, é verdade, mas sobretudo foi um grande pesquisador da técnica, retratando as mesmas cenas por diversas vezes para explorar nuances de luminosidade, num exercício que revela o seu grande compromisso com a arte enquanto ciência da representação do real”.

“O acervo da Pinacoteca Benedito Calixto é de extrema valia e deve ser motivo de orgulho para Santos poder sediá-lo. Ainda que boa parte de sua obra composta por aproximadamente 700 obras, das quais 500 são catalogadas, esteja nas mãos de colecionadores particulares, longe do alcance do público, ou distribuída pelos acervos de igrejas, fundações e museus, dentre eles a Pinacoteca de São Paulo e o Museu Paulista, o acervo da Pinacoteca Benedito Calixto é bastante representativo das três principais fases do artista - a primeira dedicada às paisagens e marinhas; a segunda aos temas históricos que lhe eram particularmente familiares; e a última a assuntos religiosos que tinham íntima relação com o seu profundo espírito cristão.

Se as suas telas mais consagradas estão na Pinacoteca de São Paulo e no Museu Paulista, em contrapartida aqui em Santos estão os desenhos com estudos de nudez e dezenas de obras do pintor, entre retratos, paisagens e marinhas. Além de o acervo ser cuidado com zelo extremado, a Pinacoteca ainda mantém o Centro de Documentação Benedito Calixto, a biblioteca e espaços de exposições temporárias de arte contemporânea que dialogam com a obra do artista praiano, ocupando um prédio, cuja história e arquitetura por si só têm grande relevância. É importante que o interior do Estado e o litoral paulista mantenham equipamentos artístico-culturais dessa qualidade e magnitude”.

Davidson Panis Kaseker

Diretor do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP)

“Calixto se entregou com subserviência à documentação da paisagem litorânea, apegando-se ao registro da remanescência de traços coloniais na arquitetura em meio à acelerada urbanização das cidades”

Davidson Panis Kaseker

“A Pinacoteca Benedicto Calixto tem papel emblemático na vida da Cidade de Santos. Além de ocupar e preservar o patrimônio arquitetônico do imponente Casarão Branco na avenida Bartolomeu de Gusmão, na orla do Boqueirão, dá ênfase à obra e à memória de Benedito Calixto de Jesus, considerado um dos maiores expoentes da pintura brasileira do início do século XX, aproximando sua arte do povo.

O espaço, parceiro da Prefeitura de Santos, também é importantíssimo para o fomento cultural na Região Metropolitana da Baixada Santista. Cito como exemplo o trabalho que vem sendo desenvolvido com a Secretaria Municipal de Cultura, no projeto Santos Porto de Leitura, desde o início de 2013. A ação abre espaço para que escritores da Baixada apresentem suas obras à população, sempre acompanhados de performances de artistas da região, gratuitamente.

O futuro também é promissor. O projeto para a construção do Museu de Arte Moderna e Contemporânea em terreno atrás do Casarão, colocará a Cidade, que vive seu franco desenvolvimento, em posição de destaque nos calendários nacional e internacional, situando toda a região, de forma definitiva, na rota dos grandes eventos culturais do mundo. A Prefeitura, como não poderia ser diferente, apoia tamanha iniciativa.

Acredito, assim como as pessoas que são responsáveis pela administração deste importante espaço, que a arte seja um dos caminhos para a consolidação da cidadania. A cultura, em seu sentido mais amplo, é estimulada pela reflexão proposta pelas mais variadas formas de manifestações artísticas, acolhidas na Pinacoteca Benedicto Calixto, um patrimônio da Baixada e de sua população.”

Raul Christiano de Oliveira Sanchez

Secretário de Cultura de Santos



Inclusão Digital

Para o presidente da Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto, Mario Flávio Leme de Paes e Alcantara, um museu pode mudar o papel de uma cidade e transformar a vida de uma comunidade. Isso porque atualmente pessoas se deslocam por toda parte em busca de novidades e o turismo alavanca a economia de regiões que guardam referências arquitetônicas, históricas, artísticas ou documentais.

O Museu Guggenheim, do arquiteto Frank O. Gehy, é um bom exemplo, na opinião de Alcantara. A obra instalada em Bilbao, na Espanha, causou um impacto altamente positivo na cidade, que passou a figurar entre os importantes roteiros da Europa, ao lado de outros belos edifícios como o do Museu Arte de Ordrupgaard, em Copenhague, assinados pela iraniana Zaha Hadid. Esta nova linguagem urbana chegou ao Brasil na forma revolucionária do Centro de Arte Contemporânea Inhotim, que descortinou para o mundo a pequena cidade de Brumadinho, em Minas Gerais.

“Santos, por suas características geográficas sempre foi, por natureza, um valioso produto turístico, mas a caminho da modernidade teve que reconhecer suas deficiências e assumir tarefas que se referem à complexa dinâmica da vida das cidades que estão sendo tocadas pelo desenvolvimento. Para isso, a Pinacoteca implementou programas escolares de visitação, centrando esforços em uma política que desenvolve e oferece projetos educativos, visto que, como espaço de memória e de expansão das fronteiras do conhecimento, a Pinacoteca Benedicto Calixto oferece uma narrativa do passado, assim como reflexões sobre o presente. Desta forma, o projeto que leva centenas de alunos mensalmente ao museu, complementa o currículo escolar, sensibiliza crianças e adolescentes para novas formas de expressão e estimula o pensamento crítico e analítico das futuras gerações”.

A Fundação Pinacoteca também tenta compensar o espaço limitado para exposições promovendo parcerias com curadores, colecionadores, produtores, professores e grupos de criação que incrementam a agenda com originalidade e iniciativas que seguem em várias direções. Além das exposições temporárias de artistas bem posicionados, nacional e internacionalmente, fazem parte do calendário de eventos gratuitos da Pinacoteca atrações literárias, teatrais,

cinematográficas e musicais; além de oficinas, cursos, encontros e palestras.

“Ainda que fora dos corredores culturais do país, podemos considerar que a Pinacoteca Benedicto Calixto transgrediu a regra que orienta a maior parte dos museus nacionais, que estão longe de serem caracterizados como instituições de sucesso. Alguns porque encontram-se com instalações e acervos em péssimas condições de conservação, outros porque continuam observando o interesse do público sob a ótica da indiferença.

Apesar das recorrentes dificuldades orçamentárias e falta de políticas públicas consistentes que amparem os museus brasileiros, conseguimos revolucionar a nossa própria história e graças ao empenho de gestões comprometidas e equipes profissionais envolvidas, rompemos barreiras e preconceitos históricos”.

Alcantara afirma que a Pinacoteca Benedicto Calixto passou a receber pessoas que nunca haviam pisado em um museu e elas tomaram posse de um espaço de humanização, socialização e troca que realmente lhes pertence. E que, só por isso, todo o esforço empenhado já teria válido a pena.

“Mas queremos mais e vamos seguir adiante, tocando os projetos em andamento e debruçados sobre um

planejamento de médio e longo prazo, para manter a instituição viva e atuante, acompanhando a linguagem contemporânea. Neste quesito, priorizamos a informatização, de modo a modernizar, qualificar e democratizar ainda mais o museu que, por meio da internet amplia a sua vocação de instrumento difusor de cultura e informação”.



“Mais uma vez, graças à articulação entre a instituição e a iniciativa privada, avançamos para além das redes sociais e dos canais convencionais de comunicação on line. Tendo como parceira a BITCom, empresa santista de Comunicação Digital, a Pinacoteca Benedicto Calixto se coloca na vanguarda como o primeiro museu latino-americano a lançar um livro-documentário digital com acesso totalmente livre e gratuito para consulta.

Trata-se de uma ferramenta interativa de acesso virtual a bancos de dados setoriais, que tratam a arquitetura da sede, a importância do acervo, a vida de Calixto e sua trajetória artística, a técnica usada na criação das obras catalogadas, além da contextualização do artista e sua obra no momento histórico.

Todo este conteúdo é fruto de pesquisa realizada por profissionais da BITCom, que também realizaram um esmerado trabalho de registro fotográfico.

Dada a complexidade do projeto, os internautas terão acesso a imagens inéditas do acervo permanente registradas em alta definição, vídeos, fotos, animações e uma trilha musical composta exclusivamente para este projeto.

Servir às necessidades de contemplação, informação e consulta dos nossos visitantes, sempre foi uma preocupação constante em cada etapa de construção e consolidação da Pinacoteca Benedicto Calixto. Mas temos que admitir que, por mais persistentes, não imaginamos dar um salto tão largo no sentido da inclusão digital, da preservação e projeção dos valores da cultura brasileira.

Continuamos empenhados em melhorar constantemente o serviço público que prestamos e, desde já, aproveitamos para agradecer a todos aqueles que nos visitarem presencial ou virtualmente”.

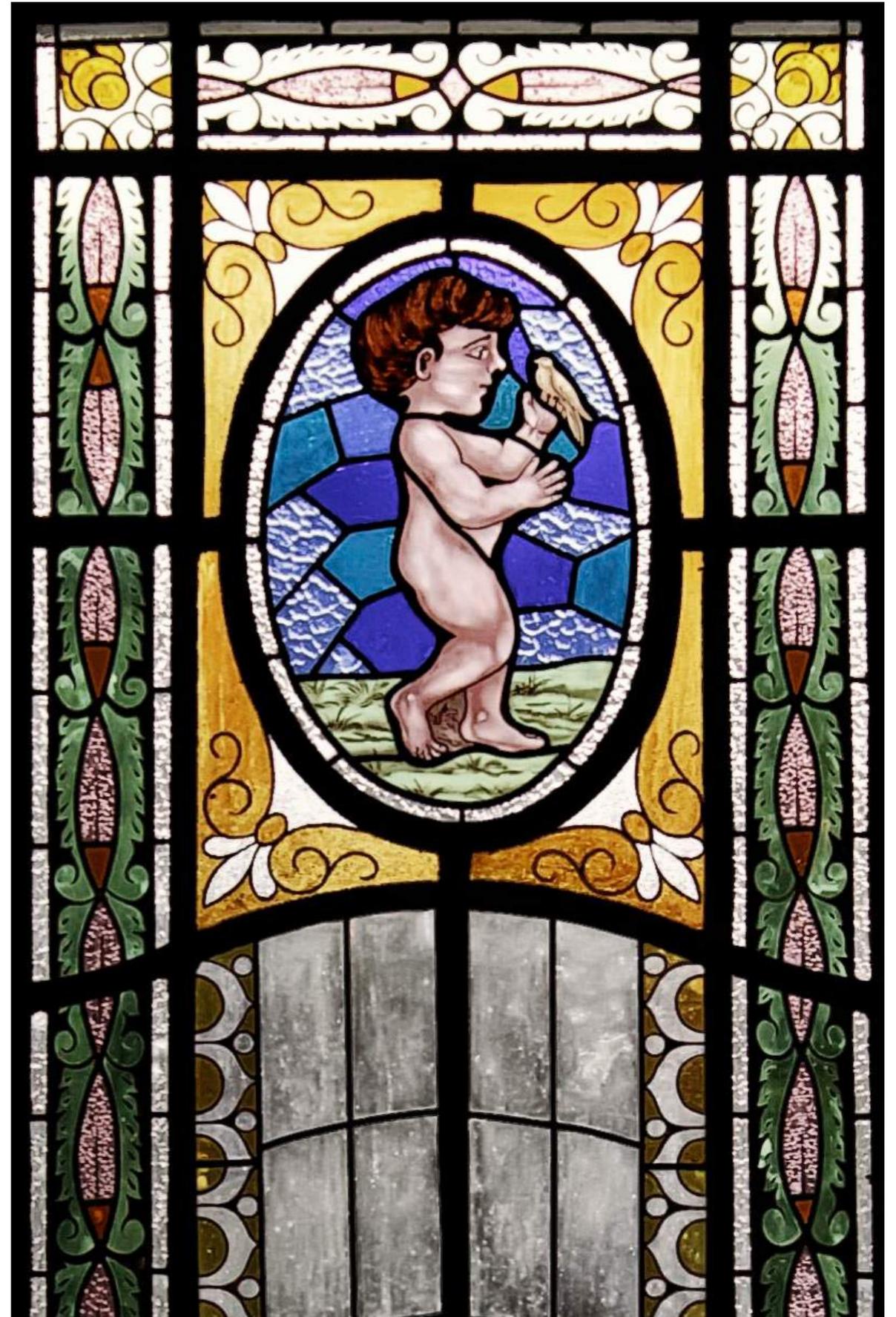
Mario Flávio Leme de Paes e Alcantara

Presidente da Pinacoteca Benedicto Calixto



O Casarão

O Casarão, em estilo eclético, destaca-se por um de seus principais gêneros, o Art Nouveau, um movimento considerado romântico, Neobarroco e anti-histórico, que fez escola na Europa entre 1890 e 1910 e chegou ao Brasil nos primeiros anos da República.



Estilo e resistência



ERA DE OURO

O imóvel que abriga a Pinacoteca é um símbolo da Era de Ouro do café. Ele guarda até hoje lembranças do modo de vida das famílias ricas da época, responsáveis pela construção de mansões imponentes na orla da praia. Assim começou a expansão urbana da cidade de Santos.

Construído como residência em 1900, pelo alemão C. Anton Dick, o casarão que hoje abriga a Pinacoteca Benedito Calixto guarda até hoje lembranças do modo de vida das famílias ricas da época, que prosperaram com a exportação do café. Essas famílias, atraídas pela possibilidade de morar perto da praia, iniciaram a construção de casarões luxuosos na orla, a partir da metade século XIX.

Com o crescimento das exportações de café, devido à grandeza e importância do porto santista, a população foi crescendo e novos bairros foram surgindo. As antigas trilhas indígenas, que cortavam a cidade, foram alongadas, dando origem a ruas e avenidas. Começava então a desenhar-se a malha urbana da Santos que hoje conhecemos.

Em 1872, com a abertura do Caminho Novo da Praia (atual Avenida Conselheiro Nébias), foi possível inaugurar a primeira linha de bondes puxados a burros, que ligava a orla ao centro. Em 1885, turistas de diversas partes do Brasil chegavam à região para conhecer a Biquinha do Itararé e o bairro do Paquetá, em Santos, um dos mais famosos. Nessa época, o passeio de bonde até o bairro do Boqueirão torna-se uma atração turística muito procurada, pela quantidade enorme de chácaras em frente ao mar, com casarões imponentes, pertencentes aos exportadores de café.

O alemão C. Anton Dick era proprietário de um curtume no bairro do Japuí, em São Vicente. Quando decidiu pela construção de uma casa imponente, a idealizou em estilo eclético para ocupar o terreno de número 15 da Avenida Bartolomeu de Gusmão, no bairro do Boqueirão, em pleno auge da era cafeeira. Pintado de branco originalmente, assim suas paredes permaneceram durante o século que se seguiu.

O projeto ainda não contemplava a varanda superior projetada, nem a entrada para carros, construídas tempos depois. Além disso, a escadaria principal interna ostentava um estilo mais simples.

Dick e sua família viveram por alguns anos no casarão até que sua esposa adoeceu. Desesperado, vendeu o imóvel com toda a mobília e voltou para a Alemanha, na Europa, carregando consigo apenas pertences pessoais.

A mansão destaca-se por um de seus principais gêneros, o Art Nouveau, um movimento considerado romântico, neobarroco e anti-histórico, que fez escola na Europa entre 1890 e 1910. Ele defendia a utilização da arte visual como elemento essencialmente decorativo, visando colocar em relevo o valor ornamental de uma linha de origem floral ou geométrica, determinando formas tridimensionais, delicadas e sinuosas.

O Art Nouveau estendeu-se a todos os campos das manifestações artísticas, como Arquitetura e Urbanismo, Desenho Gráfico, Publicidade e Desenho de Objetos. Chegou ao Brasil nos primeiros anos da República, com o nome de Arte Floral, estendendo-se até quase o Modernismo.

Em Santos, o Art Nouveau foi utilizado em poucos edifícios e monumentos, muitos deles já demolidos. O monumento a Brás Cubas, na Praça da República, é um dos remanescentes. Sua base de mármore branco tem um friso esculpido com motivo floral art nouveau. O imóvel que abriga a Pinacoteca possui diversos detalhes decorativos art nouveau, mesclados com a decoração clássica. Daí sua classificação como eclético em estilo.

Em 1910, o empresário Francisco da Costa Pires compra a casa dos Dick e muda-se para lá com a esposa, Zulmira de Barros Pires, e sete filhos. Em 1913, e com mais dois filhos nascidos no imóvel, o patriarca enfrenta dificuldades financeiras e decide vendê-la.

Ele muda-se então com a família para um imóvel na Rua Brás Cubas, no Centro. Em 1921, já com o décimo filho nos braços e com a situação financeira regularizada, o casal decide comprar novamente o casarão. Os oito anos que se



A casa que abriga a Pinacoteca é rasgada por vitrais coloridos, com imagens que remetem à era cafeeira

passaram durante a ausência da família Pires, porém, lhe foram prejudiciais. Comprado pelo Asylo de Inválidos, encontrava-se muito deteriorado pela má conservação. A reforma, Francisco saberia depois, implicaria até em revisão estrutural da fachada e das colunas de sustentação.

Pires chamou o arquiteto Maurílio Porto e o engenheiro civil Dalberto Moura Ribeiro para planejar e executar a obra, que só pôde ser concluída dois anos depois, já com o estilo eclético que apresenta hoje. Em 1923, o casal muda-se novamente para o sobrado com os filhos.

Naquele tempo, o bonde já contrastava com a paisagem marinha da orla do Boqueirão. Eram os primeiros sinais das mudanças radicais que a modernidade traria a Santos. Entre

os vizinhos do casal Costa Pires, ilustres personalidades santistas, como José Vaz Guimarães; o cônsul da Suécia em Santos, Oscar Lundquist; e a família de Núncio Malzoni. Como características comuns, as casas tinham pergolados de madeira, caramanchões e jardins suntuosos. Foi nessa época que começam a surgir nas residências as garagens para automóveis. Com a riqueza proporcionada pelas exportações, os primeiros veículos Ford brasileiros já circulavam pelas ruas da cidade.

O mobiliário da casa, deixado para trás por Dick, havia sido projetado por Nicasio Costillas Filho, em estilo Luís XV. A sala de jantar, por exemplo, tinha uma mesa com quatro metros de comprimento e a madeira possuía entalhes que ornavam com os rodapés do imóvel. Painéis em madeira esculpida na



sala de música reproduziam liras musicais, inclusive nas sanefas das cortinas.

Mas eram os jardins o local preferido de convívio entre os membros da família e os amigos. Eles foram projetados com canteiros centrais de desenhos sinuosos. Os geométricos pergolados de madeira protegiam a família do sol nos diversos lanches da tarde lá compartilhados e preparados pessoalmente pela mãe, Zulmira.

Em 1935, porém, a economia paulista ainda tentava se recuperar - sem sucesso - de duas arrasadoras crises econômicas que afetaram negativamente as operações de exportação de café pelo porto de Santos. E a situação financeira da família Pires complica-se novamente. Com a quebra da Bolsa de Nova York, o empresário se vê obrigado a vender diversas propriedades para saldar dívidas, entre elas a residência da Avenida Bartolomeu de Gusmão.

Comprado pela Cia. Sul América de Capitalização, o imóvel é alugado para as instalações de uma pensão. Os negócios com a hospedaria prosperaram até 1938, quando o espanhol Antônio Canero, proprietário de um conhecido ferro-velho da cidade, decide comprar a casa. Ele muda-se com a família para lá e passa a cuidar dela com zelo. Em 1939, chama Ciríaco Gonzalez, responsável pela construção de

importantes edifícios de Santos, entre eles o Teatro Coliseu, para construir uma garagem no terreno. No mesmo ano, a caixa d'água, com sua torre vertical, é construída nos fundos.

Após o falecimento de Canero e sua esposa, no final dos anos 70, os filhos decidem vender a casa. Nessa época, a maioria dos imóveis ao redor já havia sido demolida. Os que restaram, haviam sido transformados em hospedarias para turistas de veraneio.

Com a construção da Via Anchieta, em 1947, a Cidade enfrenta uma nova corrida imobiliária na orla da praia. Desta vez, os casarões acabam dando lugar aos primeiros prédios, com muitos andares e apartamentos, bem mais lucrativos para os investidores.



Em outubro de 1979, numa tentativa de salvar o Casarão, o prefeito Carlos Caldeira Filho decide pela desapropriação do imóvel. Um dos herdeiros da família Canero, porém, não concorda com o valor oferecido pela prefeitura. E decide mover uma ação contra o Executivo santista. Tempos depois, ainda durante a ditadura militar, o desinteresse na recuperação de posse atrasou as negociações e o Casarão

Branco começou a enfrentar seus dias mais difíceis. Precisando de dinheiro, o herdeiro dos Canero, que tentava negociar com a prefeitura, acabou autorizando um ambulante de praia a instalar-se lá, com a possibilidade de sublocação. Assim, a casa acabou dividida em dezenas de cômodos, com madeirites e tábuas, para receber 29 famílias sem moradia.

Suas maçanetas de bronze, recortes de mármore e até mesmo os vitrais internos foram desaparecendo. Árvores do jardim foram derrubadas para alimentar as fogueiras que eram acesas durante o Inverno nas áreas internas, sobre o antigo piso de pinho de riga.

Transformada em cortiço, a casa sobreviveu à depredação e ao abandono até 1985, quando o então prefeito Oswaldo Justo retoma o processo de desapropriação e emissão de posse ao município.

Uma comissão municipal de Estudos sobre a questão é nomeada e atrai diversas personalidades santistas, como a historiadora Wilma Therezinha Fernandes de Andrade. Surge então a proposta de fazer valer a lei de 1962, que criava a Pinacoteca Benedito Calixto, mas que nunca havia sido colocada em prática.

O tombamento do imóvel junto ao Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Estado (Condephaat) já havia sido requerido por Wilma Therezinha no ano anterior, em 1984. O trabalho apresentado pela historiadora e endossado por importantes autoridades locais, reuniu inúmeras cópias de documentos, plantas e fotografias. Um abaixo-assinado com cerca de 500 assinaturas também foi entregue na oportunidade.

Em sua justificativa, os cidadãos e autoridades pediam a atenção dos técnicos do Condephaat para o fato de que a casa seria um dos raros exemplares do início do século XX que sobreviveu à especulação imobiliária. Além disso, explicavam no documento que os jardins do imóvel funcionavam como um ecossistema em miniatura, por causa das numerosas árvores de grande e médio portes, em sua maioria frutíferas.

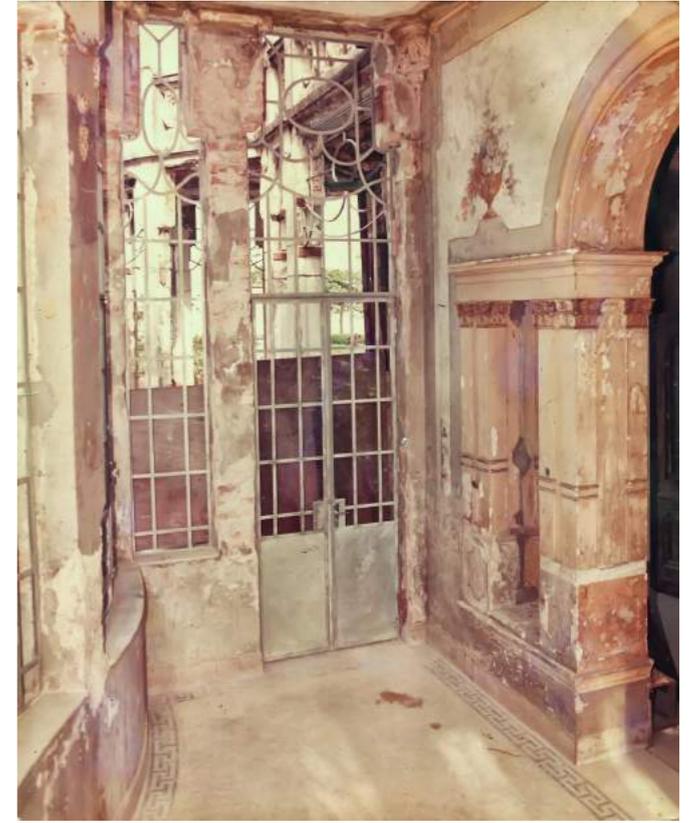
A DEGRADAÇÃO DO CASARÃO E O TRABALHO DE RECUPERAÇÃO

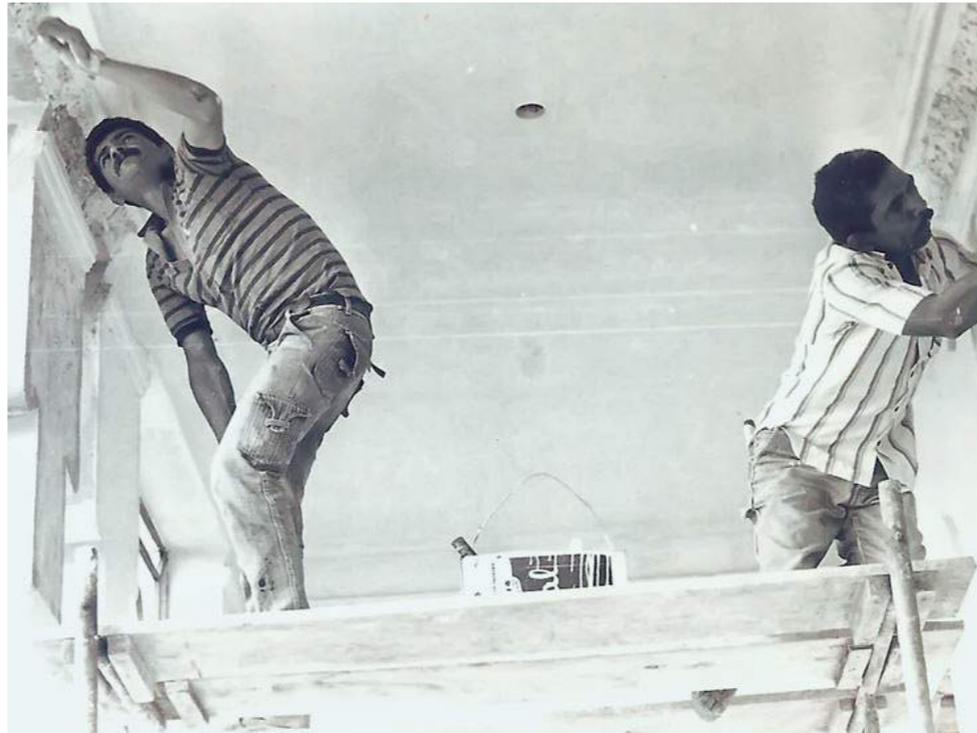
Fotos: Acervo Pinacoteca Benedicto Calixto











Dois anos depois, já na administração da então prefeita Telma de Souza, finalmente o Casarão Branco começou a passar por um processo minucioso de restauração, sob o comando da pintora e artista plástica Nazareth Motta Leite.

A Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto surgiu em 1986, como forma de oferecer à instituição uma estrutura jurídica e administrativa. E assim tiveram início os trabalhos de restauro da residência, que se estenderam até 1992, data de inauguração da Pinacoteca. Foram seis anos de obras lentas, detalhadas e de difícil execução. Da estrutura original, só haviam restado no imóvel as paredes externas, tamanho o estado de degradação. Todas as salas e quartos tiveram de ser reconstruídos.



O piso foi refeito, assim como todo o trabalho de adequação estrutural. O vitral da escadaria foi recuperado pela Casa Conrado, que também restaurou as peças do Jardim de Inverno. A empresa foi a responsável pela confecção dos originais, na década de 1920.



Assinatura da Casa Conrado em vitral recuperado

A Casa Conrado é uma importante referência brasileira nesse segmento, sendo autora dos vitrais que ornaram importantes imóveis da cidade de São Paulo, entre eles o mercado Municipal, Estação Júlio Prestes e o Teatro Municipal.

Enquanto os funcionários da Prodesan (Progresso e Desenvolvimento de Santos S.A) reformavam a estrutura arquitetônica, a equipe de Nazareth Motta Leite devolvia ao Casarão seu teor artístico ao refazer todos os desenhos decorativos de época das paredes, tetos, e recuperando peças originais que compunham o visual colorido e sofisticado *art nouveau* dos ambientes.

A também artista plástica, Maria Cristina Motta, filha de Nazareth, participou do trabalho de restauro, que durou sete anos. “Minha mãe fez questão de que tudo fosse feito à mão, por ser mais valorizado, por manter a individualidade e durar mais”. Um acerto que mantém fiel os ornamentos originais nas barras das paredes e tetos, com suas cores, detalhes e relevos preservados, como observa Cristina ao chamar atenção para o resultado final do trabalho em equipe.

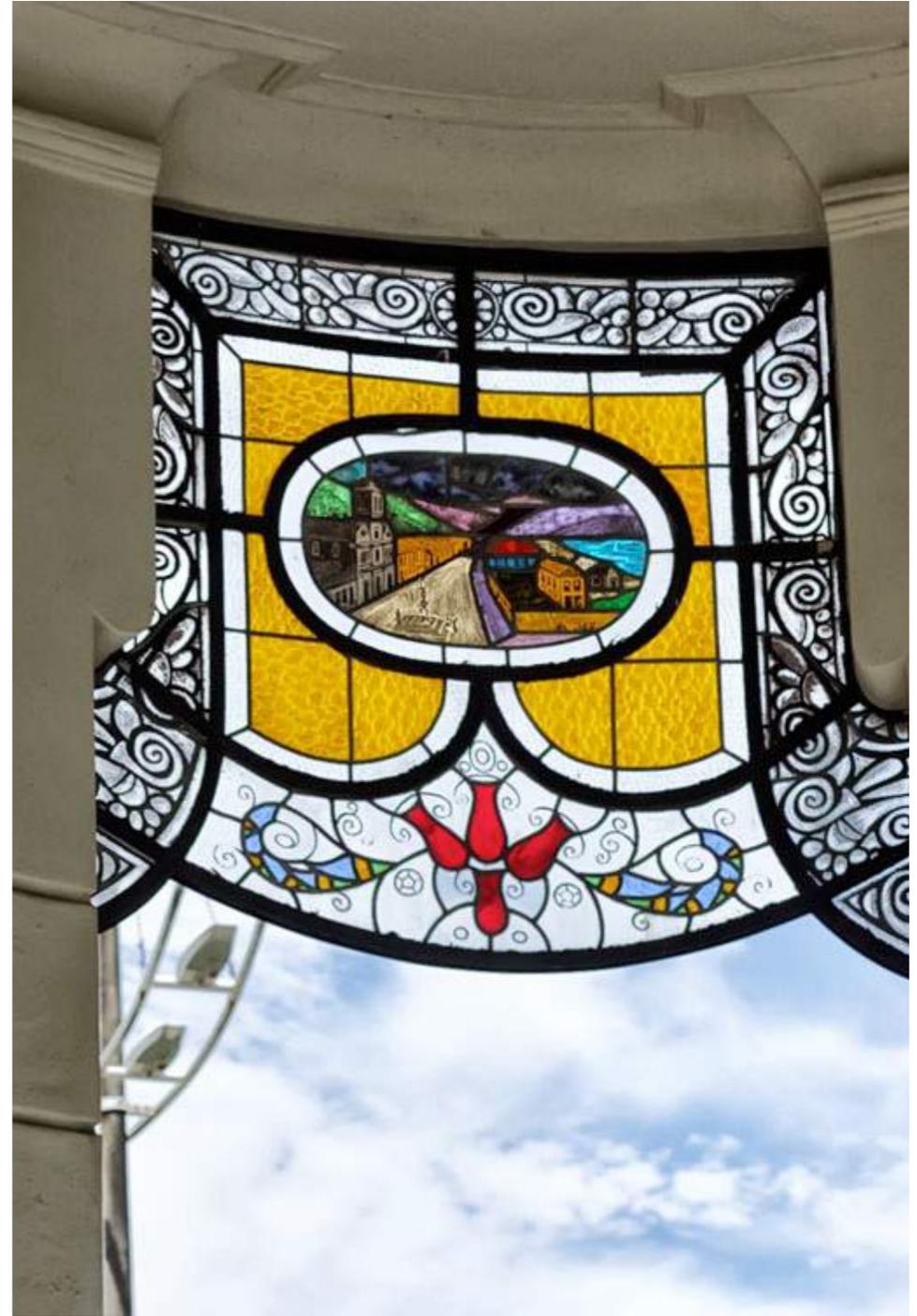
A preocupação com a perfeição era tanta que a própria Nazareth tomou para si a incumbência de misturar as cores das tintas para chegar o mais próximo possível das tonalidades originais dos desenhos, já que a tinta usada era o acrílico, que é mais perene que a tinta a óleo e difícil de ser trabalhada por conta de suas cores vibrantes. E no caso da reforma em questão, foi necessário sempre manipulá-las com um ou dois tons rebaixados para que as nuances chegassem bem próximas de um contexto mais antigo.

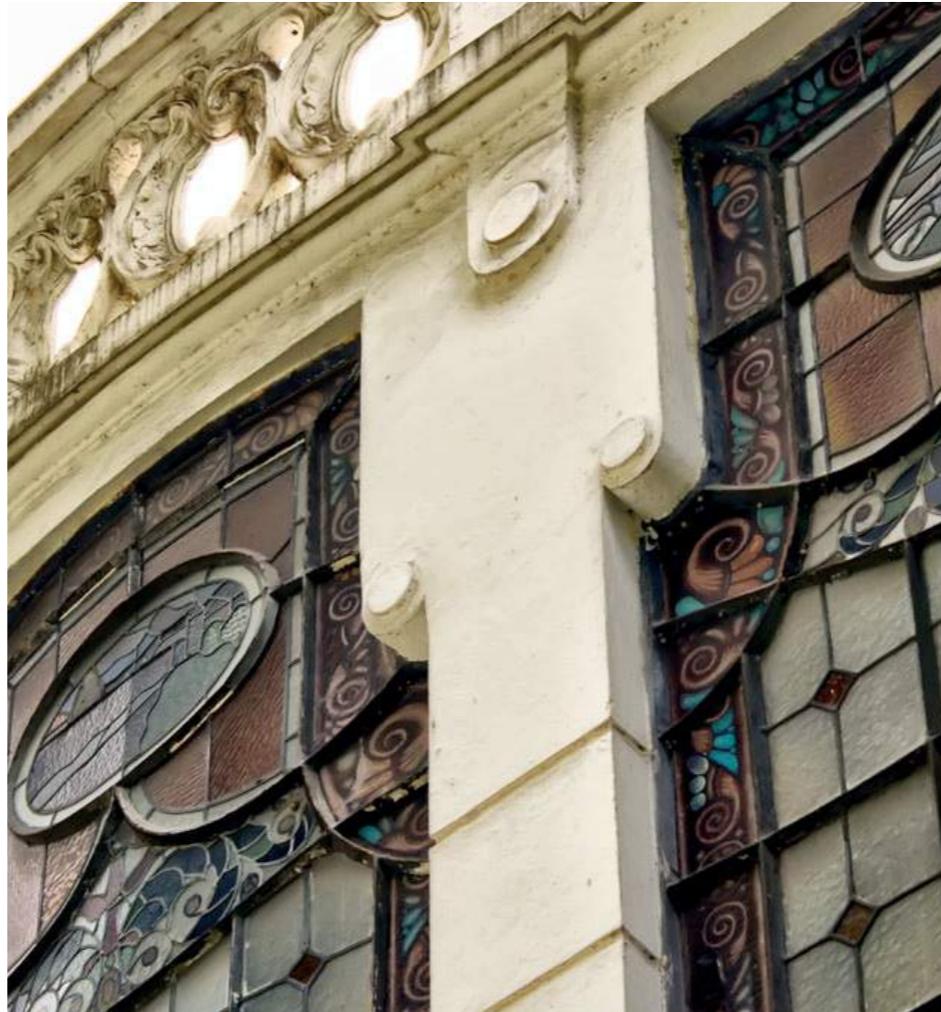


ÁREA EXTERNA





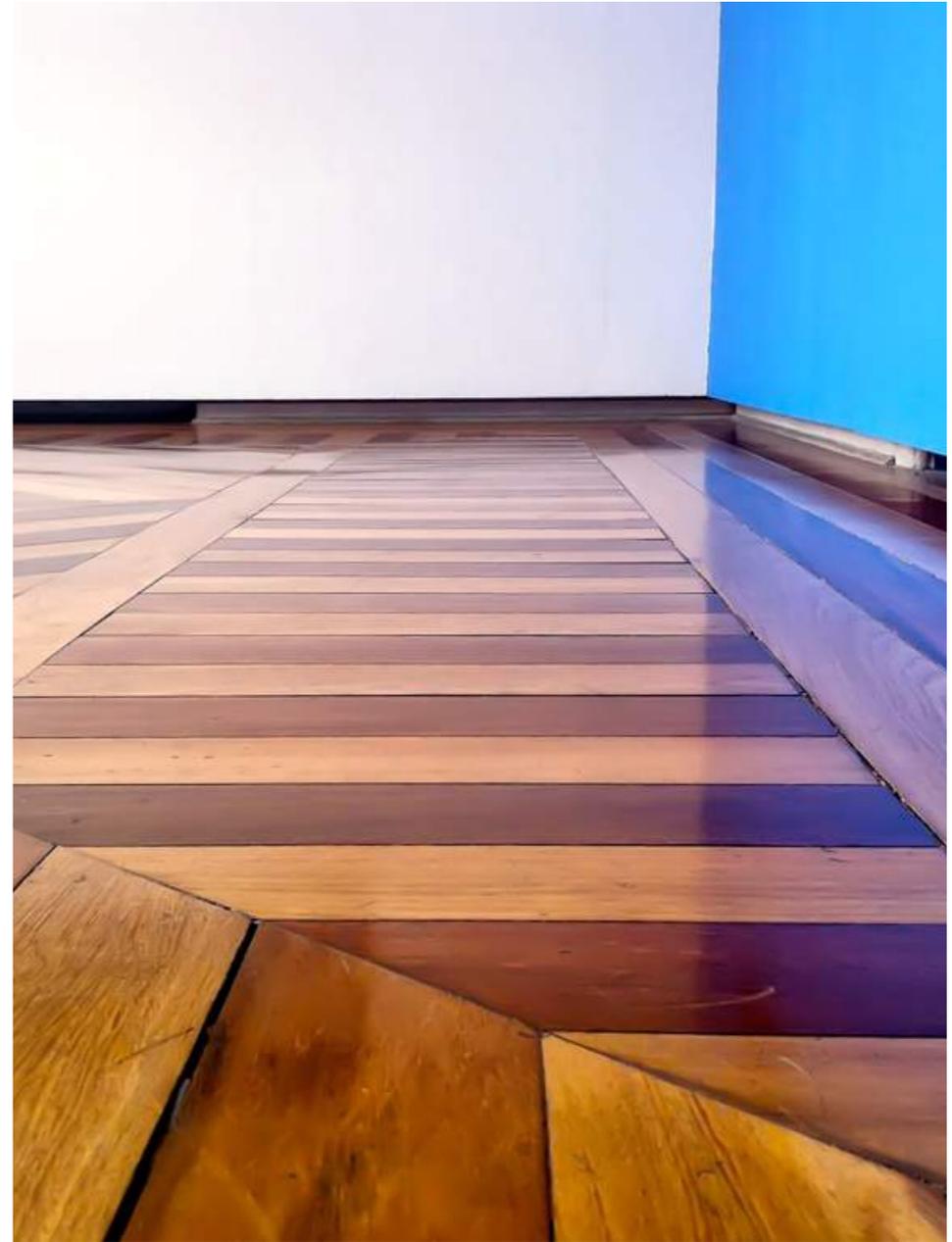
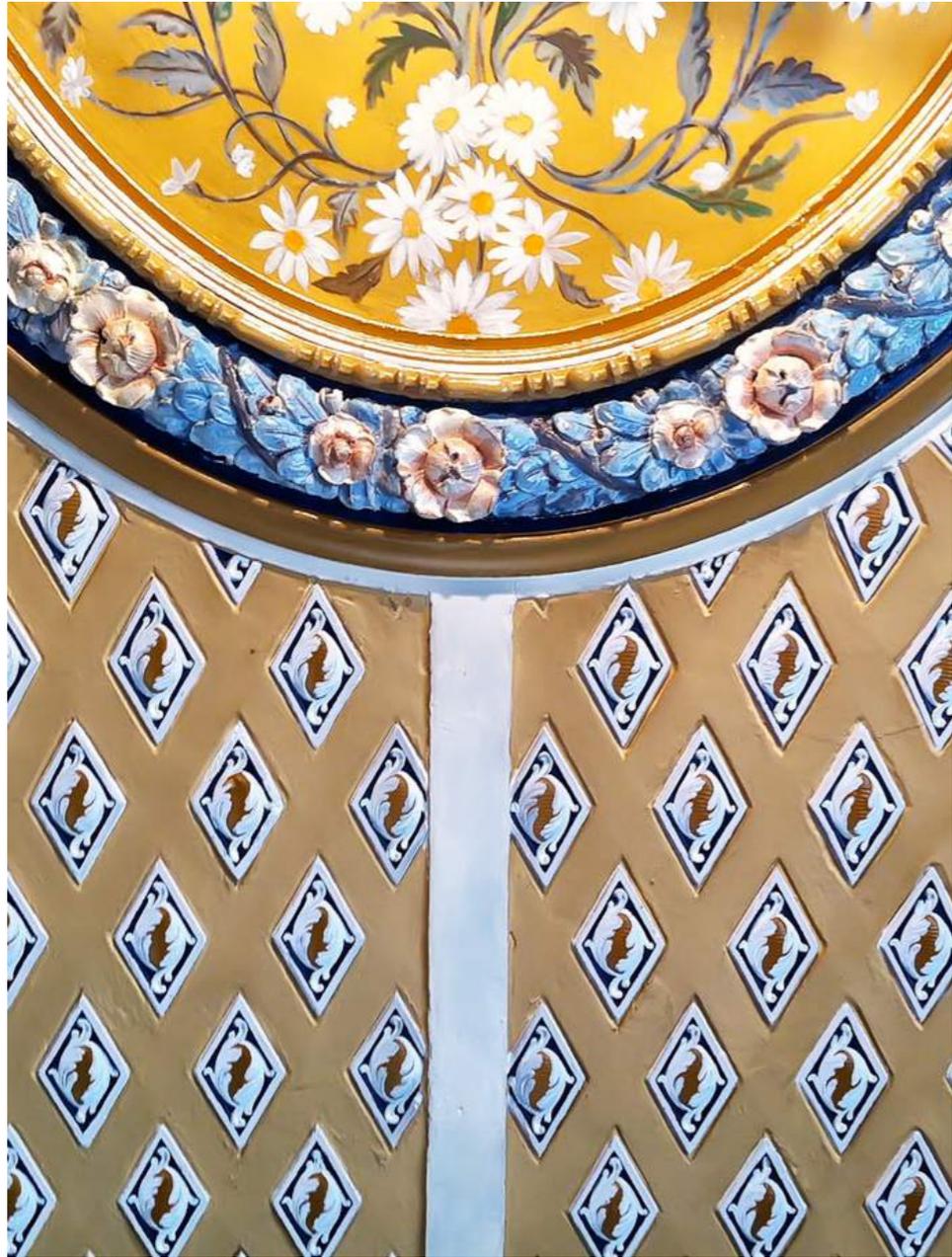


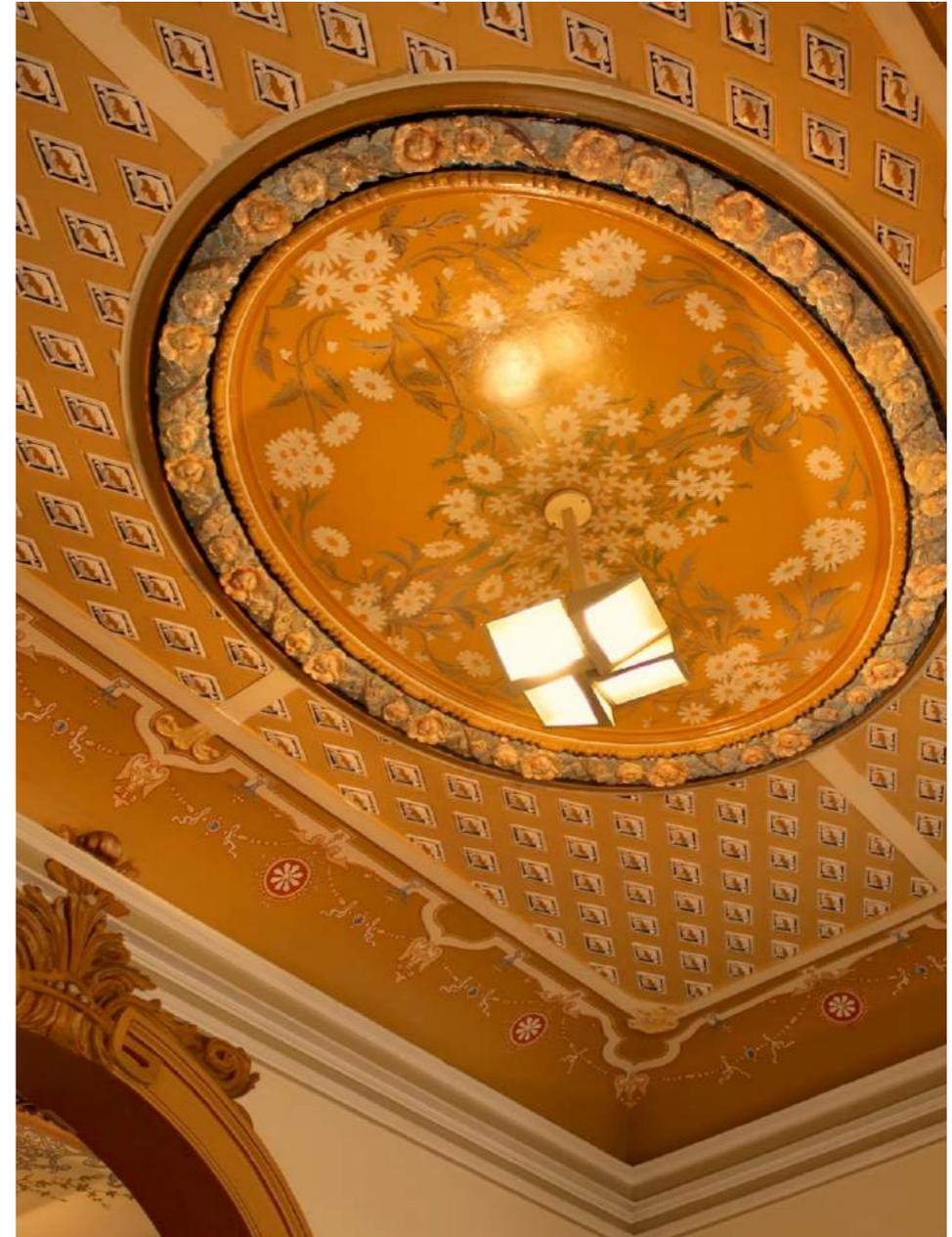


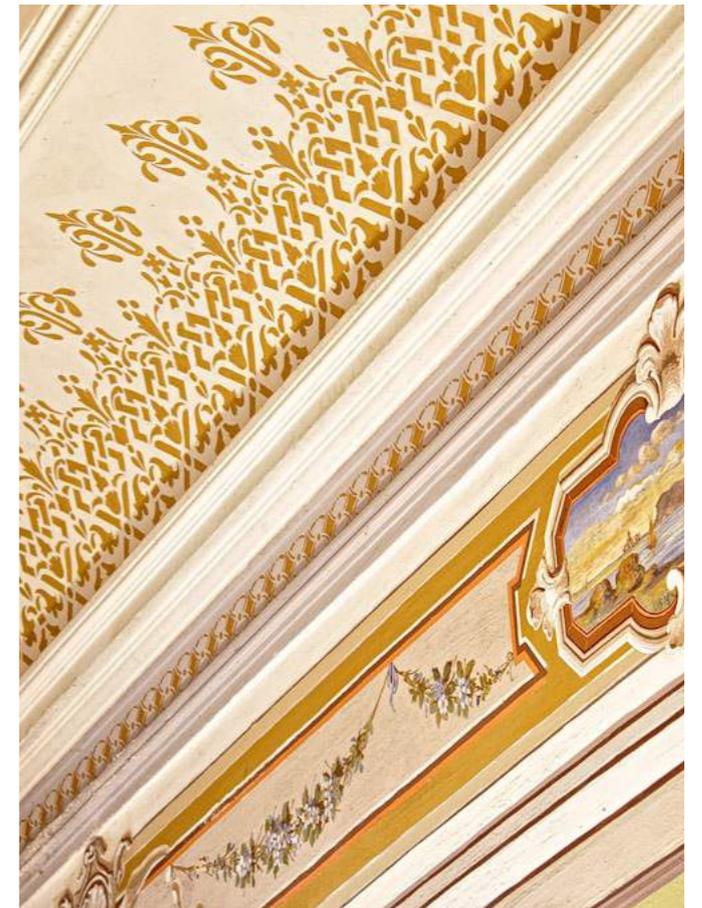
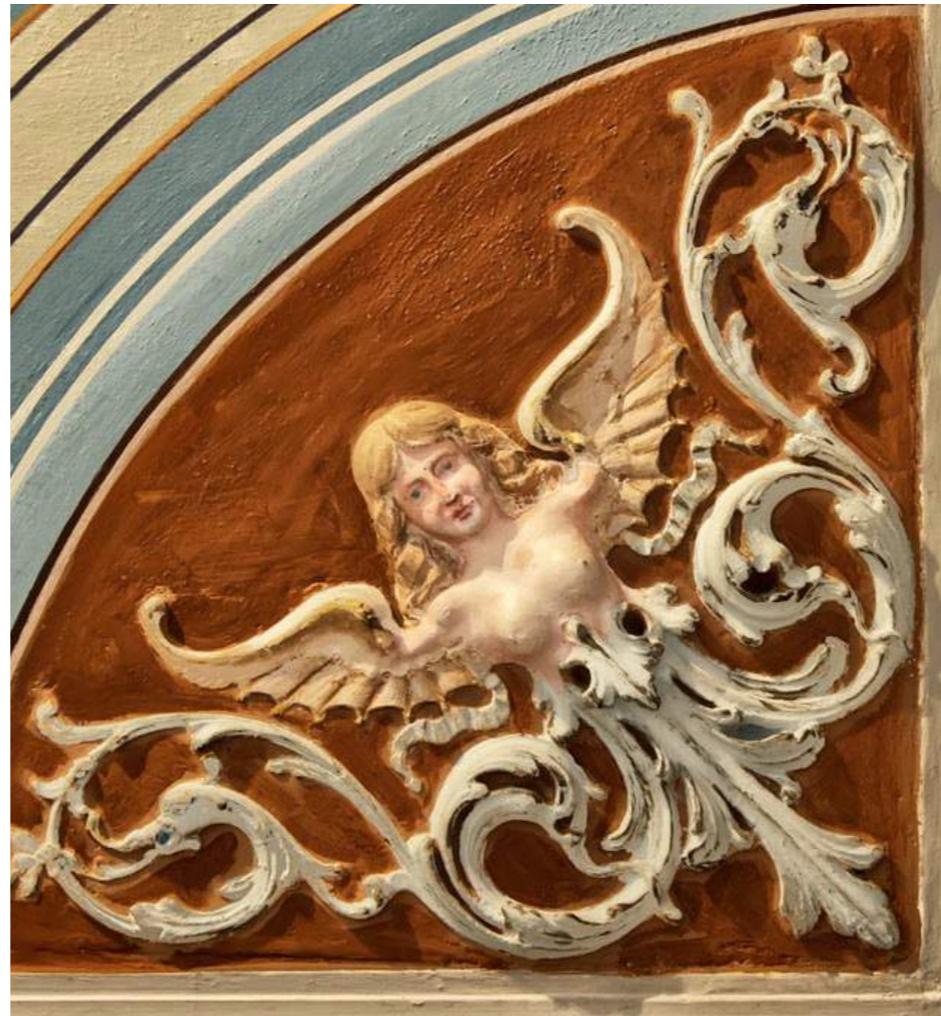
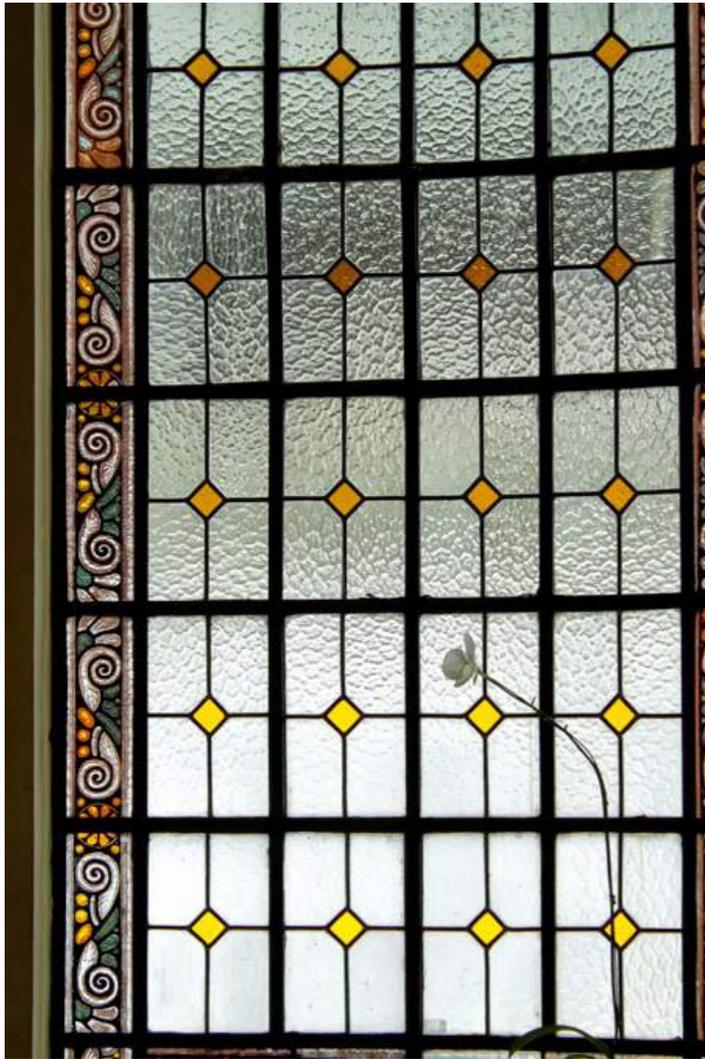


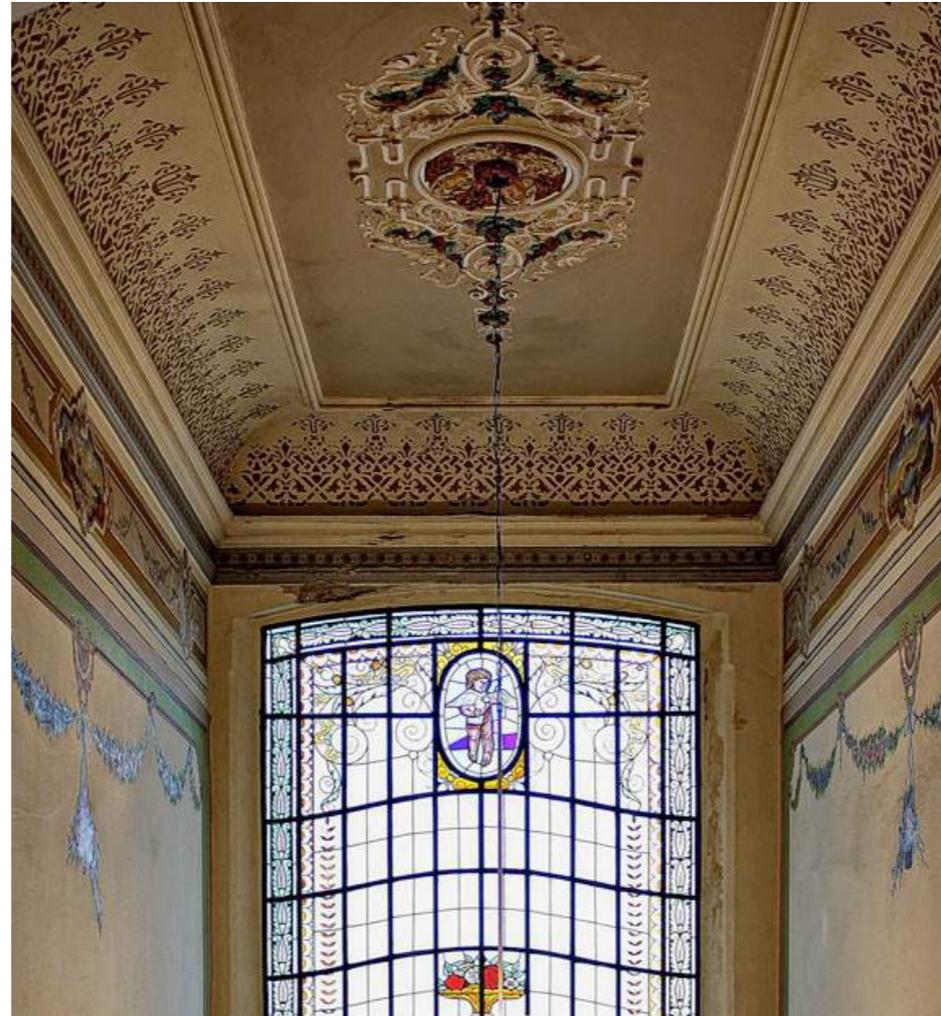
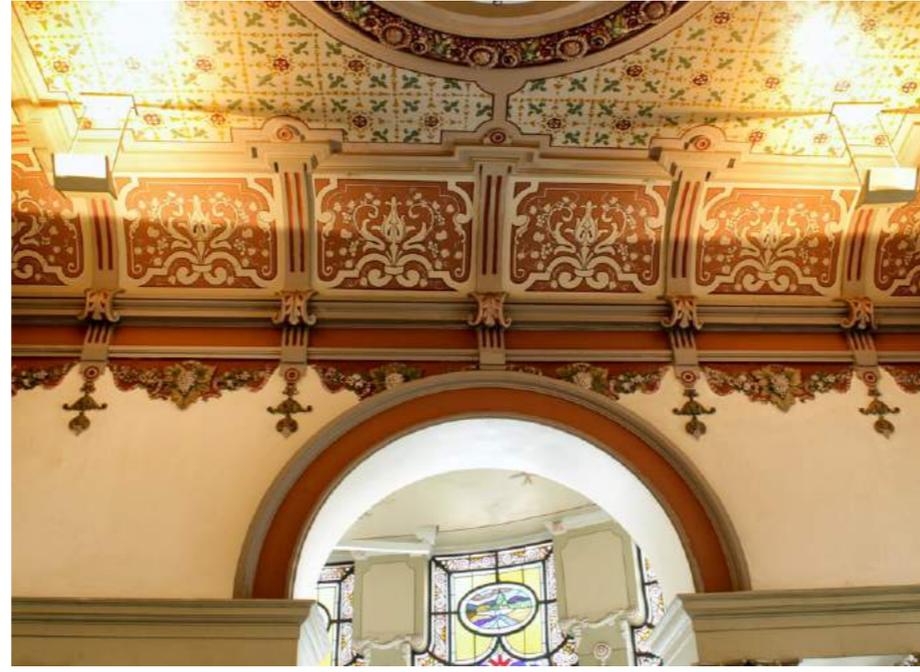
ÁREA INTERNA











Somente o salão principal levou cerca de 100 dias para ficar pronto, envolvendo o trabalho de cinco restauradores ao mesmo tempo. As barras das paredes e dos tetos, as portas, janelas, os pisos, vitrais, tudo estava destruído pelos invasores ou corroídos pela ação do tempo.

Segundo relata Cristina, o trabalho era sempre realizado em clima amistoso e prazeroso, pois nas equipes de Nazareth e da Prodesan não havia só envolvimento profissional, mas pairava também um vínculo afetivo pela construção, pois todos tinham consciência da necessidade de conservação de um espaço importante para a cena cultural e histórica da cidade.

Entre os mais entusiasmados, conta ela, estava o arquiteto aposentado Luiz Ângelo Siani, que realizou todo o trabalho de forma voluntária, sem ser remunerado. Foi com base nos desenhos feitos por ele com preciosismo em bico de pena que os moldes foram criados e possibilitaram aos artistas plásticos irem dando forma novamente à decoração original dos tempos glamourosos daquelas salas, corredores e escadarias. “Seo Siani era um apaixonado pelo Casarão e fazia tudo curtindo muito, com prazer”, relembra Cristina.

Já os desenhos geométricos ficaram a cargo do letrista Roberto de Abreu Miguita. Ele não dominava uma técnica

específica para refazer o traçado original, apenas deslizava o pincel confiando no seu olhar atento e seguro, chegando ao efeito desejado. A pintura da sala de música, por exemplo, foi toda refeita por Miguita, que levou cerca de dois meses para concluir a empreitada solitária.

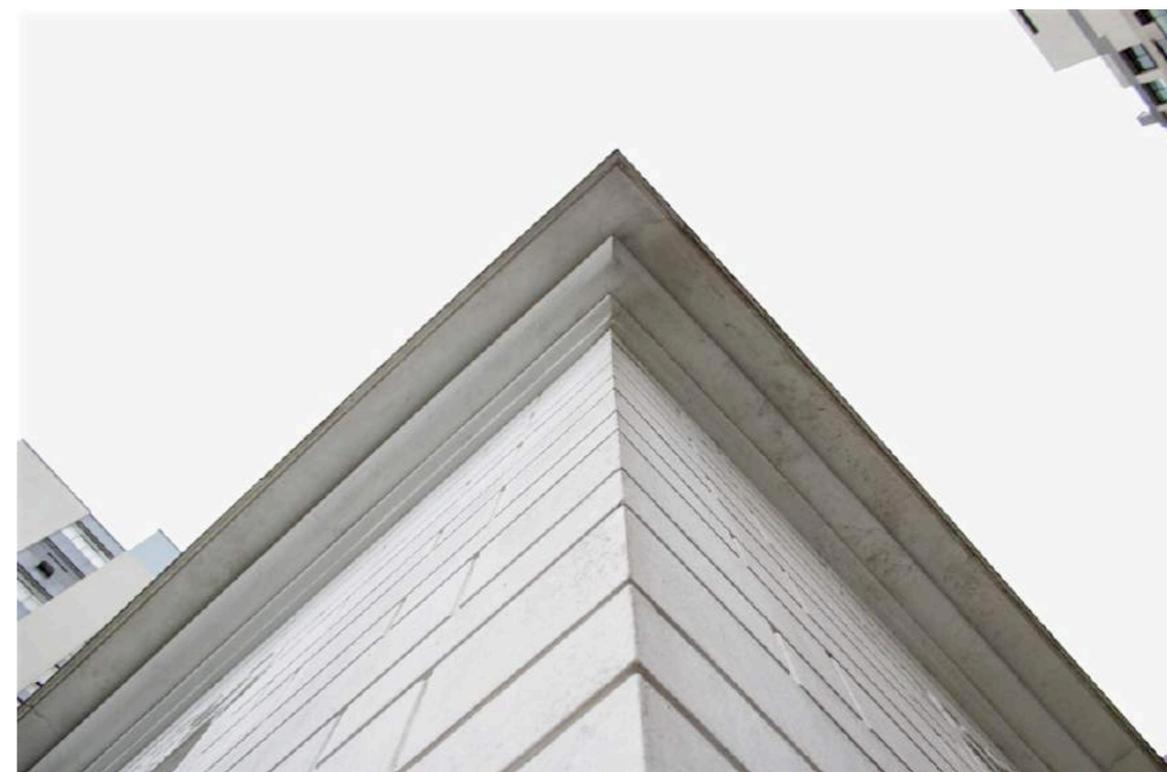
No livro B. Calixto, de autoria de Milton Teixeira, uma das moradoras mais ilustres do Casarão, Edith Pires Gonçalves Dias, faz referência ao trabalho de Nazareth Motta Leite:

“(...) É indispensável falar do talento artístico, por demais conhecido. Mas é preciso que se enalteça o seu desempenho. Fui encontrá-la no andar superior, em cima de um andaime, numa posição nada cômoda, restaurando o quarto de vestir do casal. Fiquei por momentos, apreciando a habilidade com que manejava os pincéis, mas muito mais, o amor com que fazia. Acompanhou-me depois ao dormitório, já restaurado. Comovi-me às lágrimas. A barra decorativa com suas margaridas, correspondia exatamente à pintura primitiva. Em segundos, minha memória, esse extraordinário arquivo humano, recompôs aquele cômodo, como era no tempo em que ali residíamos. Os móveis com toda arte e classe de Nicácio Costillas” (marceneiro do ramo de móveis) (...)”.



Os enfeites dos pórticos, o capitel das colunas, os detalhes em relevo dos tetos, as luminárias da fonte, as grades dos porões e até os pés em forma de peixe que dão sustentação aos bancos dos jardins, foram produzidos na obra, pelo gesseiro João Ferreira da Cruz. Ele mesmo construiu as fôrmas, em madeira.

Somente na pintura básica do imóvel, foram gastas 120 latas de 18 litros de tinta látex, a mesma quantidade de tinta acrílica, 80 latas de massa corrida, três galões de zarcão e 20 galões de tinta esmalte. Sem contar os 60 metros de lixa para as madeiras, metais e paredes.





Maria Cristina Motta

Artista Plástica



Em 4 de abril de 1994, já abrigando a Pinacoteca Benedicto Calixto, o imóvel foi entregue à cidade. Houve uma festa de inauguração e muita gente compareceu, a ponto de causar até um certo tumulto. As pessoas estavam curiosas, pois queriam ver de perto como tinha ficado a reforma e se reencontrar com a mansão, depois de vê-la por tantos anos fechada e abandonada.

O trabalho de decoração usou detalhes de gesso, muito comuns nos casarões da época, com elementos ornamentais Art Nouveau, simbolizados por flores e frutas. As paredes foram pintadas com motivos diversos, contendo emblemas

na forma de flores-de-lis, símbolos geométricos, elementos florais e listras.

A sala de música recebeu pinturas com detalhes de instrumentos musicais. A sala de jantar foi ornada com frutas e o salão principal, com flores. O jardim de inverno exibe em suas paredes figuras de colibris em vôo.

Hoje, a Pinacoteca, além de estar aberta aos moradores e a visitas guiadas de estudantes, recebe também turistas de dentro e fora do país. Gente interessada em conhecer o acervo de Benedicto Calixto, as exposições itinerantes de artistas da atualidade, a vasta programação cultural, e o estilo arquitetônico eclético e elegante do Casarão Branco, um marco da cidade.



Exemplo de amor



LAÇOS ETERNOS

Os laços de Edith com a antiga residência nunca mais se romperiam. Durante anos, ela foi uma das defensoras mais atuantes da conservação do imóvel contra a depredação promovida pelos encortiçados. Até que, conseguido o objetivo, enfim, pôde descansar aliviada.

Edith Pires Gonçalves Dias é uma ilustre moradora do antigo casarão. Ela é filha do casal Francisco e Zulmira Pires Gonçalves, cuja família habitou, por duas oportunidades, a mansão branca da Avenida Bartolomeu de Gusmão. Ela e os irmãos tiveram a oportunidade de apreciar por muitos anos a natureza quase intacta da praia do Boqueirão, bem à sua frente, além de uma vizinhança formada por autoridades e personalidades importantes da época.

Aos 94 anos e vivendo em um confortável apartamento no bairro do Boqueirão, em Santos, sua lucidez e vívida memória são um convite para uma viagem detalhada ao passado. Ela conta que a vida da família Pires era feliz e tranquila. O pai de Edith tinha um escritório em casa, onde trabalhava durante o dia. Ele era empresário e trabalhava com exportação de café. Aos domingos, a família ia à missa na pequena capela de Santo Antônio, construída em 1875 por Antonio Ferreira da Silva Júnior, o visconde do Embaré, em uma chácara de sua propriedade. Posteriormente, essa chácara foi dividida em lotes, onde foram edificadas muitas casas.

A igreja foi elevada à categoria de convento em 1943, e a Basílica Menor, em 1953. A construção atual teve sua pedra fundamental lançada em 1930, e as obras foram concluídas em 1946. O Visconde de Embaré foi o primeiro morador da



Edith Pires Gonçalves

Ex-moradora do Casarão

Capela do Embaré -1910

Foto: Reprodução/Arquivo pessoal de Edith Pires Gonçalves



região e o fundador da Associação Comercial de Santos, em 1870. O espaço passou por transformações e ganhou a forma atual na década de 30, quando tornou-se a única Basílica do município.

O pai de Edith não gostava de festas, mas a mãe, Zulmira, compreendia o desejo dos mais jovens e gostava de cuidar

de cada detalhe dos eventos festivos. Nessas oportunidades, a vitrola e os discos de vinil eram levados para a sala de música, o ambiente preferido para os acontecimentos sociais. A mãe de Edith era uma quituteira de mão cheia. Era ela quem preparava guloseimas para oferecer aos convidados.

As festas juninas comemoradas no imóvel também reuniam os amigos e conhecidos. Naquele tempo, era permitido soltar balões e os irmãos de Edith passavam os dias que antecediam os festejos confeccionando exóticos e coloridos balões de papel. Já as meninas preparavam lanternas feitas de papel de seda, que eram colocadas na alameda dos jambolões, nos jardins, com um toco de vela dentro.

Porém, para Edith, de todas as comemorações, “as mais gratificantes eram as festas de Natal. Havia uma grande expectativa das crianças para chegar o momento de colher os presentes colocados sob a grande árvore, que todos os anos era armada na sala de música, com bolas coloridas e enfeites importados”.

Na tarde do dia de Natal, a família Pires e os amigos se reuniam para iniciar a comemoração. Junto com as crianças, Edith aguardava a chegada do Papai Noel, que sempre trazia

às costas um grande cesto com presentes para todos, além dos que já estavam colocados no chão, embaixo da árvore.

“Quando a distribuição começava, as crianças ficavam eufóricas e enchiam o salão com gritinhos agudos”. Nessa época, a mãe de Edith ajudava algumas amigas do tempo de sua adolescência, que, por terem ficado viúvas, enfrentavam



Foto: Reprodução/Arquivo pessoal de Edith Pires Gonçalves

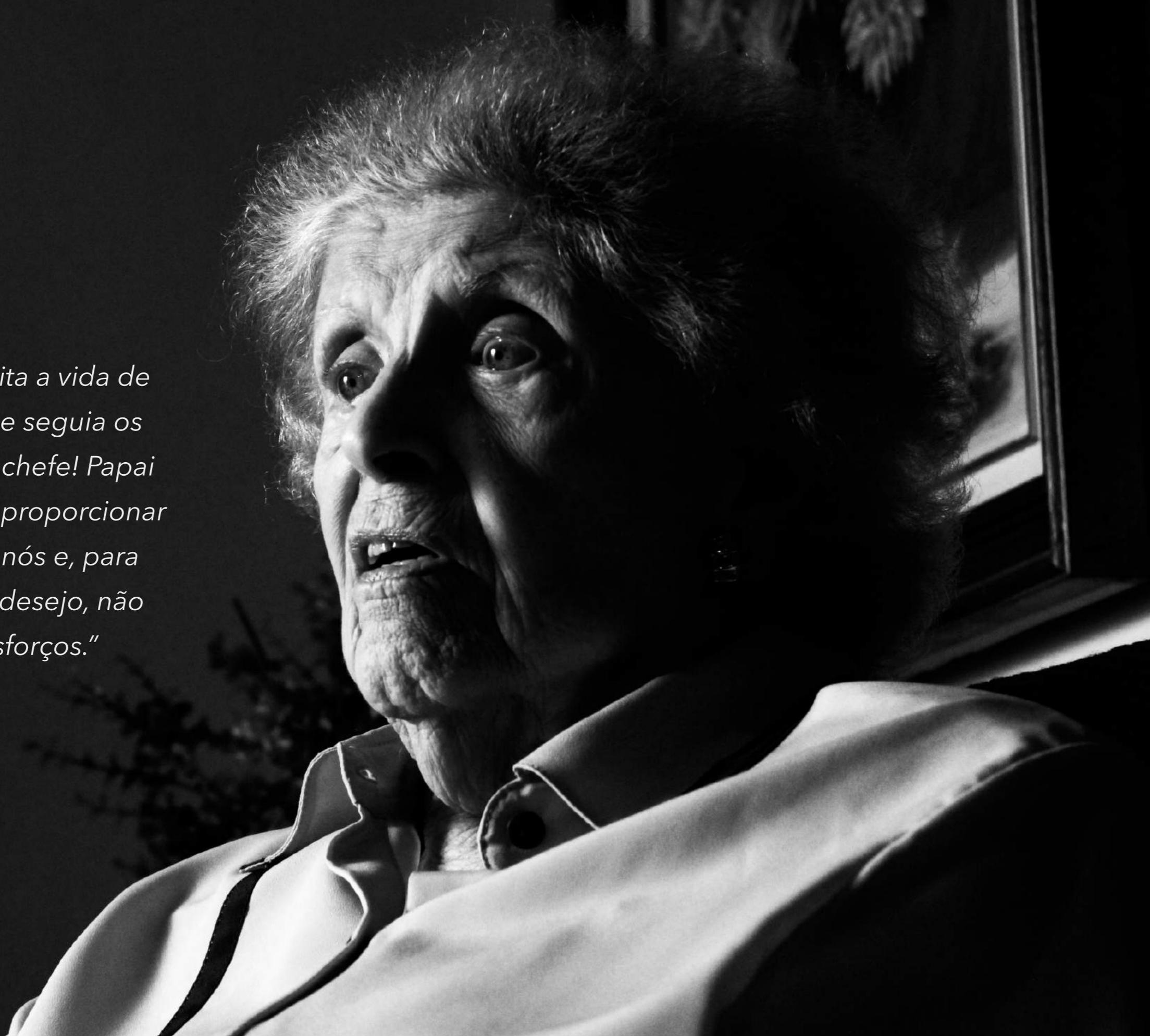


dificuldades. No Natal, elas compareciam com os filhos, que também recebiam presentes.

Durante anos essa cena se repetiu e levou tempo para que Edith percebesse que o Papai Noel era, na verdade, sua



"Como era bonita a vida de uma família que seguia os ditames do seu chefe! Papai sempre desejou proporcionar o melhor para nós e, para satisfazer esse desejo, não poupava esforços."





O desenho deste modelo de lampião, alimentado com querosene, mantém as principais características originais

irmã, Tina. Ela conta, rindo bastante, que a quantidade de pessoas que compareciam às festas era tão grande, que ela nem sentia falta da presença de Tina, que saía da sala sem que ninguém percebesse, para vestir a fantasia do bom velhinho.

“Me lembro de um Natal em que o nosso jardineiro dava pinga para o peru ficar tonto na véspera, para não sentir a morte. Então minha mãe não deixava os pequenos verem o peru embriagado. Papai havia feito uma dispensa, uma cozinha para minha mãe, que adorava fazer doces. Tínhamos também um fogão caipira, desses à lenha. Ela fazia pães e bolos recheados”.

Edith recorda que a casa tinha todo o conforto de um lar moderno, com as mais recentes novidades da época. “Meu pai pensou em tudo. Na cozinha, tinha um lampião de gás, feito uma grade, que fechava. Se faltasse luz, não se acendia vela na cozinha, mas o lampião. Era a luz de emergência. No local onde ficava a mesa, no chão, havia uma campainha que meu pai mandou instalar, para que minha mãe pudesse tocar com o pé e chamar os empregados”.

Ela conta também que no andar superior, no corredor de acesso aos quartos, próximo aos vitrais, havia um armário com prateleiras feitas com pedras de mármore e fogareiro a gás. Ele era utilizado como uma copa, para preparar mamadeiras e alimento para os bebês que nasciam na casa, nas mãos das antigas parteiras. “Era tudo feito em casa. Acho que nunca existiu, em todas as épocas, uma casa tão bem aparelhada como a nossa”.

A primeira sala, no andar de baixo, era utilizada como sala de música. Edith se lembra de que havia um piano de cauda lá. “Além disso, o primeiro rádio de galena, que a gente ouvia num fone, fazia fila, foi de meu pai. Ficava ali naquela sala. Tinha uma mobília toda enfeitada com liras musicais. Pegado à sala, era o escritório do meu pai, com biblioteca, cofre. Eu acho que hoje qualquer casa que se faça com os recursos da modernidade não teria conforto como a nossa”.

Edith Pires Gonçalves Dias nasceu em São Paulo, no dia 6 de julho de 1919. Veio para Santos com um ano



O Radio de Galena é um dos receptores mais simples de modulação AM que se pode construir. Este exemplar, de 1923, está em exposição no Museu do Rádio de Ponferrada, na Espanha



de idade. Coursou os estudos primários no Colégio Stella Maris. Formou-se em 1936 na Escola Normal do Colégio São José. Casou-se em 1939 com Cyro Gonçalves Dias e com ele teve dois filhos: Ciro Júnior e Vera Sílvia.



Colégio Stella Maris, década de 1930

Edith é ligada a várias entidades assistenciais. Trabalhou como voluntária por 32 anos na Associação Espírita Beneficente Anjo da Guarda. Foi idealizadora e coordenadora do Museu Anjo da Guarda. Em 13 de abril de 1994, lançou o livro "Sociedade Espírita Anjo da Guarda, a Pioneira", comemorando os seus 110 anos de existência. Atuou também como colaboradora do Jornal A Tribuna, em cujas páginas muitos artigos seus foram publicados. Em 12 de outubro de 1988, recebeu o título de Cidadã Santista, conferido pela Câmara Municipal.

Edith conta que fazia parte do regulamento do Colégio Stella Maris, onde estudou na época em que morou no imóvel, a realização de provas mensais, com direito a medalhas para quem tirasse a nota máxima. Orgulhosa, conta que voltava para casa sempre com condecorações para exibir à família. Edith relata que não era difícil para ela seguir as regras de conduta do colégio, pois fora criada com disciplina rígida.

A ilustre moradora se recorda da história trágica que envolveu o nascimento de sua irmã, Sylvia. Por razões que uma criança não saberia compreender, Dona Zulmira contraiu após o parto uma febre alta que não conseguia combater, que a deixou durante muitos dias entre a vida e a morte.

“Ela estava sob os cuidados do renomado médico santista Silvério Fontes. Quando o chamavam em seu consultório para atendê-la, ele pedia desculpas aos clientes que aguardavam consulta e partia no bondinho puxado por burros, em direção à nossa casa”.



Dona Zulmira de Barros Pires, mãe de Edith, em 1930

Certo dia, ele receitou uma taça de champanhe a Dona Zulmira, o que surpreendeu a todos. De qualquer forma, sua recomendação foi obedecida. “A verdade é que, a partir desse momento, mamãe foi melhorando e conseguiu deixar o leito”.

Mas Zulmira estava muito fraca ainda. Havia perdido os cabelos por causa da febre e o pai de Edith decidiu que ela deveria descansar, talvez passar uma temporada na fazenda de amigos, onde ela acabou realmente se recuperando e os cabelos voltaram a crescer.

“Minhas tias contavam que quando mamãe estava muito mal, com todas as mulheres da casa ao seu redor, orando pela sua melhora, vovó percebeu que ela dava um grande suspiro. E aí ela gritou, desesperada, como se para trazer a consciência de mamãe de volta:

- Minha filha!



Eu não me lembro bem, mas esse fato foi confirmado tempos depois por mamãe. Ela gostava de contar como sentira-se erguida no espaço no momento daquele suspiro, mas que, diante do grito lancinante da vovó, retornara num tranco só ao corpo!”

Os laços de Edith com a antiga residência nunca mais se romperiam. Durante anos, ela foi uma das defensoras mais atuantes da conservação do imóvel contra a depredação promovida pelos encortiçados. Até que, conseguido o objetivo, enfim, pôde descansar aliviada.





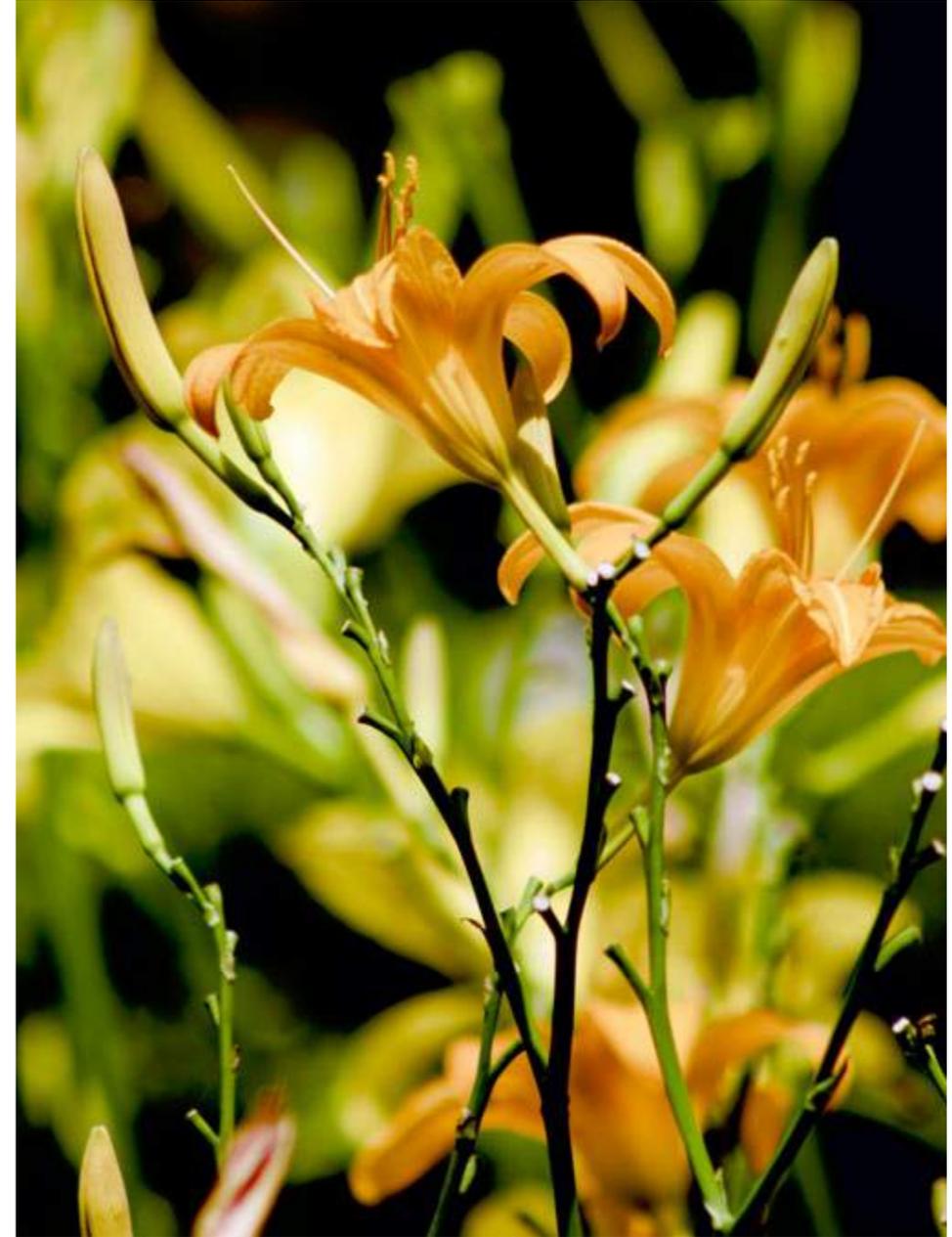
Para recriar os jardins, destruídos durante os anos de abandono, foram necessárias 29 viagens de caminhão para transportar terra adubada e esterco destinados ao plantio das espécies. Para a mão de obra, foi acionada uma equipe de 15 homens, sob o comando do engenheiro agrônomo Daniel Augusto Machado.

Para recompor o jardim foram plantadas 11 mil mudas de Ajuga roxa; 2.875 de Íris; 1.016 de Azaléias; 3.137 de Bambuzinho; 3.439 de Coleus mesclado; e 859 de rendada. Para cobrir o solo remexido, foram necessários 50 metros de grama.

A equipe plantou ainda 240 mudas de Buxinho, 150 de Cróton, 95 de Jasmim do Cabo; 110 de Hera; 1.100 de Acalifa Burle Marx; 700 de Coleus amarelo; 20 palmeiras; 16 primaveras e quatro ipês amarelos.









O acervo

Na Pinacoteca, o acervo das obras de Calixto está dividido por temas. Marinhas, retratos, cenas históricas, nus e arte sacra. As telas e painéis de madeira retratam o desenvolvimento da arte, da cultura e da economia na Região Metropolitana da Baixada Santista.



Retratos



REGISTRANDO PERSONALIDADES

De personalidades como Brás Cubas a Bartolomeu de Gusmão, de Carvalho de Mendonça a filhos de nobres burgueses de sua época. Calixto não fazia diferença quando o assunto era o retrato de pessoas. O pintor os fazia por gosto. E por encomenda também.

Apesar de gostar muito de retratar a Natureza e a gente simples do Litoral e do Interior, Calixto entregou-se por inteiro aos projetos que lhe encomendavam como retratista. Em seus trabalhos, elaborou as formas de ilustres personalidades da História brasileira, como Brás Cubas, Bartolomeu de Gusmão e Marechal Deodoro da Fonseca.

Brás Cubas

Sertanista e colonizador, Brás Cubas foi um dos fundadores da Vila de Santos. De família nobre, filho de João Pires Cubas e Isabel Nunes, veio para o Brasil com Martim Afonso de Sousa e governou por duas vezes a capitania de São Vicente (1545 a 1549 e 1555 a 1556). Chegou a ser o maior proprietário de terras da zona litorânea da capitania.

Em 1543, fundou a primeira Santa Casa de Misericórdia, a qual chamou de Todos os Santos, nome que passaria à Vila de Santos, cujo porto era mais bem localizado que o de São Vicente. Em 1551, foi nomeado por Dom João III provedor e contador das rendas e direitos da capitania. No ano seguinte, construiu o forte de São Felipe na ilha de Santo Amaro.

Teve participação destacada na defesa da capitania contra os ataques dos índios tamoios, que haviam se aliado aos franceses. Depois, por ordem de Mem de Sá (terceiro

governador-geral do Brasil), realizou expedições pelo interior em busca de ouro e prata. Teria chegado até a chapada Diamantina, no sertão da Bahia. Ao final da vida, já era fidalgo da Casa Real e um dos homens mais respeitados da capitania. O título de alcaide-mor da Vila de Santos passou a seu filho, Pero Cubas.

Marechal Deodoro

Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892) foi o proclamador da República. Militar e primeiro Presidente do Brasil, no dia 15 de novembro de 1889 decretou a proclamação da República brasileira, o que resultou na queda do Governo Imperial. No dia seguinte à proclamação, um Governo Provisório foi criado, sob o comando do próprio Marechal. O primeiro Ministério da República foi formado e as primeiras medidas, estabelecidas.

Em 21 de dezembro de 1889, foi convocada a Assembléia Constituinte, que deveria elaborar a primeira Constituição da República brasileira e, em 24 de fevereiro de 1891, a primeira Constituição Republicana foi promulgada. Deodoro da Fonseca foi escolhido para primeiro presidente do Brasil. O mandato dele terminou em 23 de novembro de 1891, com sua renúncia.



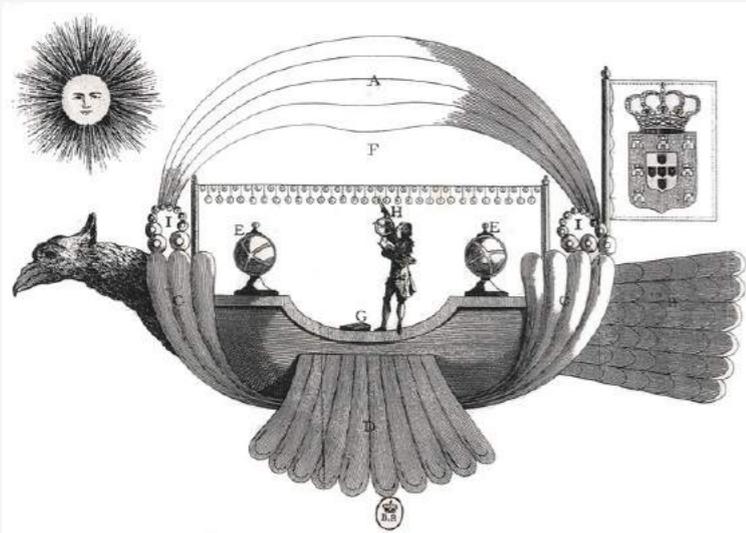
Reconstituição artística do momento em que o santista Bartolomeu de Gusmão apresenta sua invenção à corte

Bartolomeu de Gusmão

Bartolomeu Lourenço de Gusmão nasceu em Santos, em 1685, e é considerado o primeiro cientista brasileiro. Aos quinze anos, seguiu para Coimbra a fim de iniciar seus estudos de teologia. Logo nos primeiros anos, ficou conhecido pelo seu

saber e pela sua eloquência. Dedicou-se especialmente ao estudo das ciências físicas e naturais. Mas o que imortalizou o seu nome foi a invenção do aeróstato, uma espécie de balão que podia erguer-se no ar, alimentado pelo ar quente proveniente de uma vela.

Recomendado por D. Isabel, rainha de Espanha, Bartolomeu de Gusmão tornou-se capelão-fidalgo de D. João V, rei de Portugal. O rei interessou-se pelos estudos e pesquisas do jovem sacerdote, principalmente pela invenção de sua máquina voadora, cuja construção seria custeada pelo tesouro real.



Esta é a Passarola, o estranho objeto que pode ter sido desenhado pelo cientista com a finalidade de desviar a atenção de rivais mal intencionados sobre o projeto verdadeiro.

No dia 8 de agosto de 1709, na presença do rei, da corte e de dezenas de curiosos, foi realizada a primeira experiência bem sucedida do aeróstato de Bartolomeu. O balão, com um boneco de seu inventor à bordo, e l e v o u - s e

suavemente do pátio do castelo de S. Jorge, permaneceu algum tempo no ar e, em seguida desceu pousou no Terreiro do Paço, importante espaço comercial da época em Portugal.

Outras experiências, bem sucedidas, foram realizadas com o aparelho, para alegria de Bartolomeu e despeito dos invejosos que, para ridicularizá-lo, passaram a chamá-lo de

“Padre Voador”, e a representar o seu aparelho com a forma de um pássaro, e lhe deram o nome de “Passarola”.

Mas a crueldade de seus inimigos teria sido muito pior. Aproveitando-se da ignorância do povo, começaram a espalhar pelo reino que o “Padre Voador” era um bruxo, um “pagão” a ser convertido. Assim, Gusmão começa a enfrentar sérios problemas com a Inquisição. Com o tempo, tantos foram os boatos que espalharam a respeito dele que o próprio D. João V, seu protetor, resolveu não mais auxiliá-lo. Entre as críticas maldosas que surgiram na imprensa da época figuravam versos de escárnio:

1

*“Com que engenho te atreves, brasileiro,
A voares no ar, sendo rasteiro,
Desejando ave ser, sem ser gaivota?
Melhor te fora, na região remota
Onde nasceste, estar com siso inteiro!”*

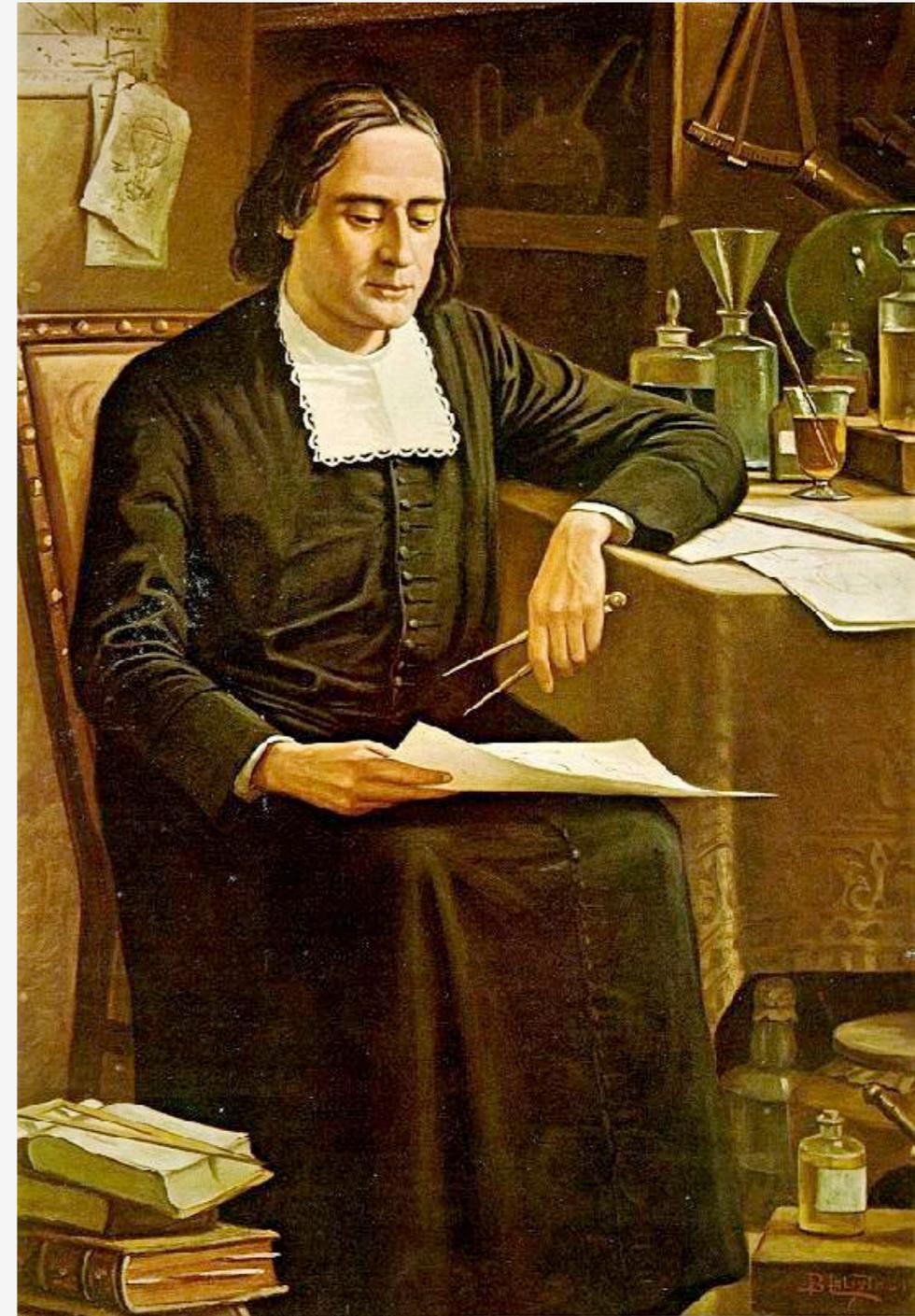
Abandonado pelo rei, amaldiçoado pelo povo e desprezado pelos amigos, Bartolomeu de Gusmão viu-se obrigado a fugir para Toledo, na Espanha, onde foi acolhido por seu irmão, frei João de Santa Maria.

Consumido pelo desgosto e acometido por uma doença misteriosa, o "Padre Voador" morreu a 19 de novembro de 1724, no hospital de Misericórdia de Toledo.

Portugal nunca compreendeu bem os objetivos do cientista. Com o aeróstato, o rei poderia encaminhar munições e mensagens durante a guerra. E também transportar mantimentos por todo o país lusitano, encurtando as distâncias entre as vilas e povoados. Mas D. João V, por razões pessoais e desafiado por tantos caluniadores, acabou por não financiar o projeto de Bartolomeu de Gusmão.



Coleção de selos lançados pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos em homenagem a B. de Gusmão



Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o Padre Voador, retratado por Benedicto Calixto em 1902. A obra é um óleo sobre tela, de 140x100 cm, acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo. Veja na galeria de fotos a versão em exposição na Pinacoteca.

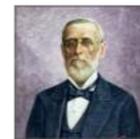
Conheça os retratos em exposição na Pinacoteca



Brás Cubas -1903

óleo sobre tela

224 cm x 128 cm





Brás Cubas -1903

óleo sobre tela

224 cm x 128 cm



Minha Filha Fantina - 1886

óleo sobre madeira

27,5 cm x 22,5 cm



Frei Maurício Lanz - 1924

óleo sobre tela

110 cm x 80 cm



José Rodrigues Caldeira - 1924

óleo sobre tela

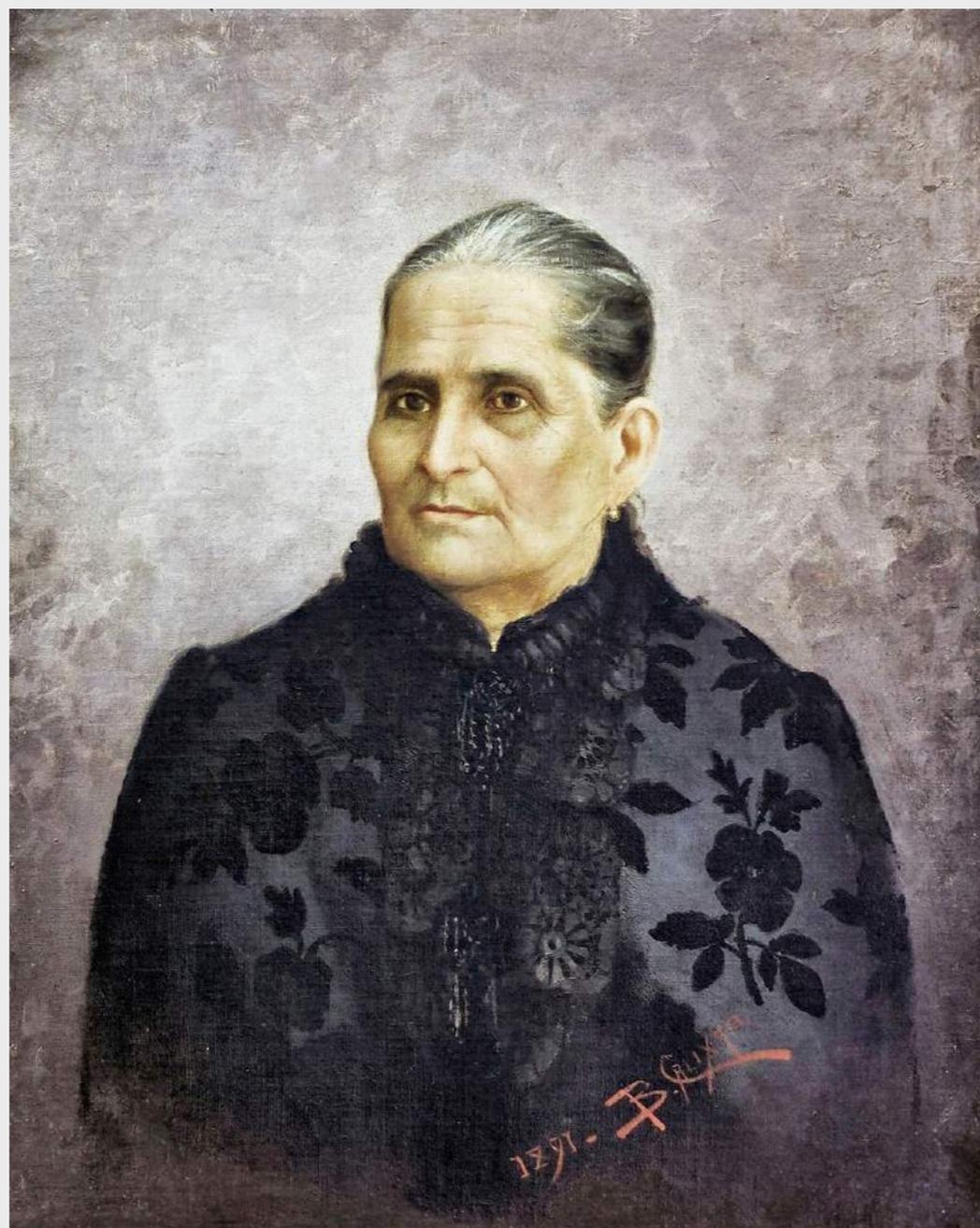
80 cm x 70 cm



Marechal Deodoro da Fonseca - 1920

óleo sobre tela

100 cm x 80 cm



Maria Temporal de Mendonça - 1891

óleo sobre tela

50 cm x 77 cm



Trajano Alípio de Carvalho Mendonça - 1890

óleo sobre tela

51 cm x 64 cm



Padre Bartolomeu de Gusmão - Data desconhecida

óleo sobre tela

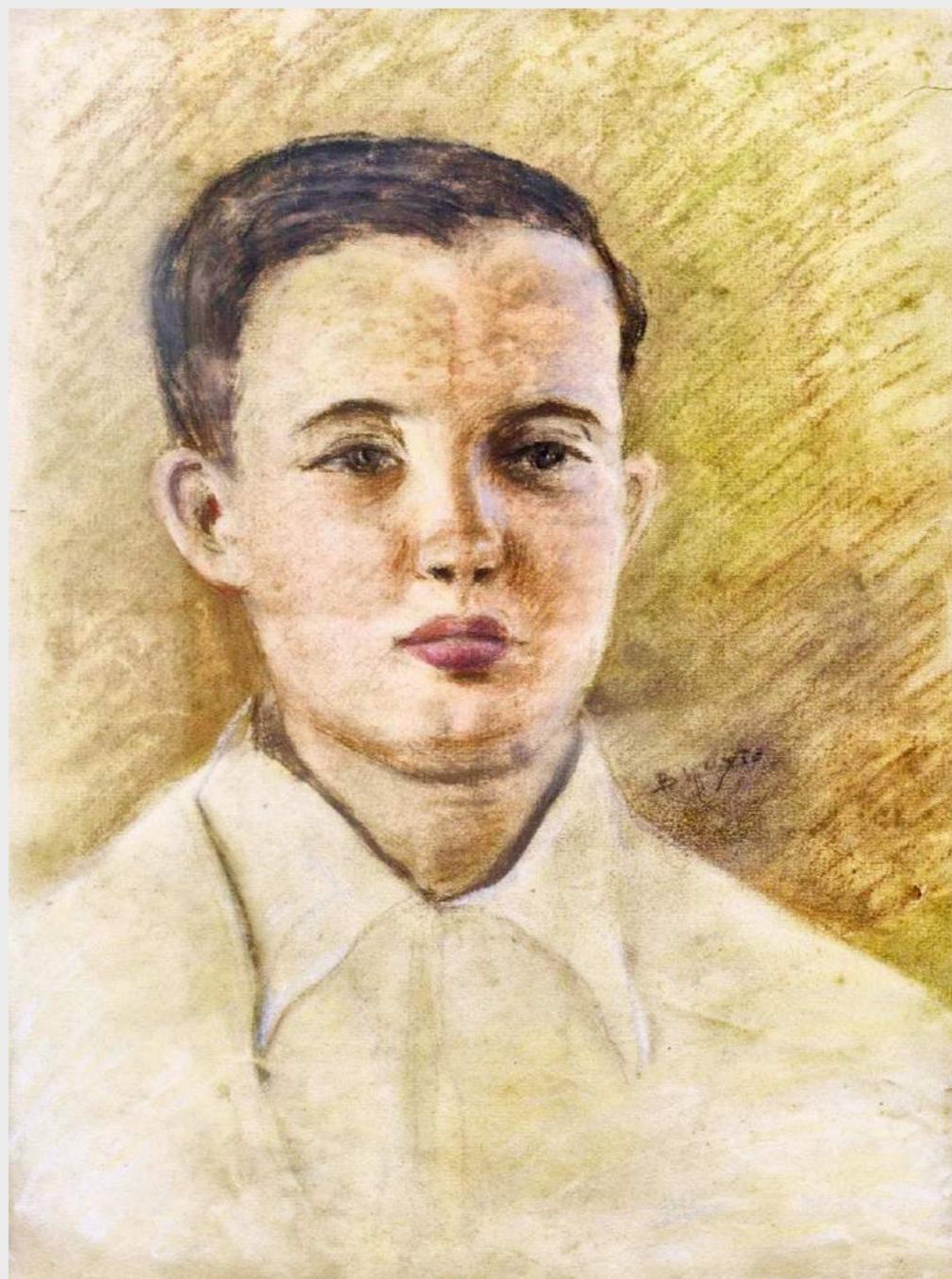
224 cm x128 cm



Dr. José Lobo Viana - 1891

óleo sobre tela

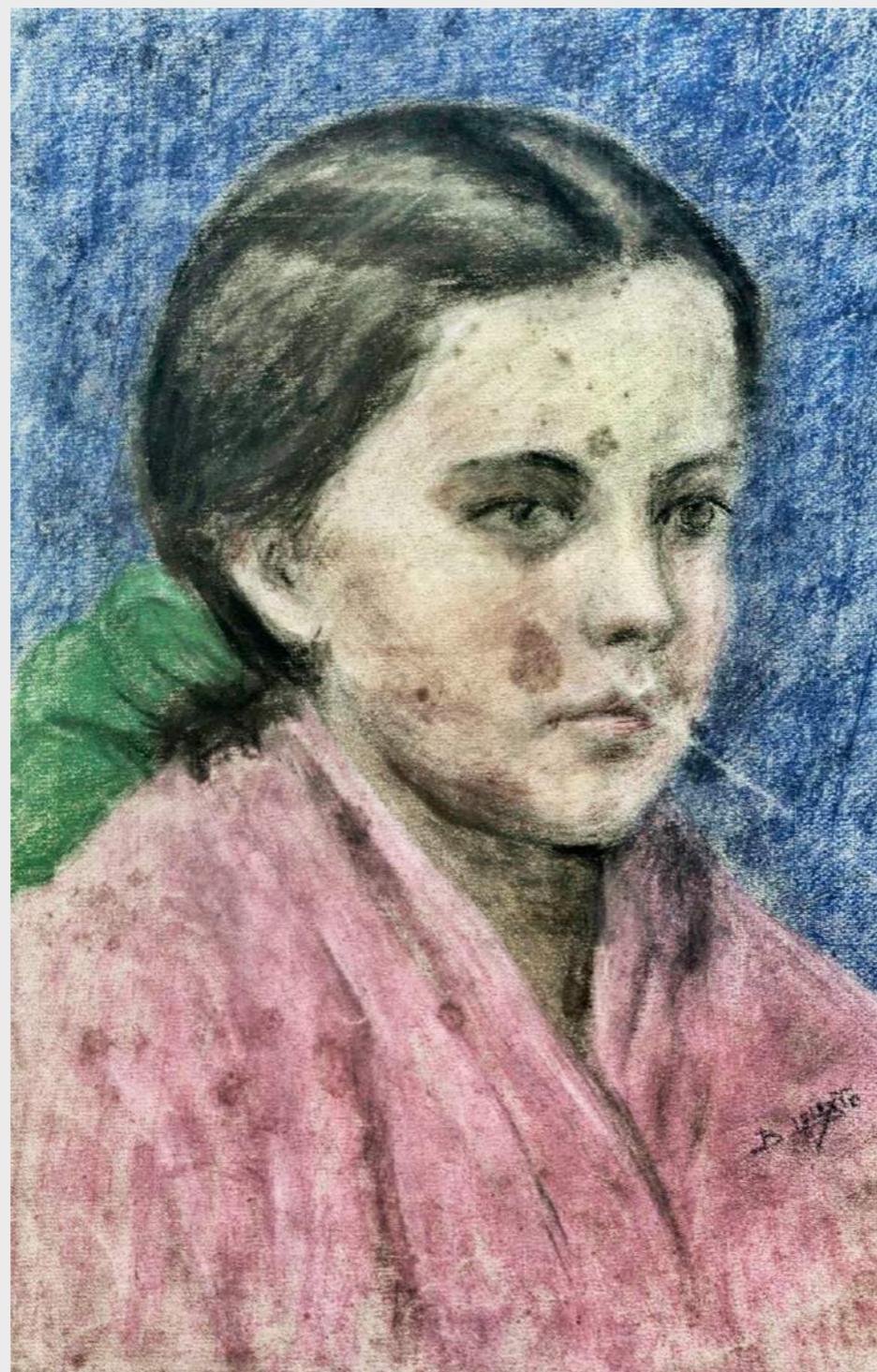
80 cm x 70 cm



Rapaz - Data desconhecida

pastel sobre papel

40 cm x 60 cm



Menina de Rosa - Data desconhecida

pastel sobre papel

31,5 cm x 48 cm

Marinhas



Acervo Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto

RETRATANDO A PAISAGEM AO REDOR

Os ideais republicanos de Calixto, destoantes do academismo que tomava conta das Artes em todo o Mundo à época, o levavam a pintar a modernidade da cidade, o progresso em harmonia com a natureza local. As marinhas são um tema recorrente em suas obras.

Benedicto Calixto era um apaixonado pelo litoral paulista, onde passou quase toda a vida. As marinhas são constantes entre as telas do artista, nas quais registrou sobretudo Santos e São Vicente com riqueza de detalhes. O Porto mereceu atenção especial, sendo retratado em diferentes épocas entre 1822 e 1914, um registro para a história da transformação do cais santista.

O Encalhe do Navio Caldback

O navio Caldback, de bandeira inglesa, encalhou em Praia Grande, litoral paulista em 1894, precisamente na Enseada de Itaipu, permanecendo ali por longos 22 anos.

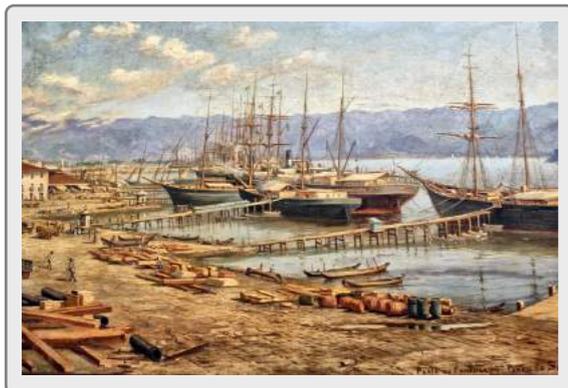


Sua retirada só ocorreu em 1916, quando um negociante italiano comprou a embarcação com o intuito de desmontá-la para vender seus pedaços ao exército da Itália, que os transformariam em bala de canhão.

Não existe registros sobre a data em que Calixto pintou a aquarela. Mas pelo aspecto envelhecido do desenho, pesquisadores concluíram que deve ter sido pelo menos 10 anos após o encalhe. Calixto ficou muito interessado pela

origem do Caldback, pois o navio aparece em mais duas de suas obras, porém em circunstâncias diferentes.

Praia e Rampa do Consulado - Porto de Santos - 1882



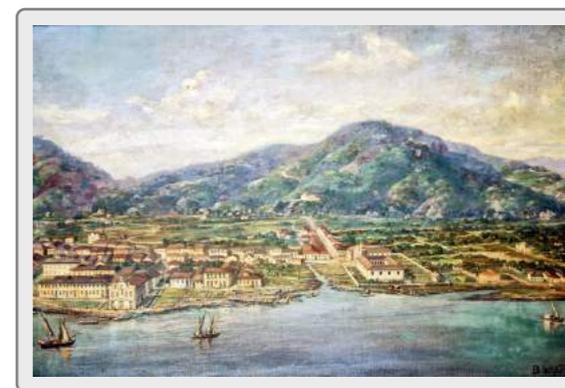
Nesta tela, Calixto mostra o Porto dez anos antes da sua inauguração oficial. Praticamente todo estruturado por madeira, como os trapiches que davam acesso aos navios atracados.

Ao fundo, é possível ver o Mercado Provisório, localizado no Largo dos Gusmões, que começou a funcionar em 1880. O artista demonstra a importância do Porto na economia e desenvolvimento do país desde os seus primórdios, mesmo antes de ter entrado em atividade oficialmente no ano de 1892.

A movimentação dos trabalhadores é mostrada de forma incisiva. Com seu pincel ele registrou a rotina diária dos trabalhadores, podendo-se observar a grandeza das embarcações em contraponto com as pessoas.

Santos Antiga

Essa obra de 1922 se assemelha ao quadro Panorama de Santos, pintado no mesmo ano, e que pertence ao Museu Paulista da Universidade de São Paulo. A diferença preponderante entre ambas está no tamanho das telas. Santos Antiga, do acervo da Pinacoteca Benedito Calixto, tem dimensões menores.



Trata-se de uma panorâmica da cidade de Santos, muito provavelmente feita com a ajuda de imagens fotográficas, tanto utilizadas por Calixto para dar suporte à sua produção artística. A ideia era reconstruir a Santos de cem anos antes, quando foi proclamada a Independência do Brasil, partindo de uma visão aérea, para mostrar a paisagem urbana frente à vastidão da natureza que a cercava.

Na tela, a cidade ainda preserva um panorama bucólico, onde o homem e a Natureza viviam em comunhão, apesar de a presença humana já começar a interferir nas belezas naturais seja por mar, com a chegada constante das naus, ou por terra, pelas construções que se multiplicavam à beira do

Porto. As cores tropicais, tão presentes nas obras do autor, aqui aparecem potencializadas na imensidão do azul do céu e do mar, no verde das montanhas e das áreas descobertas.

Como cartógrafo, teve a intenção também em 'Santos Antiga' de mostrar a cidade na sua realidade geográfica, quando o Brasil deixa de ser Colônia de Portugal. Benedicto Calixto tinha sempre um olhar voltado para além do horizonte. Ao registrar o passado, estava deixando para a posteridade, no conjunto de sua obra, uma explicação para o presente.



Detalhe da obra **"Casa de Conselho ou Câmara e Cadeia"**



Detalhe da obra **"Porto de Santos - 1914"**



Detalhe da obra **"Santos Antiga"**

Conheça as marinhas em exposição na Pinacoteca



Banca de Peixe e Mercado das Canoas - 1887

óleo sobre madeira

45 cm × 71 cm





Banca de Peixe e Mercado das Canoas - 1887

óleo sobre madeira

45 cm × 71 cm



Forte do Itapema e Outeirinhos - Data desconhecida

óleo sobre tela

40 cm × 60 cm



Litoral Paulista - 1906

óleo sobre tela

29 cm x 49 cm



O encalhe do Navio Callback - Data desconhecida

aquarela

46,5 cm x 56 cm



Pedra de Itanhaém - Data desconhecida

óleo sobre tela

39 cm x 55 cm



Porto de Santos - 1914

óleo sobre tela

30 cm x 60 cm



Porto do Bispo (Santos Colonial) - 1886

óleo sobre tela

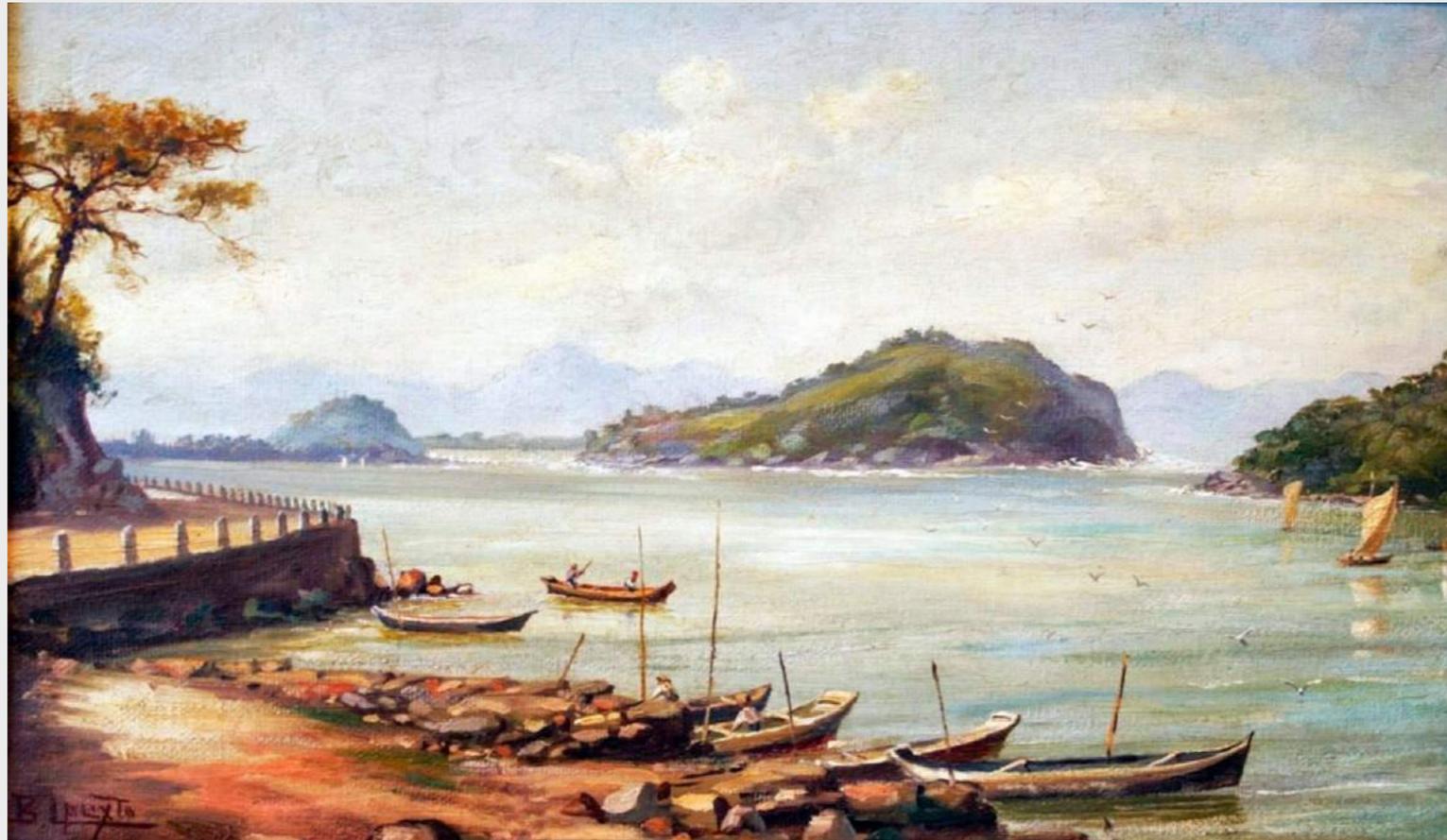
35 cm x 80 cm



Porto do Bispo - 1886

óleo sobre tela

50 cm x 75 cm



Praia de São Vicente - Data desconhecida

óleo sobre tela

30 cm x 50 cm



Praia e Rampa do Consulado - Porto de Santos - 1882 - 1882

óleo sobre tela

54 cm x 96 cm



Regata de 1889 - 1889

óleo sobre tela

32 cm x 54 cm



Santos Antiga - 1922

óleo sobre tela

60 cm x 90 cm



Vila de Pescadores - Itanhaém - 1887

óleo sobre tela

23 cm x 46 cm

Cenas históricas



PINTOR E DOCUMENTALISTA

A importância de Benedicto Calixto como artista plástico numa República ainda em formação talvez não tenha sido mais evidente que sua inegável contribuição como documentalista e historiador. Pessoas ligadas à Cultura no Brasil costumavam escrever para ele pedindo informações históricas.

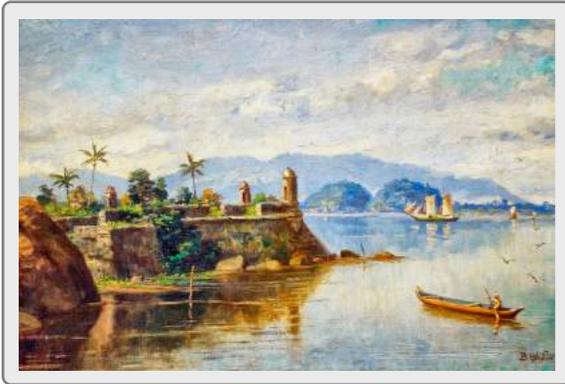
Benedicto Calixto deu vazão à sua veia de historiador em parte significativa de sua obra. Para compor as telas com temática histórica, pesquisava à exaustão até conseguir, com seu pincel, documentar para a posteridade passagens importantes do cenário brasileiro.

Ruas Meridional e Setentrional

O quadro, que pertenceu ao acervo da Câmara Municipal de Santos, mostra as antigas ruas Meridional e Setentrional, que depois dariam lugar à Praça da República, tendo ao centro a loja de armarinhos do comerciante J. Corvelo. O estabelecimento anos depois emprestaria suas dependências para a sede provisória do Conselho Municipal e Cadeia. À frente, um antigo chafariz (no lugar onde existia o segundo pelourinho santista, destruído pela população em 1822) e um trole com tração animal.

Uma publicação de 1939 identifica ser este um "aspecto tomado em 1840", estabelecendo em princípio um conflito de datas, pois o serviço de gôndolas de Luís Massoja surgiu em 23 de maio de 1864 e durou apenas cerca de um ano. Outro serviço do gênero surgiria em 1872 por iniciativa de Domingos Moutinho.

Forte do Itapema e Outeirinhos



Situado no Guarujá, no litoral de São Paulo, o Forte do Itapema (em tupi-guarani itapema significa pedra partida) já foi chamado também de Forte do Pinhão da Vera Cruz, de Fortaleza da

Vera Cruz, e de Santa Cruz. A data da sua construção é desconhecida, mas há registros de que foi cartografada em 1573. A fortaleza representa uma das edificações mais antigas do Brasil, construída no século XVI com a finalidade militar de controlar o acesso das embarcações ao porto da Vila de Santos e ao Saco dos Outeirinhos.

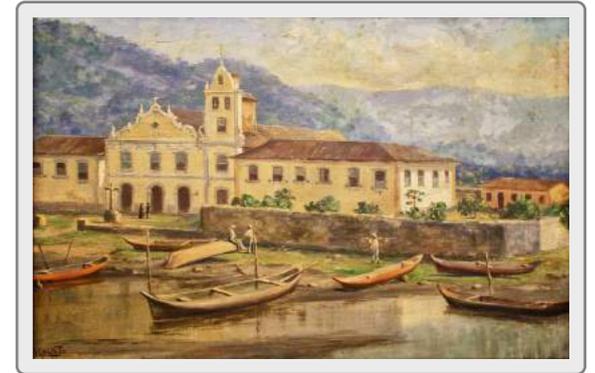
O primeiro comandante do forte teria sido Francisco Nunes Cubas, sobrinho de Brás Cubas, fundador da Vila de Santos. Desarmada em 1850, a fortaleza passou a ser utilizada como depósito, até que em 1883 um incêndio destruiu grande parte do monumento histórico.

No quadro, Benedicto Calixto mostra os escombros do forte, que havia sido tombado em 1892 pelo Estado de São Paulo. Ao mesmo tempo em que expõe um ambiente calmo, Calixto expressa a rigidez da edificação, que mesmo

parcialmente destruída e com a vegetação já tomando toda a sua estrutura, a posição estratégica confere à fortaleza uma certa imponência, com três torres ainda intactas.

Igreja e Convento Santo Antônio do Valongo

O Convento de Santo Antônio do Valongo começou a ser construído em 1641, assentado em uma área doada aos franciscanos por quatro proprietários de terras



da Vila de Santos. A fachada é construída em estilo barroco, sendo considerada um dos mais expressivos trabalhos do século XVIII .

Somente 49 anos depois foi construída a Capela da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, anexa à igreja onde está a imagem de São Francisco. O santo tem tamanho real e encontra-se em um altar-mor, em estilo rococó, que abriga um dos únicos tronos rotativos do país.

Em 1859, o convento foi demolido depois que Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá, comprou parte do imóvel para a construção da estrada de ferro Santos-Jundiaí. Mas a população e religiosos não permitiram a retirada da

imagem de Santo Antônio do local, o que impediu o desaparecimento da igreja, elevada a santuário em 1987.

Tanto o convento como a igreja estão nessa obra de Calixto, que dá à pintura um ar imponente pela grandiosidade da construção. Não por acaso o muro toma quase toda a extensão da tela e, no adro, junto ao cruzeiro, dois franciscanos conversam numa condição quase imperceptível, o que demonstra ainda mais o gigantismo do complexo religioso.

A tranquilidade do lugar também foi captada pelo artista ao mostrar as águas calmas do hoje extinto Ribeirão de São Bento, dando ideia do sossego em torno do santuário. Moldada por uma grande montanha e o céu azulado, a obra é de uma simetria, combinação de cores e perspectiva perfeitas, que faz da tela uma das mais belas criações de Calixto.



Detalhe da obra **"Os Quatro Cantos e a Rampa do Mercado"**



Detalhe da obra **"Rancho Grande dos Tropeiros"**

Conheça as cenas históricas em exposição na Pinacoteca



Brasão de Armas de Santos - 1920

aquarela

90 cm x 70 cm





Brasão de Armas de Santos - 1920

aquarela

90 cm x 70 cm



Casa do Trem, Travessa e Capela de Sta Catarina -

Data desconhecida

óleo sobre tela

30,2 cm x 39,7 cm



Igreja do Carmo e Pelourinho - Data desconhecida

óleo sobre tela

45 cm x 70 cm



Igreja do Convento de Santo Antonio do Valongo em 1840 - Data Desconhecida

óleo sobre tela

40 cm x 61 cm



Igreja Matriz de Santos - Data desconhecida

óleo sobre tela

45 cm x 70 cm



Os Quatro Cantos e a Rampa do Mercado - 1882

óleo sobre tela

54 cm x 96 cm



Rancho Grande dos Tropeiros - Data desconhecida

óleo sobre tela

40 cm x 60 cm



Ruas Meridional e Setentrional - Data desconhecida

óleo sobre tela

45 cm x 70 cm



Capela de Frei Gaspar - Ruínas da fazenda de Sant'Anna do Acaraú - Data desconhecida

óleo sobre tela

40 cm x 60 cm



Casa do Conselho ou Câmara e Cadeia - Data desconhecida

óleo sobre tela

45 cm x 70 cm



Ruínas da Capela de Nossa Senhora das Neves -

óleo sobre tela

40 cm x 60 cm



Ruínas da Casa de Pedra de Martim Afonso - 1889

óleo sobre tela

40 cm x 60 cm

Arte Sacra



CONSTRUINDO UMA ICONOGRAFIA RELIGIOSA

Pode-se afirmar que na sua formação, o gosto pela pintura, pela pesquisa e a importância da sua religiosidade foram se fundindo. Calixto se tornou um pintor católico que pesquisa. Assim, as primeiras obras religiosas de Calixto são criadas sob encomenda das irmandades de Santos.

Católico fervoroso, a pintura sacra se constituiu para Calixto verdadeira paixão. A maioria das obras sacras em exposição na Pinacoteca são estudos que o pintor teria feito, antecedendo famosos trabalhos em exposição em igrejas, como a “Assunção de Nossa Senhora”

Em seu estudo sobre o pintor, registrado no livro “A Pintura Sacra de Benedicto Calixto”, o psicólogo e professor de história da Arte, Moisés Poletini, conta que a origem do sobrenome Jesus (Benedicto Calixto de Jesus) foi uma escolha de seu pai, que preteriu o sobrenome de família para louvar o nome do personagem bíblico mais representativo para a cultura cristã.

“(…) Calixto desde criança acompanhava de perto as atividades da Igreja em Itanhaém, sua cidade natal. Teria feito, na adolescência, o primeiro presépio da cidade, em madeira. Depois de adulto, mesmo não morando mais na pequena vila, todos os anos, por ocasião da Semana Santa, para lá se dirigia, sendo responsável pela decoração e encenação das passagens daquela data. Daí também vem seus estreitos laços de amizade com os senhores da igreja, que posteriormente o ajudariam na sua indicação para diversas obras.

Pode-se afirmar que na sua formação, o gosto pela pintura, pela pesquisa e a importância da sua religiosidade foram se fundindo. Calixto se tornou um pintor católico que pesquisa (...)”.

Assim, as primeiras obras religiosas do pintor são criadas sob encomenda das irmandades de Santos. Depois, ele inicia um importante ciclo de pinturas sobre a vida do padre jesuíta José de Anchieta. Isso porque a Igreja paulista estava muito interessada na figura do padre, pois tentava reabrir seu processo de beatificação, iniciado em 1593. Esse processo teve início em meados de 1890, mas em 1910 o Vaticano arquivou o processo, retomando-o na década de 1970.

Assim, quando as encomendas de pinturas sobre o padre Anchieta diminuíram, Calixto iniciou uma nova fase de seu trabalho: a pintura especializada do interior de igrejas, principalmente na Capital e Interior paulista, enriquecidos com a produção e exportação de café.

Interrogatório de Dioclesiano (estudo)

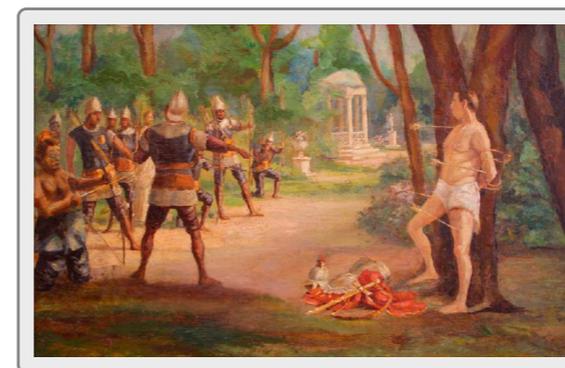
Neste estudo em óleo sobre tela, interrogado pelo imperador romano Dioclesiano, São Sebastião assume ser seguidor da doutrina cristã. O imperador tenta convencê-lo a desistir da sua fé, mas São Sebastião se mostra irredutível.

Como pena é condenado a ser amarrado a um árvore e flechado até a morte.

Em 1920, Calixto pintou a tela sob encomenda para a Catedral de São Sebastião, na cidade paulista de Ribeirão Preto. O Interrogatório de São Sebastião integra um conjunto de seis obras realizado a pedido do bispo dom Alberto José Gonçalves, trabalho que levou seis anos para ser concluído: de 1916 a 1922.



Primeiro Martírio de São Sebastião (estudo)



Aqui assistimos à execução de São Sebastião. Mostra os arqueiros lançando impiedosamente flechas ao seu corpo, amarrado a uma árvore. Junto aos pés suas vestes estão jogadas ao chão.

A imagem supõe um São Sebastião com semblante sereno e com o olhar desviado, mantendo um ar altivo ante a morte que se aproxima.

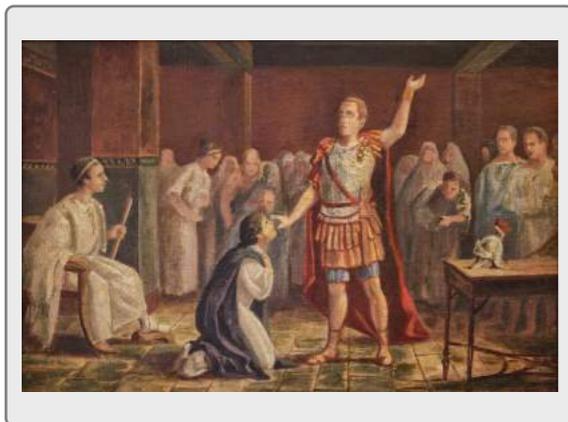
São Sebastião nasceu em Narbore, na França, em 256 d.C.. Foi um soldado que se alistou no exército romano por volta

de 283 d.C.. A princípio, era querido do imperador Dioclesiano, sendo designado capitão da sua guarda pessoal, a Guarda Pretoriana.

Apesar de ser um soldado exemplar, seu temperamento dócil com os prisioneiros e sua profunda fé cristã açoitou a ira do imperador. O governo de Dioclesiano foi marcado pela violenta perseguição aos cristãos.

Na condição de soldado, São Sebastião foi tratado como traidor, resultando na sua pena de morte. Faleceu em Roma, no ano de 283 d.C.

Restituição da Fala à Neófito Zoé



Este croqui, sem data definida, em óleo sobre tela, no tamanho 25,5 x 38 cm, deu origem à obra pintada por Calixto no início do século XX na Igreja Metropolitana de Ribeirão

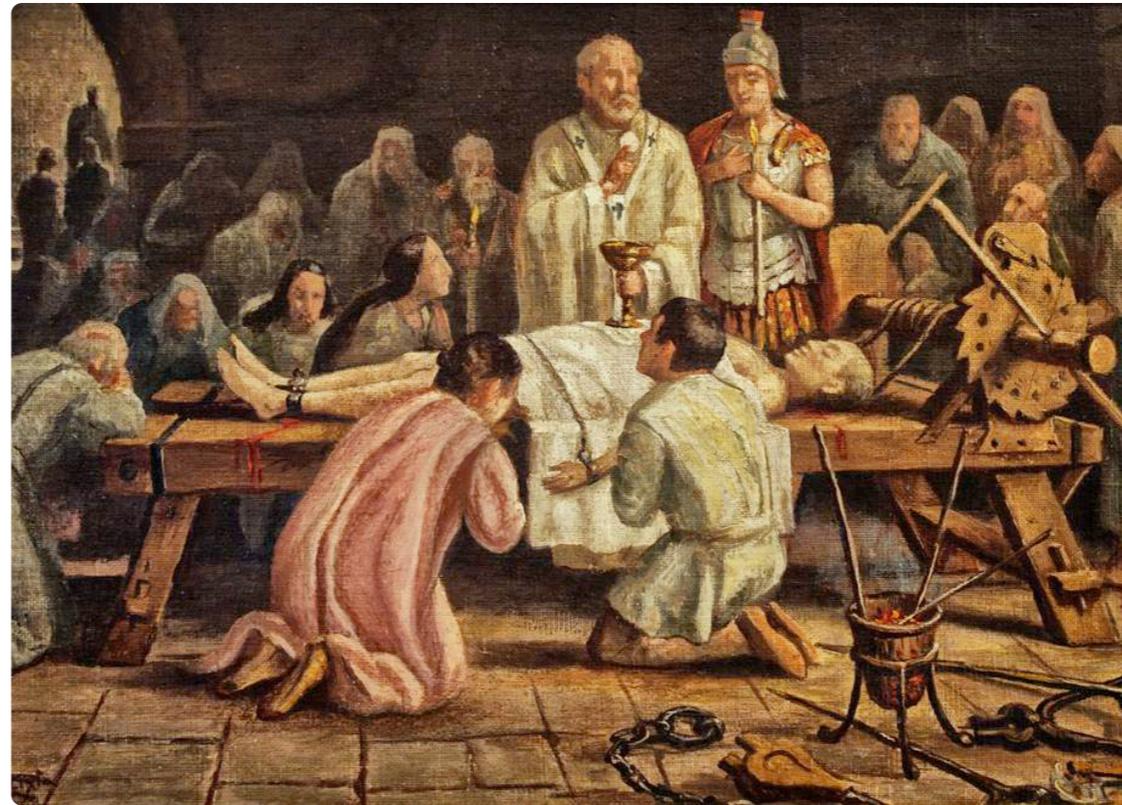
Preto. O estudo também faz parte da série de seis trabalhos que resultaram nas telas sobre o julgamento e condenação de São Sebastião.

Para realizar a empreitada, Calixto chegava de trem à cidade pela estrada de ferro Mogiana. Hospedava-se na casa de Dom Leopoldo, primeiro arcebispo de São Paulo, dando sequência às pinturas.



Detalhe da obra **"A Comunhão dos Mártires"** - estudo

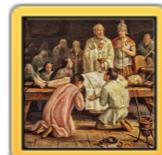
Conheça as artes sacras em exposição na Pinacoteca



A Comunhão dos Mártires (estudo) - 1918

óleo sobre tela

25,5 x 38,5 cm





A Comunhão dos Mártires (estudo) - 1918

óleo sobre tela

25,5 x 38,5 cm



Ascensão de Paulo (estudo) - 1887

óleo sobre tela

25,5 cm x 38,5 cm



Assunção de Nossa Senhora - 1903

óleo sobre tela

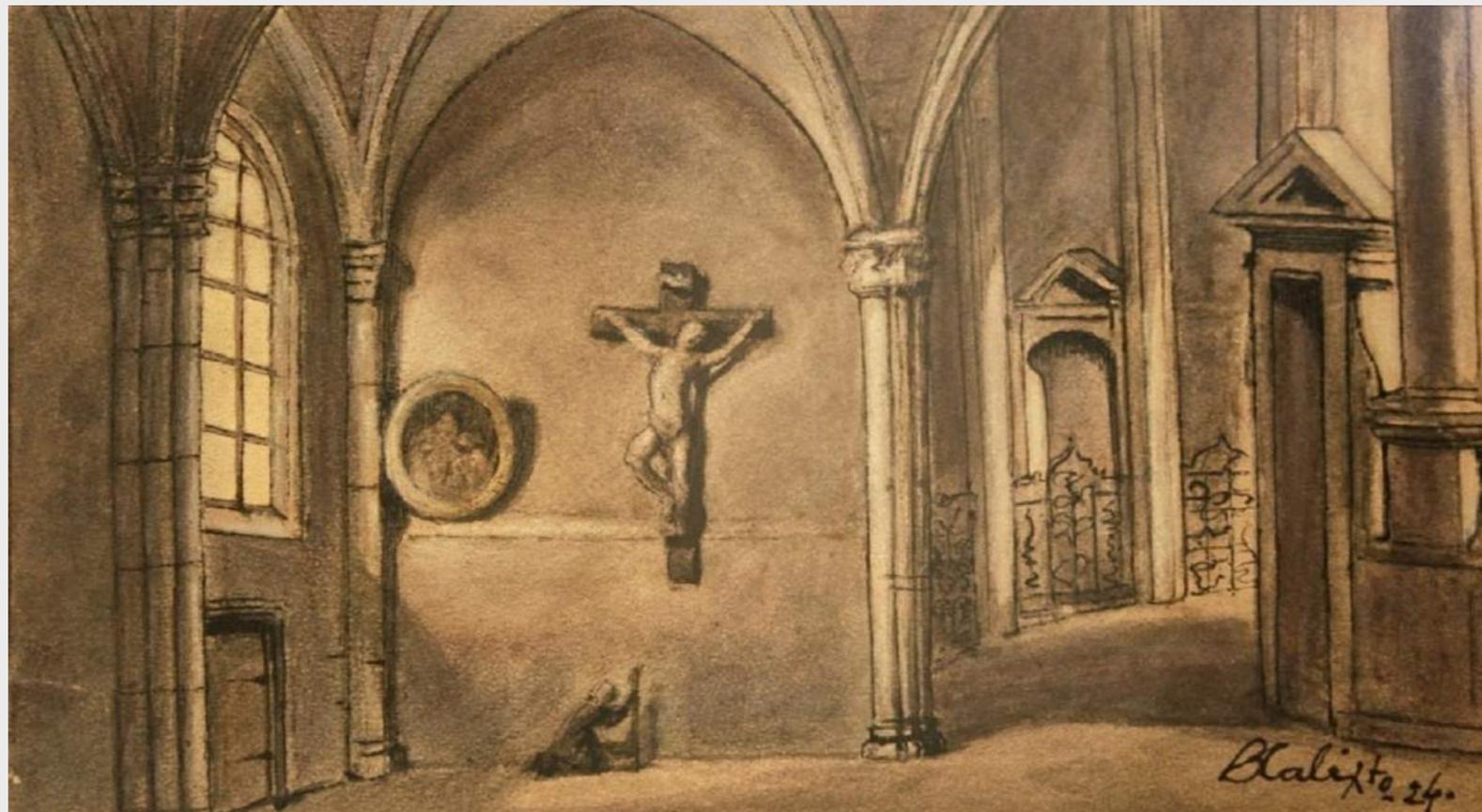
100 cm x 80 cm



Desenho de Figura Religiosa - Data desconhecida

carvão sobre papel

26 cm x 38,9 cm



Interior de Igreja (estudo) - 1924

guache sobre papel

14,1 cm x 24 cm



Interrogatório de Dioclesiano (estudo) - Data desconhecida

óleo sobre tela

25,5 cm x 38,5 cm



Primeiro Martírio de São Sebastião (estudo)- Data desconhecida

óleo sobre tela

25,5 cm x 38,5 cm



Restituição da Fala à Neófita Zoé (estudo) - Data desconhecida

óleo sobre tela

25,5 cm x 38,5 cm



Segunda Condenação de São Sebastião (estudo) -

Data desconhecida

óleo sobre tela

25,5 cm x 38,5 cm



Serás o Defensor da Igreja de Cristo (estudo) -

Data desconhecida

óleo sobre tela

25,5 cm x 38,5 cm

Nus



ESTUDANDO A ANATOMIA HUMANA

As principais técnicas pictóricas para a realização do nu são a aquarela, o pastel e o óleo. A aquarela proporciona maior suavidade e delicadeza à anatomia, embora sintetize o relevo muscular e requer grande precisão para a sua execução, pois não permite a retificação.

O primeiro contato de Calixto com os modelos nus se deu ainda em Paris na Academia Julian, depois de tentar se adaptar ao estilo do mestre impressionista Raffaelli, entre 1883 e 1884. O estudo auxiliou o pintor a compor, em 1890, a tela **"Revoada de Maio"**, cuja cena remete à mitologia grega, com o nascimento da deusa grega Afrodite (ou Vênus para os romanos), que emerge do oceano, auxiliada por aves marinhas. Diz Caleb Faria Alves, em "Benedicto Calixto e a construção do imaginário Republicano":

"O fato de Calixto ter ido para os ateliês de desenho de modelos vivos assim que entrou para a academia e já estar pintando e fazendo composições em menos de um ano revela que passou muito rápido por certos estágios do aprendizado. O aluno iniciante começava nos ateliês de pintura fazendo exercícios de cópias de gravuras, chamadas modéles de dessin, em seguida de reproduções em gesso de estátuas ou partes do corpo, nas quais iniciava seus estudos de luz e volume para criar ilusão de contorno. Só após atingir sucesso neste estágio, o aluno era designado para as aulas à la nature, ou modelo vivo."

O nu artístico é descrito pela Wikipedia como a designação dada à exposição do corpo de uma pessoa nua em diversos meios artísticos (pintura, escultura ou, mais recentemente, cinema e fotografia). É considerado uma das classificações

acadêmicas das obras de arte. Muitas culturas toleram a nudez na arte mais nem tanto na vida real, com parâmetros diversos sobre o que é aceitável. Dessa forma, o museu que exhibe obras com nus, em geral não encara como natural a nudez do visitante. Como gênero artístico, o nu é um tema complexo de abordar por suas múltiplas variantes, como forma, estética e iconografia. É considerado por historiadores o tema mais importante da história da arte ocidental.

O estudo e a representação artística do corpo humano sempre foram constantes na história da arte, desde a pré-histórica Vênus de Willendorf até a atualidade. Desde seu aspecto mundano, relacionada ao erotismo, até ao mais espiritual, como ideal de beleza, o nu foi um tema recorrente na produção artística praticamente em todas as culturas que se sucederam no mundo ao longo do tempo.

O corpo proporciona sensações, como dor e prazer, e emoções, como tristeza e alegria. Ele está presente em todas as fases da vida, pois é com ele que o ser humano se desloca pelo mundo, e é por meio dele que sente a necessidade de questionar a existência do corpo como invólucro de um “eu interior”.

A partir do Renascimento, o nu conquistou um importante sentido iconográfico. Para poder representar nus, os artistas

usavam uma desculpa temática, outorgando às obras um significado geralmente relacionado à mitologia greco-romana e, por vezes vezes, com a religião. Até o século XIX praticamente não há nus “ao natural”, despojados de todo simbolismo, nus que somente reflitam a estética intrínseca do corpo humano.

Considerada a primeira representação de um nu na história da Cultura humana, a estatueta da Vênus de Willendorf tem apenas 11,1 cm de altura. Ela representa estilisticamente uma mulher e foi descoberta em um sítio arqueológico do período paleolítico situado perto de Willendorf, na Áustria, de 2500 a 2000 a.C.



Mathias Kabell



A **"Revoada de Maio"**, em exposição na galeria de nus, remete a uma visão de Afrodite saindo das águas do mar



Nesta imagem, a famosa Vênus de Milo, em exposição no Museu do Louvre, na França, é outro exemplo de representação artística do corpo nu, através de seu mármore esculpido. O museu a catalogou como uma criação helenística do final do século II a.C.. Vênus, ou Afrodite, é a deusa da Beleza e do Amor



Detalhe do rosto feminino retratado na **"Revoada de Maio"**

Conheça outros nus em exposição na Pinacoteca

Acervo Fundação Pinacoteca Benedito Calixto



Estudo de Academia - Nu Feminino - 1883

carvão sobre papel

61 cm x 42,5 cm





Estudo de Academia - Nu Feminino - 1883

carvão sobre papel

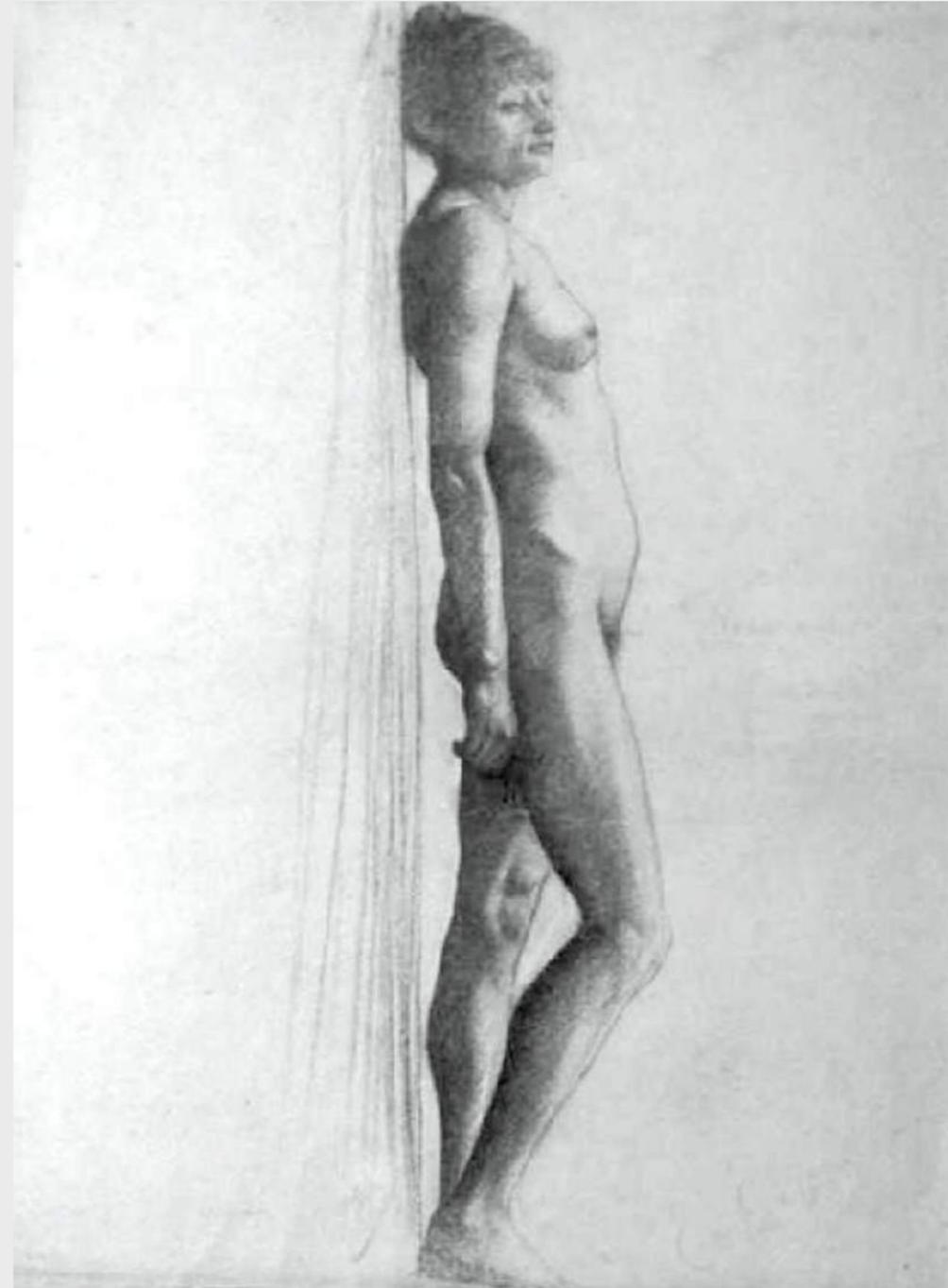
61 cm x 42,5 cm



Estudo de Academia - Nu Feminino - 1883

carvão sobre papel

61 cm x 42,5 cm



Estudo de Academia - Nu Feminino - Data desconhecida

carvão sobre papel

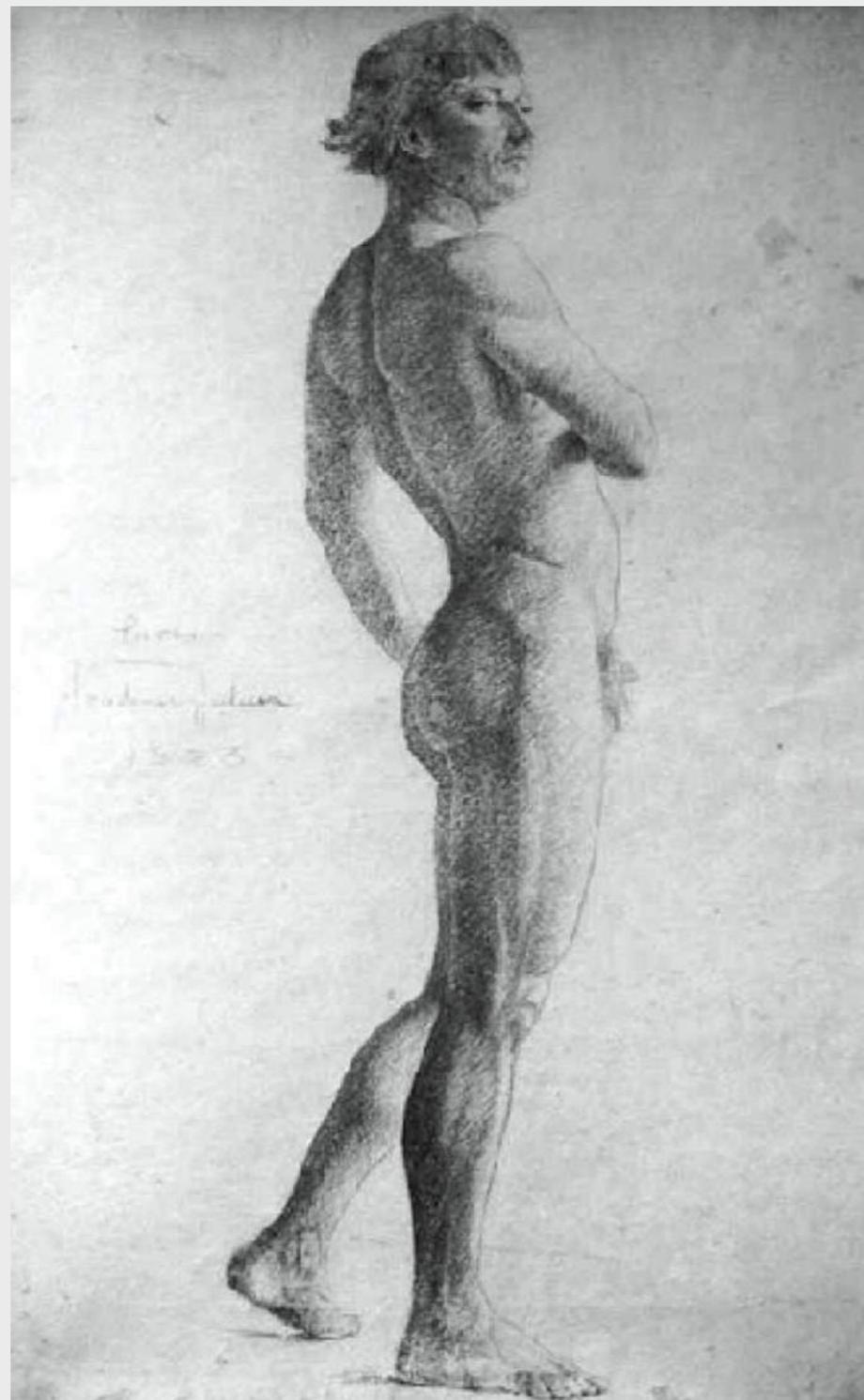
60 cm x 44,5 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1883

carvão sobre papel

51,8 cm x 30,7 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1883

carvão sobre papel

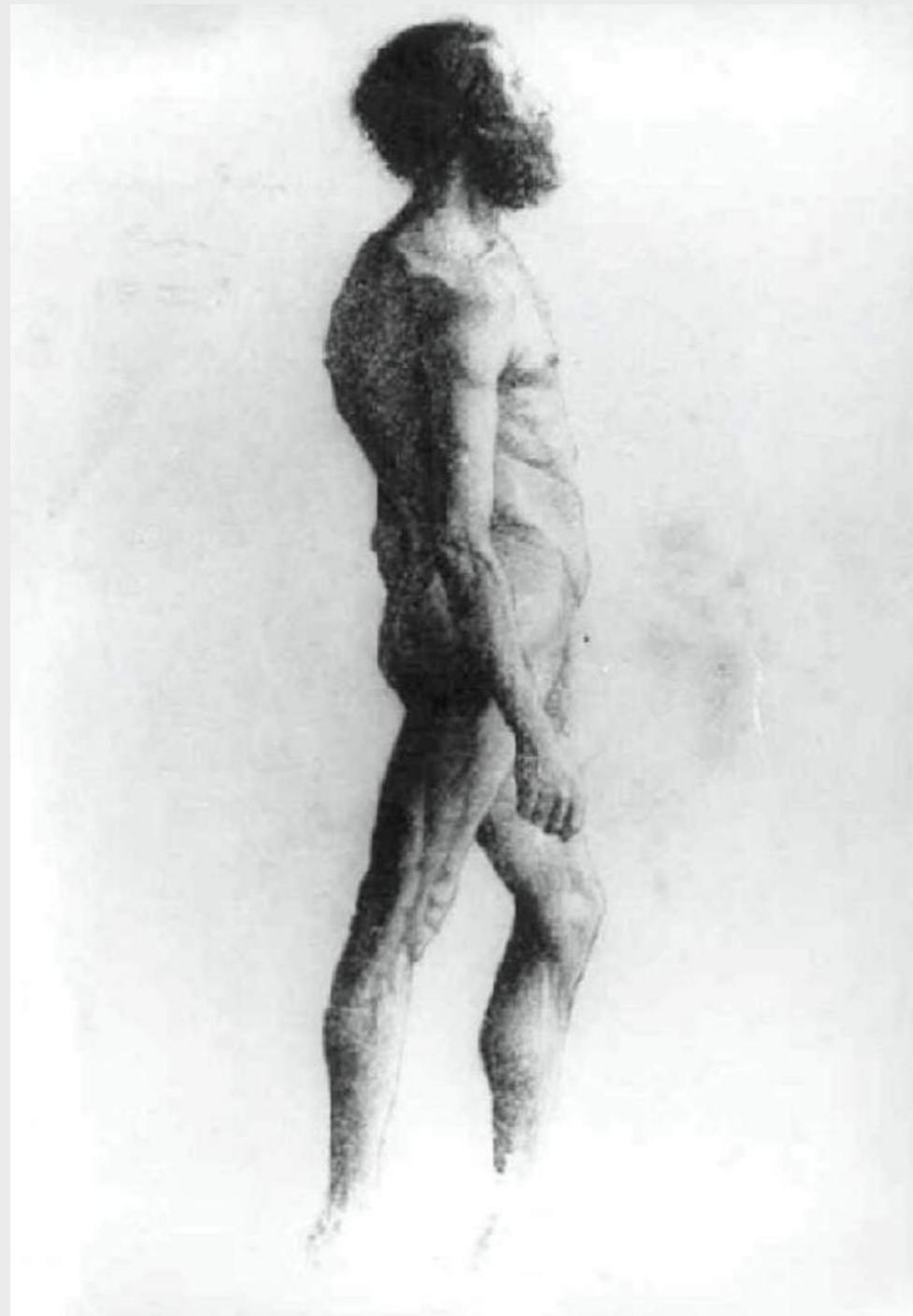
59 cm x 38 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1883

carvão sobre papel

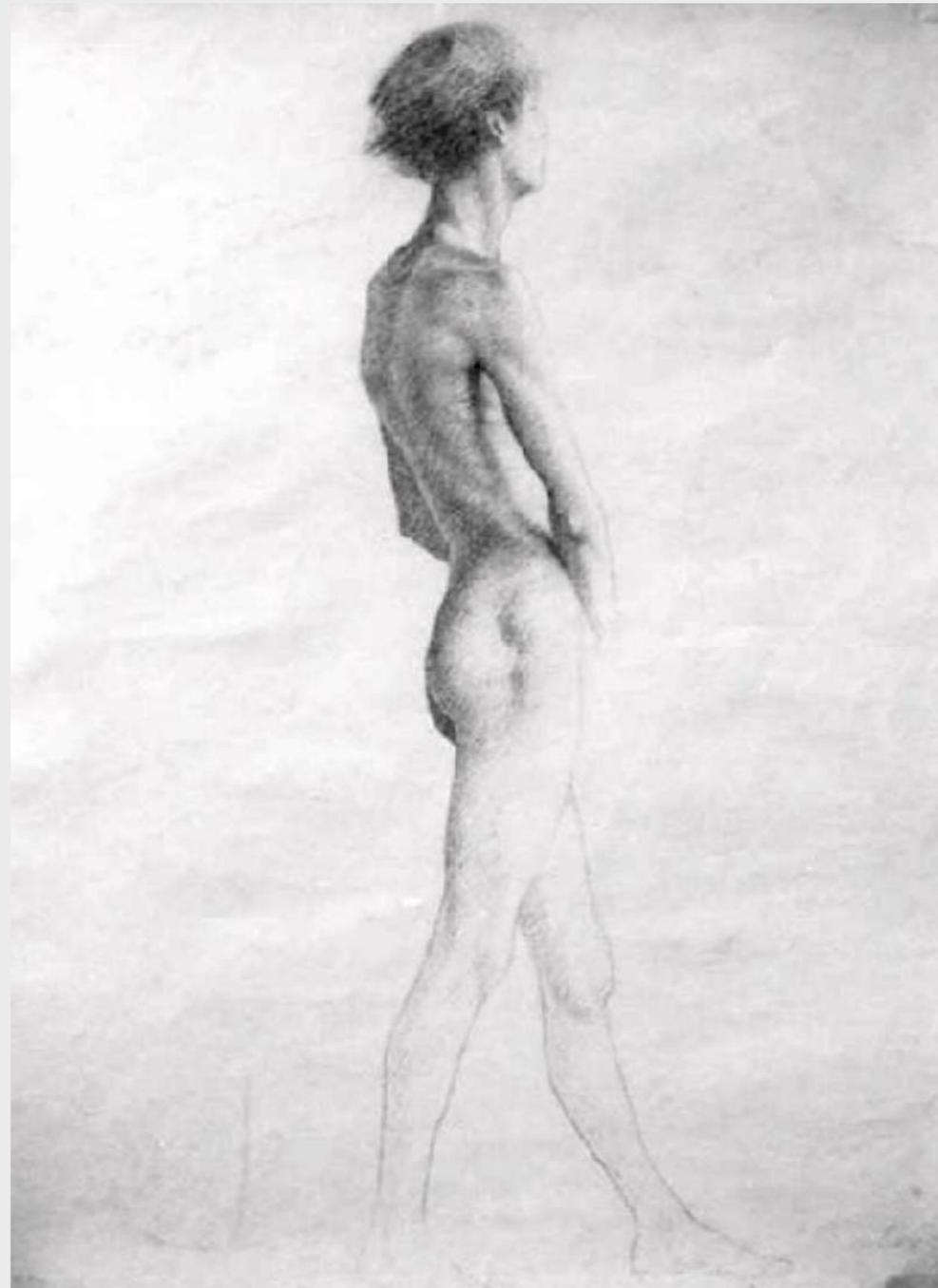
59 cm x 38 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1883

carvão sobre papel

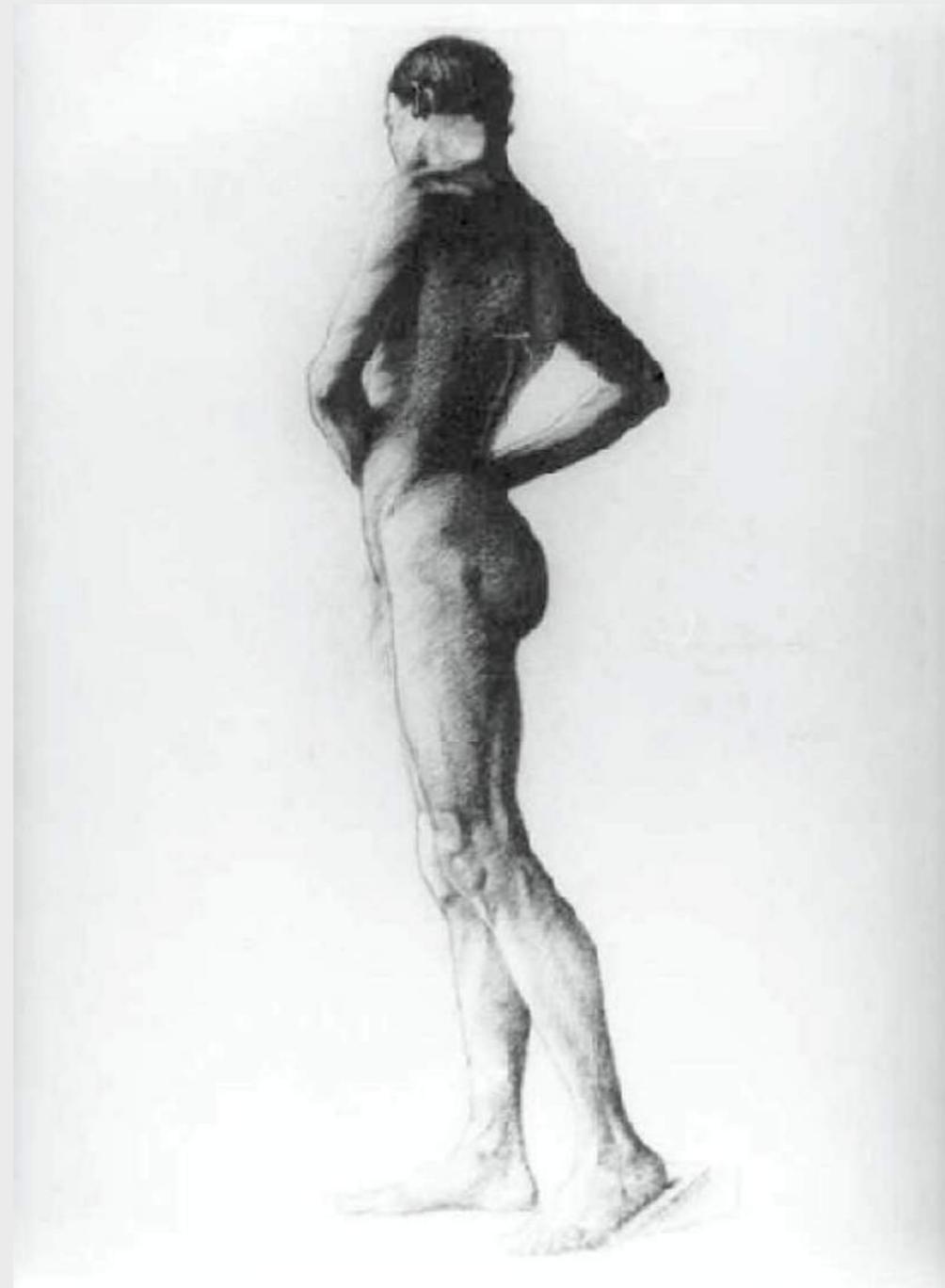
59,5 cm x 38 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1883

carvão sobre papel

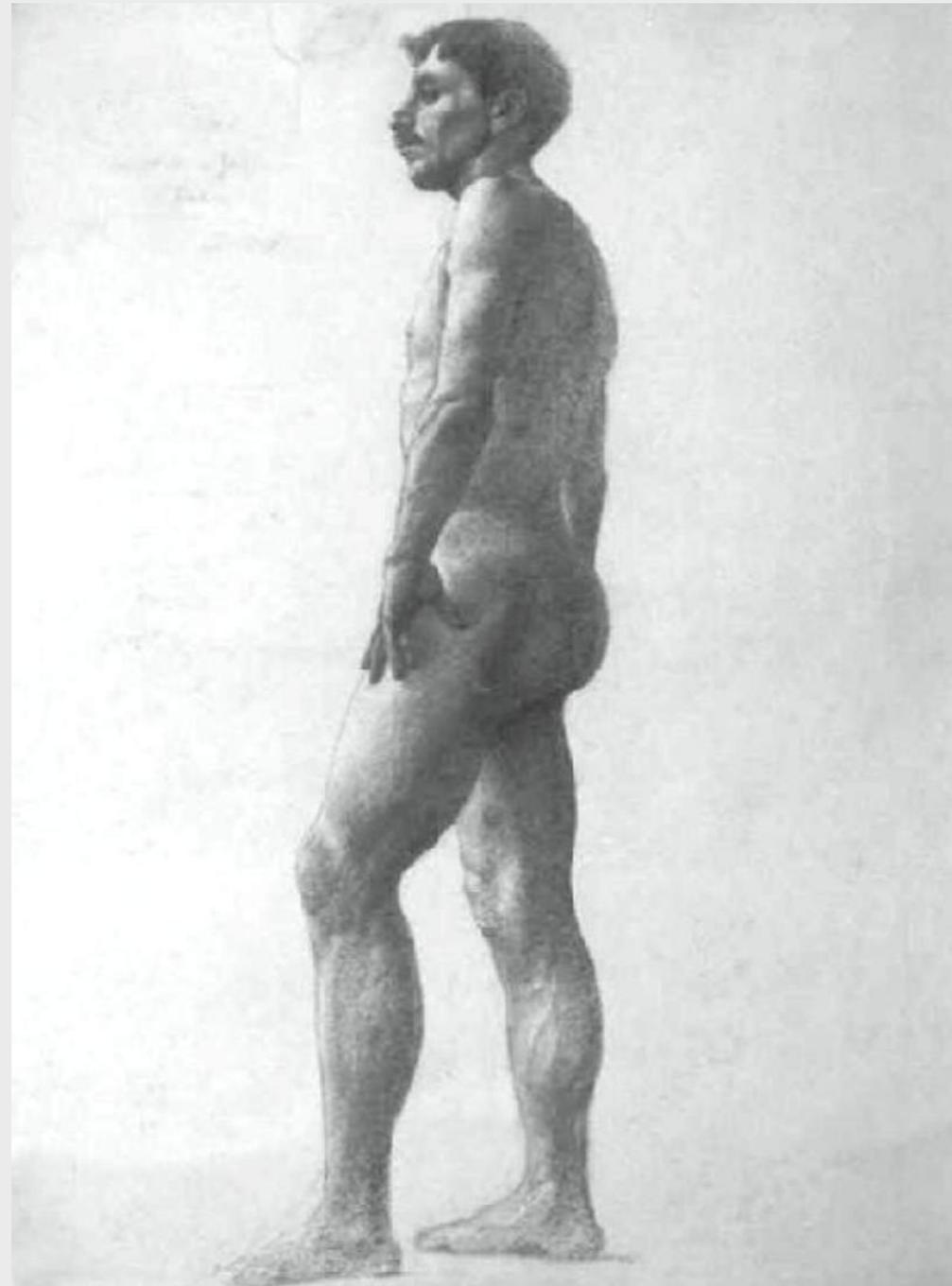
60 cm x 46 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1884

carvão sobre papel

61 cm x 46 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1884

carvão sobre papel

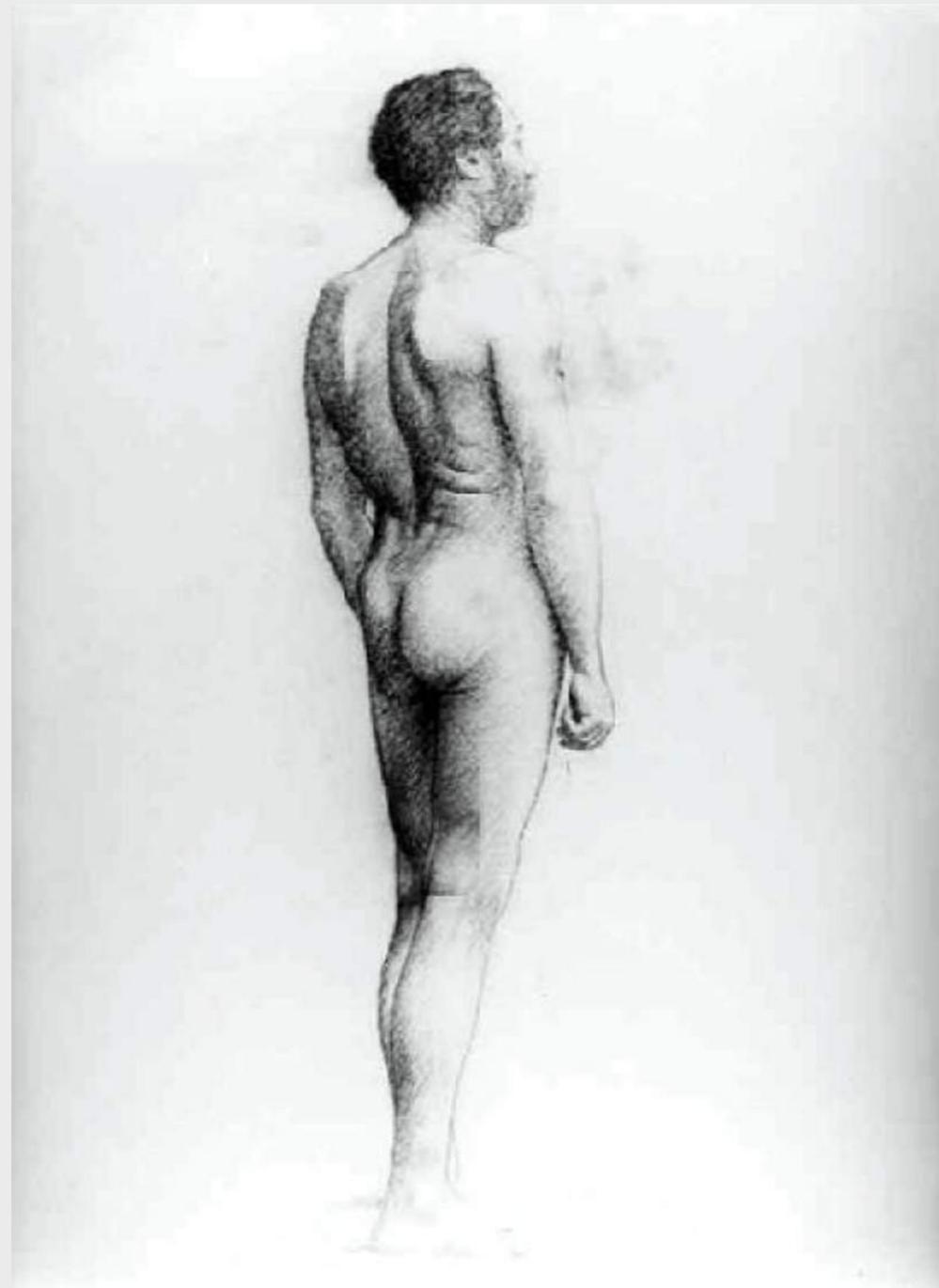
61,5 cm x 47,4 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - 1884

carvão sobre papel

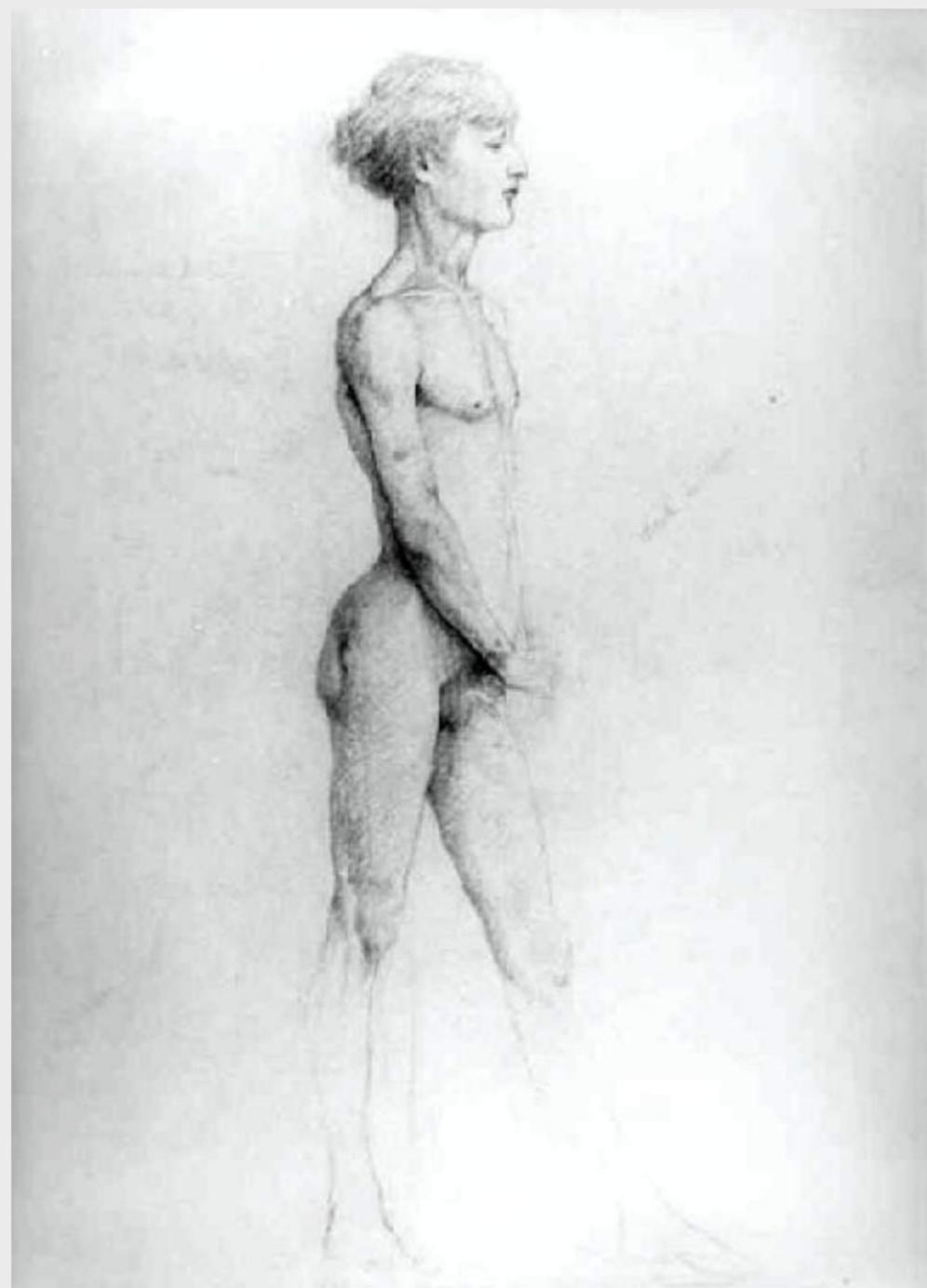
70 cm x 45 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - Data desconhecida

carvão sobre papel

60 cm x 45,5 cm



Estudo de Academia - Nu Masculino - Data desconhecida

carvão sobre papel

60 cm x 45,5 cm



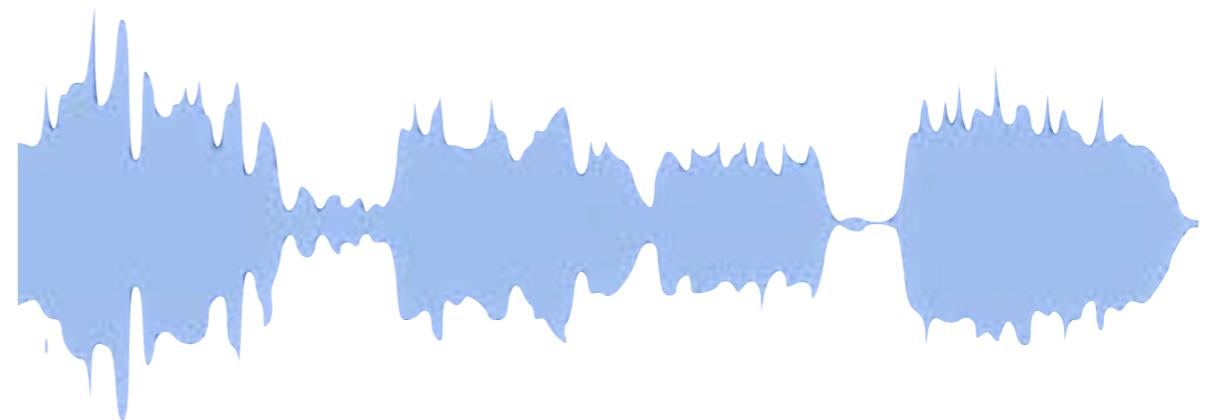
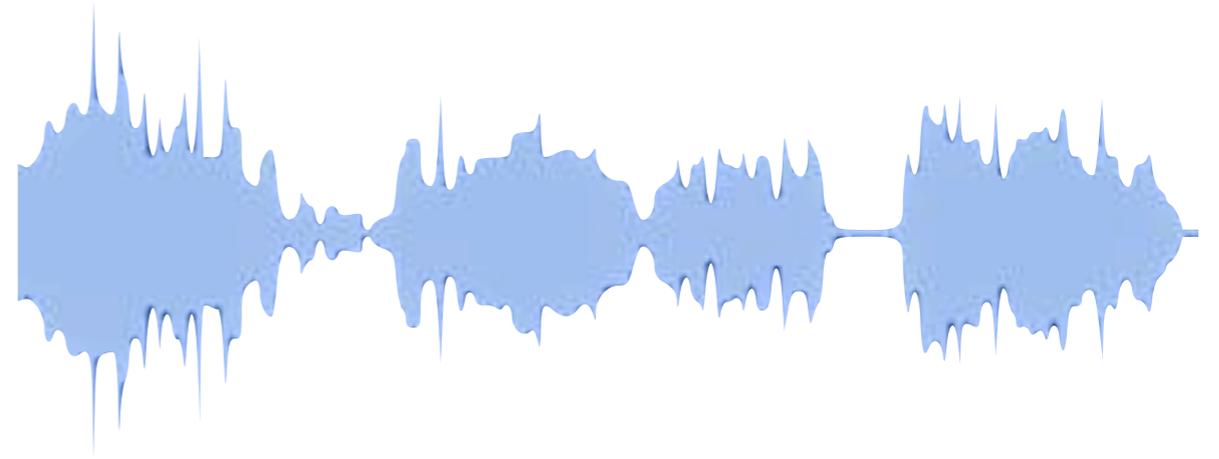
Estudo de Academia - Nu Masculino - Data desconhecida

carvão sobre papel

60,5 cm x 46,5 cm

Trilha Sonora

Uma trilha sonora foi composta e produzida especialmente para o livro "Calixto Digital". As músicas, criadas no ambiente eletrônico, ilustram os vídeos da versão *multitouch* deste trabalho, mas é possível ouvir as criações diretamente no Soundcloud.



A ideia de criar uma trilha sonora original para o catálogo digital interativo da Pinacoteca Benedito Calixto surgiu no momento da criação dos vídeos, após uma reflexão sobre se eles poderiam dar espaço para a execução de algum tipo de som. O objetivo? Tornar o passeio pelas obras ainda mais diferente, mais divertido. Para os que preferem o silêncio, estes poderiam apertar o botão de “mudo” de seus equipamentos.

Decisão tomada, teve início o trabalho de pesquisa musical, principalmente da época de Calixto. O desafio era recriar a sensualidade do maxixe, e a força dos ritmos africanos e típicos do Brasil, como o *mulundu* e o *afoxé*, mas com elementos da música moderna. Calixto viu nascer o *chorinho*, com seus primeiros acordes tristonhos. Uma iniciação ao *samba de roda*, manifestação proibida nas casas dos nobres abastados.

Em sua época, à medida em que a tecnologia dava seus primeiros passos na direção da comunicação global, com a invenção do telégrafo, a Igreja ainda ditava os rumos da Ciência e mantinha sua tradição como patrona das Artes.

Assim, da mesma forma que as obras de Calixto, as músicas do álbum retratam a efemeridade do tempo, a fragilidade das coisas, a duração dos dias. As músicas possuem personalidades distintas.

Como em **Litoral**, cujo código morse percussivo e em contratempo à cozinha rítmica - aparece como um telégrafo (esta era uma forma de comunicação muito comum na época de Calixto), misturando-se ao som de violões seresteiros e de uma percussão latina e bem humorada. Como bem humorado é o cravo que surge como um instrumento de intervenção, revelando o classicismo estético que

ainda era perseguido como ideal na época em que viveu o pintor.

Há músicas com arranjos singelos, como em **Delicata**, cuja melodia nasce do encontro de uma celesta com um cello e um dueto de violinos. Ou então em **Flautim**, cujas cordas “conversam” em *pizzicatos* fortes, decididos. Enquanto a flauta “chama” seus companheiros de sopro.

A trilha conta com momentos solenes, como em **Relíquia**, que empresta dramaticidade sonora ao vídeo que esmiuça a tela “Segunda Condenação de São Sebastião”.

Em **Rocas e Tempo**, a inserção de elementos da música eletrônica sugere um elo de ligação temporal entre a época do pintor e o mundo contemporâneo. A arte da capa foi elaborada com detalhes emprestados da obra “Revoada de Maio”.

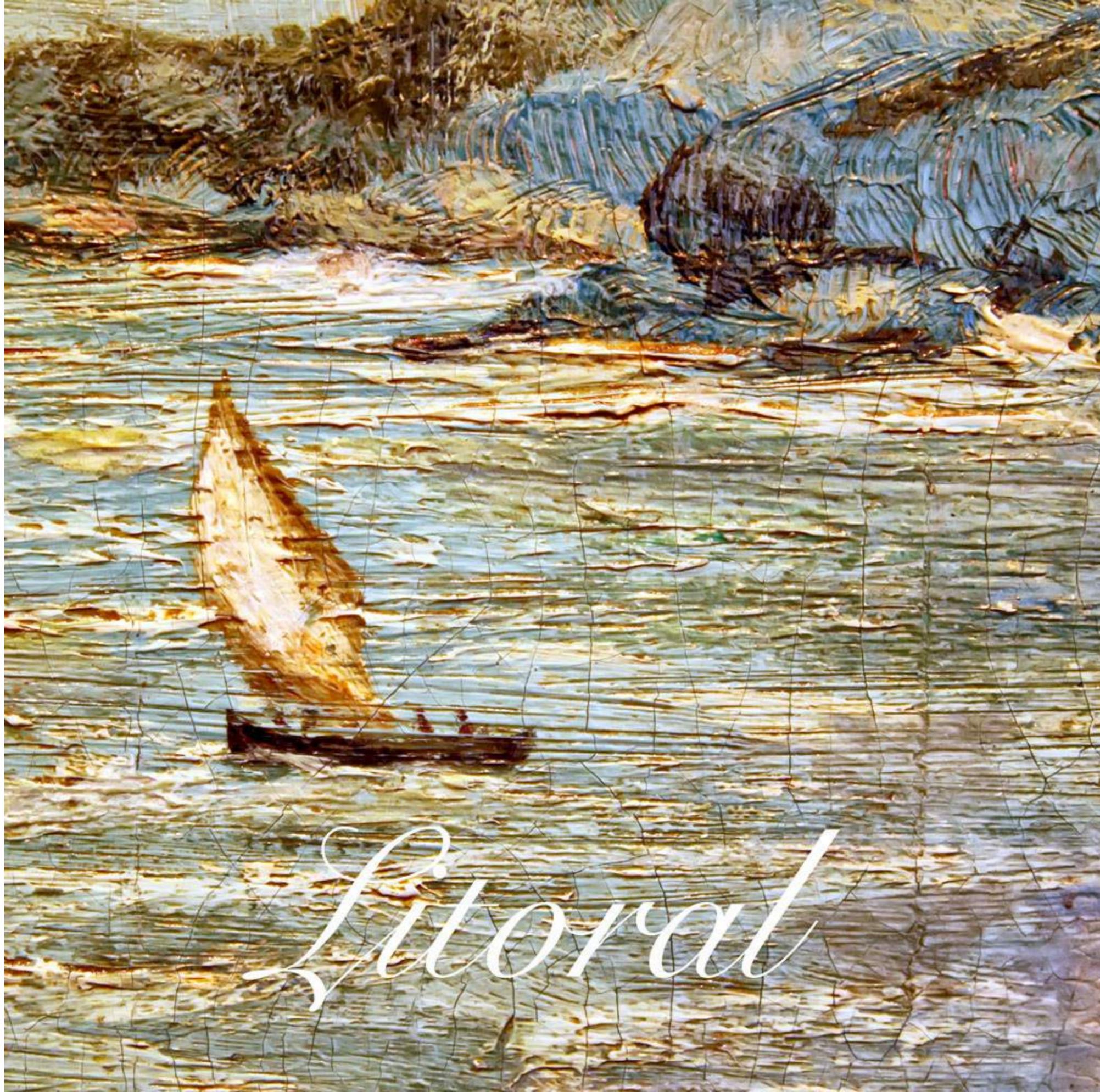
Prepare seus fones e boa audição!

C
L
I
Q
U
E

A
Q
U
I

P
A
R
A

O
U
V
I
R



Litoral

- 
01. *Litoral*
 02. *Delicata*
 03. *Flautim*
 04. *Manguezal*
 05. *Jesu*
 06. *Maré*
 07. *Paulistânia*
 08. *Reliquia*
 09. *Senhora*
 10. *Rocas*
 11. *Tempo*

C
L
I
Q
U
E

A
Q
U
I

P
A
R
A

O
U
V
I
R

Agradecimentos

Agradecemos a valorosa colaboração da Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto.

Nosso profundo carinho e gratidão aos entrevistados, pela paciência e generosidade.

E, por fim, de coração e alma agradecemos aos amigos, parceiros e colaboradores que embarcaram conosco nessa aventura incrível pelas obras de Calixto.

Bibliografia

- ALVES, Caleb Faria. *Mar Paulista*. In: CALIXTO, Benedito; SOUZA, Marli Nunes (coord.). *Benedito Calixto: um pintor à beira-mar*. Texto Caleb Faria Alves, Tadeu Chiarelli. Santos: Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, 2002.
- ALVES, Caleb Faria. *Benedito Calixto e a construção do imaginário republicano*. Bauru: EDUSC, 2003.
- ANDRADE, Wilma Therezinha F. *A vila caminha para oeste*. *AB Arquitetura do Brasil*.(Rio de Janeiro), v.19, 1992, p. 14.
- ANDRADE, Wilma Therezinha F. *O Discurso do Progresso: A evolução urbana de Santos (1870-1930)*. São Paulo: doutorado, FFLCH-USP, 1989.
- ANDRADE, Wilma Therezinha F. *Santos: urbanismo na época do café*. In: *Santos, Café e História*. Leopoldianum. Santos, 1995, pp.107-120.
- ARAÚJO FILHO, José de. *A Expansão Urbana de Santos*. In: *A Baixada Santista*. São Paulo: Ed. USP, v.3, 1965.
- ARAÚJO FILHO, José de. *Santos: o porto do café*. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.
- ARTIGAS, José Batista Vilanova. *Caminhos da Arquitetura*. São Paulo: Lech, 1981.
- AZEVEDO, Aroldo. *A Baixada Santista*. São Paulo: Edusp, 1965.
- CALIXTO, Benedito. *Capitanias Paulistas*. São Paulo: Estabelecimento Gráfico J. Rossetti, 1924.
- DIAS, Edith Pires Gonçalves. *“Memórias do Casarão Branco”*. Santos: Mazzeo Gráfica e Editora.
- JUNIOR COSTA, Martinho Alves da. - *Benedito Calixto Coleção Folha Grandes Pintores Brasileiros-Folha de São Paulo/Instituto Itaú Cultural*, 2013
- KRIS, E. & KURZ, O. *Lenda, Mito e Magia na imagem do artista: uma experiência histórica*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma Cidade na Transição. Santos: 1870 ? 1913*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos I. da Costa. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1994.
- LICHTI, Fernando Martins. *Poliantéia Santista*. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1996.
- LIMA, Solange Ferraz de, CARVALHO, Vânia Carneiro de. *São Paulo Antigo, uma encomenda da modernidade: as fotografias de Militão nas pinturas do Museu Paulista*. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1993, n.1, pp. 147-148.

LOUZADA, Júlio. *Artes Plásticas Brasil seu mercado - seus leilões*. São Paulo: Inter/arte/Brasil, 1989.

MUNIAGURRIA, Lorena Avellar de. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 22, p. 358-363, jul./dez. 2004.

NEDELL, Jeffrey. *A Belle Epoque Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Maria Alice Millet de. *'Benedicto Calixto Memória Pulista'* São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Emerson Dionisio G. de. "Instituições, Arte e o Mito Bandeirante: Uma Contribuição de Benedito Calixto. *sÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA* [19]; João Pessoa, jul/ dez. 2008.

POLETINI, Moisés. "Um Estudo das Obras Sacras de Benedito Calixto" (Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual de Campinas / UNICAMP).

POLETINI, Moisés. "A Pintura Sacra de Benedito Calixto". Santos: Editora e Gráfica Stampato, 2004.

RODRIGUES, Olao. *Almanaque de Santos, 1971*. Santos: W. Roth & Cia. Ltda, 1971.

MARTINS, Madô. "A Casa das Artes", 1992. Santos: Prodesan/Prefeitura Municipal de Santos.

SERRANO, Fábio Eduardo. *Café - Santos & História* (vários autores). São Paulo: Editora Leopoldianum/Universidade Católica de Santos, Santos, 1995)

SOBRINHO, Costa e Silva. *Santos Noutros Tempos*. Santos: Editora revista dos Tribunais, 1953. TEIXEIRA, Milton. B. *Calixto Imortalidade*. Santos: UNICEB, 1992.

TARASANTCHI, Ruth Sprung. *Pintores paisagistas: São Paulo, 1890 a 1920*. São Paulo: Imesp/Edusp, 2002.

Jornal Eletrônico Novo Milênio: <http://www.novomilenio.inf.br>

Ficha Técnica

Idealização e Realização: BITCom Comunicação Digital

Textos: Maurício Businari e Maria Cecília Rodrigues

Fotos: André Luiz Salibi

Foto e vídeo aéreo: Alexandre Andreazzi

Trilha Sonora: HI-BRAZIL

Apoio: Fundação Pinacoteca Benedicto Calixto



2014
Santos, SP, Brasil

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 3.0 Brasil.

Direitos Autorais



2014
Santos, SP, Brasil

 BITCom Comunicação Digital



Atribuição-SemDerivações-SemDerivados 3.0 Brasil (CC BY-NC-ND 3.0 BR)

Este é um resumo legível para humanos (e não um substituto) da [licença](#).

[Exoneração de Responsabilidade](#)

Você tem o direito de:



Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

De acordo com os termos seguintes:

-  **Atribuição** — Você deve atribuir **o devido crédito**, fornecer um link para a licença, e **indicar se foram feitas alterações**. Você pode fazê-lo de qualquer forma razoável, mas não de uma forma que sugira que o licenciante o apoia ou aprova o seu uso.
-  **NãoComercial** — Você não pode usar o material para **fins comerciais**.
-  **SemDerivações** — Se você **remixar, transformar ou criar a partir** do material, você não pode distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou **medidas de caráter tecnológico** que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.

Avisos:

Você não tem de cumprir com os termos da licença relativamente a elementos do material que estejam no domínio público ou cuja utilização seja permitida por uma **exceção ou limitação** que seja aplicável.

Não são dadas quaisquer garantias. A licença pode não lhe dar todas as autorizações necessárias para o uso pretendido. Por exemplo, outros direitos, tais como **direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais**, podem limitar o uso do material.

Academismo

academismo | s. m.

a·ca·de·mis·mo

(academia + -ismo)

substantivo masculino

1. Doutrina da filosofia .acadêmica.
2. Cópia inexpressiva e servil de obras de arte das antigas escolas. = ACADEMI-CISMO

"academismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/academismo> [consultado em 11-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Chapter 1 - Sua vida

Aniagem

aniagem | s. f.

a·ni·a·gem

substantivo feminino

Pano grosseiro de linho para capa de fardos.

"aniagem", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/aniagem> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Anti-histórico

anti-histórico

adjetivo

oposto à veracidade dos factos da história

anti-histórico In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-03-19].

Disponível na www: <URL:

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/anti-hist%C3%B3rico?homografia=0>>.

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Argênteas

fem. plu. de argênteo

ar·gên·te·o

adjetivo

1 De prata; argentino.

2 Da cor prateada

"argênteas", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/arg%C3%AAnteas> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Art Nouveau

Art Nouveau (Pronúncia francesa: [aʁ nu'vo]) é uma filosofia e estilo internacional de arte, arquitetura e arte aplicada – especialmente as artes decorativas- que foram mais populares de 1890 – 1910. O nome “Art Nouveau” é francês para “arte nova”. Ela também é conhecida como Jugendstil, pronunciada [ˈjuːɡntʃtiːl], alemão para “estilo da juventude”, que recebeu o nome devido à revista Jugend, que a promoveu, como Moderna na Rússia, que talvez tenha recebido seu nome devido à galeria Parisiense “La Maison Moderne”, como Secessão na Áustria-Hungria e seus estados sucessores, devido ao Grupo Vienense de Artistas, e na Itália, como Stile Liberty, devido à loja de departamento London, Liberty & Co., que popularizou o estilo. Uma reação à arte acadêmica do século 19, o movimento da Art Nouveau foi inspirado por formas e estruturas naturais, não somente em flores e plantas, mas também em linhas curvas. Arquitetos tentavam harmonizar com o ambiente natural. Ela também pode ser considerada uma filosofia do desenho de mobílias, que foi desenhado de acordo com a construção e a parte feita da vida ordinária.

O estilo foi fortemente influenciado pelo artista Tcheco Alphonse Mucha quando ele produziu um pôster litografado que apareceu em 1o de Janeiro de 1895 nas ruas de Paris como uma propaganda para a peça Gismonda por Victorien Sardou com a Sarah Bernhardt. O pôster popularizou o novo estilo artístico e seu criador para os cidadãos de Paris. Inicialmente denominado Style Mucha, seu estilo logo ficou conhecido como Art Nouveau.

Art Nouveau foi mais popular na Europa, mas sua influencia foi global. O período em que esteve muito em voga foi chamado de Belle Époque. Assim, ela é conhecida de várias formas com frequentes tendências localizadas junto. Na França, as entradas do Paris metro feitas por Hector Guimard eram do estilo Art Nouveau e Emile Gallé praticou o estilo em Nancy. Victor Horta teve um efeito decisivo na arquitetura na Bélgica. Revistas como a Jugend ajudaram a divulgar o estilo na Alemanha, especialmente como uma forma de arte gráfica, enquanto os secessionistas de Viena influenciaram a arte e a arquitetura de toda a Áustria-Hungria. Art Nouveau também era o estilo de indivíduos distintos como Gustav Klimt, Charles Rennie Mackintosh, Alphonse Mucha, René Lalique, Antoni Gaudi e Louis Comfort Tiffany, cada um dos quais interpretou o Art Nouveau de sua própria maneira.

Apesar de o Art Nouveau ter sido substituído pelos estilos modernistas do século 21, ele é atualmente considerado uma importante transição entre o historicismo do neo-classicismo e o modernismo. Além disso, monumentos Art Nouveau são agora reconhecidos pela UNESCO em sua lista de patrimônio mundial como contribuições significativas para o patrimônio cultural. O centro histórico de Riga, Letônia, com “a melhor coleção de construções Art Nouveau na Europa”, foi incluso na lista em 1997 parcialmente devido à “qualidade e quantidade de sua arquitetura Art Nouveau/Jugendstil e quatro casas de campos de Bruxellas feitas por Victor Horta foram incluídas em 200 como “obras de criatividade humana genial” que são “exemplos excepcionais da arquitetura Art Nouveau brilhantemente ilustrando a transição do século 19 para o 20 na arte, pensamento e sociedade.

(Wikipedia)

http://pt.wikipedia.org/wiki/Art_nouveau

Related Glossary Terms
Drag related terms here

Index

Atarracadas

fem. plu. part. pass. de atarracar

fem. plu. de atarracado

a·tar·ra·car - Conjugar

verbo transitivo

1. Preparar (a ferradura) para a adaptar ao casco.

2. Apertar com perguntas, atrapalhar.

Palavras relacionadas: atarracado, atronchado, sapudo, aparrado, atrongada, tarra-cho, manipanso.

a·tar·ra·ca·do

adjetivo

Baixo e gordo ou bojudo.

"atarracadas", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/atarracadas> [consultado em 23-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Ateliê

a·te·li·ê

(francês atelier)

substantivo masculino

1. Local de trabalho de um artista. = ESTÚDIO
2. Local de trabalho de um artesão. = OFICINA
3. Aula ou curso prático sobre uma .atividade ou um assunto específico (ex.: ateliê de escrita, ateliê de fotografia). = OFICINA

"ateliê", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/ateli%C3%AA> [consultado em 20-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Chapter 1 - Sua vida

Chapter 1 - Sua vida

Bidimensionalidade

derivação fem. sing. de bidimensional

bi·di·men·si·o·nal

(bi- + dimensional)

adjetivo de dois gêneros

Que tem duas dimensões.

"bidimensionalidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/bidimensionalidade> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Bucólica

bucólica | s. f.

fem. sing. de bucólico

bu·có·li·ca

substantivo feminino

Poesia pastoril dialogada; écloga.

Palavras relacionadas: bucolicamente, bucolismo, bucolista, bucólico, menálio, gênero.

bu·có·li·co

(latim bucolicus, -a, -um)

adjetivo

1. Relativo a pastores ou à pastorícia. = PASTORAL, PASTORIL

2. Relativo ao campo ou à vida no campo. = CAMPESTRE

3. Que diz respeito à natureza e às coisas naturais.

4. Singelo, puro, .ingênuo.

adjetivo e substantivo masculino

5. Que ou quem ama a vida no campo e os seus costumes.

"bucólica", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/buc%c3%b3lica> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Bucólico

bucólico | adj. | adj. s. m.

bu·có·li·co

(latim bucolicus, -a, -um)

adjetivo

1. Relativo a pastores ou à pastorícia. = PASTORAL, PASTORIL
2. Relativo ao campo ou à vida no campo. = CAMPESTRE
3. Que diz respeito à natureza e às coisas naturais.
4. Singelo, puro, .ingênuo.

adjetivo e substantivo masculino

5. Que ou quem ama a vida no campo e os seus costumes.

"bucólico", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/buc%C3%B3lico> [consultado em 20-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Cânone

cânone | s. m. | s. m. pl.

câ·no·ne

substantivo masculino

1. Regra, preceito.
2. Decisão conciliar sobre matéria de fé ou disciplina católica.
3. Catálogo, relação, lista.
4. Quadro que contém as palavras que o sacerdote diz durante a consagração.
5. Foro.
6. [Música] Nota que mostra onde começa outra voz em fuga.
7. [Antigo] Fórmula matemática.

"cânone", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/c%C3%A2none> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Capitel

capitel | s. m.

ca·pi·tel

(francês chapiteau)

substantivo masculino

1. Parte superior de coluna, pilastra, balaústre, etc.
2. Cabeça do foguete.
3. Capacete do alambique.
4. [Artilharia] Resguardo do ouvido das peças.

"capitel", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/capitel> [consultado em 19-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Caramanchões

Plural de caramanchão

caramanchão

nome masculino

construção ligeira de ripas, ferro ou pedra revestida de plantas trepadeiras, formando cobertura; camaranchão

caramanchão In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-03-19].

Disponível na www: <URL:

<http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/caramanch%C3%A3o>>.

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Cordato

cordato | adj. | s. m.

cor·da·to

adjetivo

1. Sensato; prudente; pacato.

substantivo masculino

2. Espécie de artiozoário.

"cordato", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/cordato> [consultado em 20-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Documentalista

do·cu·men·ta·lis·ta

(documental + -ista)

adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

Que ou quem tem por função ou especialidade tratar de documentos ou de documentação.

"documentalista", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/documentalista> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Erudição

e·ru·di·ção

substantivo feminino

1. Saber de erudito.
2. Vastos conhecimentos científicos e literários.

"erudição", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/erudi%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 11-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Esbraseia

3ª pess. sing. pres. ind. de esbrasear

2ª pess. sing. imp. de esbrasear

es·bra·se·ar - Conjugar

verbo transitivo

1. Pôr em brasa.

2. [Figurado] Fazer vir o rubor às faces.

3. Afogear.

verbo intransitivo

4. Estar em brasa.

"esbraseia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/esbraseia> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Escárnio

escárnio | s. m.

es·cár·ni·o

(derivação regressiva de escarnir)

substantivo masculino

1. Atitude ou dito que fazem pouco de algo ou de alguém, provocando manifestamente o riso. = MOFA, MOTEJO, TROÇA, ZOMBARIA
2. Atitude de desconsideração por algo ou por alguém. = DESACATO, DESDÉM, DESPREZO, MENOSPREZO
3. Aquilo que é .objeto de troça.

"escárnio", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/esc%C3%A1rnio> [consultado em 19-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Esfanicado

esfanicado | adj.

masc. sing. part. pass. de esfanicar

es·fa·ni·ca·do

adjetivo

Partido em fanicos; esgalgado.

Palavras relacionadas: esfanicar, esforricar.

es·fa·ni·car - Conjugar

(es- + fanico + -ar)

verbo transitivo

1. Desfazer em pedaços pequenos. = DESPEDAÇAR

2. Reduzir a migalhas. = ESMIGALHAR

"esfanicado", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/esfanicado> [consultado em 20-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Espectro eletromagnético

O espectro (ou espetro) eletromagnético é o intervalo completo de todas as possíveis frequências da radiação eletromagnética. O Espectro Eletromagnético se estende desde frequências abaixo das frequências de baixa frequência até a radiação gama.

O Espectro Eletromagnético é muito usado em ciências como a Física e a Química, através da espectroscopia é possível estudar e caracterizar materiais.

(Wikipedia)

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Ex-votos

Um ex-voto (do latim: Por força de uma promessa, de um voto; ou a abreviação de ex-voto suscepto - o voto realizado) pode ser um quadro, pintura ou objeto a que se conferiu uma intenção votiva, ou seja, religiosa. Podem ser ainda placas com inscrições, figuras esculpidas em madeira ou cera, muitas vezes representando partes do corpo que estavam adoecidas e foram curadas etc. Podem, ainda, se expressar por meio de obrigações, interdições ou outras formas de sacrifícios pessoais.

São colocados em igrejas, capelas, cemitérios, cruzeiros de acontecido, para pagar promessas, agradecer uma graça alcançada, consagrar ou renovar um pacto de fé. O advento da oferta votiva abre ou fecha um ciclo transacional que se imagina tão antigo quanto a própria existência humana. Trata-se de uma expressão moderna da relação entre o frágil mundo dos homens e o inexorável mundo dos deuses. É uma relação cujo modelo estrutural se mantém semelhante em diferentes matrizes religiosas, desde a Antigüidade.

Fonte: Wikipedia

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ex-voto>

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Exótico

e·xó·ti·co |zl

adjetivo

1. Que é de país ou de clima diferente daquele em que vive ou em que se usa.
2. Estrangeiro; importado.
3. [Informal] Extravagante, esquisito.

"exótico", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/ex%C3%B3tico> [consultado em 04-03-2014].

Related Glossary Terms

Exotismo

Index

Find Term

Exotismo

exotismo | s. m.

e·xo·tis·mo |zl

(exót[ico] + -ismo)

substantivo masculino

1. .Caráter ou qualidade do que é exótico.
2. Coisa ao gosto ou costume de estrangeiros. = ESTRANGEIRISMO

Sinônimo Geral: EXOTICIDADE, EXOTICISMO

"exotismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/exotismo> [consultado em 02-02-2014].

Related Glossary Terms

Exótico

Index

Find Term

Fluorescência

fluorescência | s. f.

flu·o·res·cên·ci·a

substantivo feminino

[Física] Propriedade que certos corpos têm de transformar a luz que .refletem em radiações de maior comprimento de onda.

"fluorescência", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/fluoresc%C3%Aancia> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Fulva

ga·rou·pa

substantivo feminino

1. [Ictiologia] Peixe percídeo.

2. Garoupa.

"garoupa", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/garoupa> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Galena

galena | s. f.

ga·le·na lêl

substantivo feminino

[Mineralogia] Sulfureto natural de chumbo.

Palavras relacionadas: galenita, alquifa, alcofor.

"galena", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/DLPO/galena> [consultado em 26-01-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Genealogia

genealogia | s. f.

ge·ne·a·lo·gi·a

substantivo feminino

1. Exposição da origem e ramificações de uma família.
2. Linhagem, estirpe.
3. Série de ascendentes.
4. Origem, fonte, derivação.

"genealogia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/genealogia> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Hagiografia

hagiografia | s. f.

ha·gi·o·gra·fi·a

(grego hágios, -a, -on, sagrado, santo + -grafia)

substantivo feminino

Descrição da vida dos santos.

Palavras relacionadas: hagiográfico.

"hagiografia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/hagiografia> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Historiador

his·to·ri·a·dor lôl

(historiar + -dor)

substantivo masculino

1. Aquele que escreve história.
2. [Por extensão] Aquele que narra acontecimentos.

"historiador", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/historiador> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Iconografia

i·co·no·gra·fi·a

(icono- + -grafia)

substantivo feminino

1. Ciência das imagens produzidas pela pintura, pela escultura e pelas outras artes plásticas.
2. Estudo em que se acham reproduzidas obras desta natureza.
3. Conjunto de imagens relativas a um assunto determinado.

"iconografia", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/iconografia> [consultado em 04-03-2014].

Related Glossary Terms

Iconográfico

Index

Find Term

Iconográfico

iconográfico | adj.

i·co·no·grá·fi·co

adjetivo

Relativo à iconografia.

"iconográfico", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/iconogr%C3%A1fico> [consultado em 04-03-2014].

Related Glossary Terms

Iconografia

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Imagética

imagética | s. f.

Será que queria dizer imagética?

i·ma·gé·ti·ca

(feminino de imagético)

substantivo feminino

Conjunto de imagens.

"imagetica", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/imagetica> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Indigenismo

in·di·ge·nis·mo

(indígena + -ismo)

substantivo masculino

1. Qualidade de indígena. = INDIGENATO
2. Interesse, estudo ou defesa dos indígenas ou da cultura indígena.
3. [Lingüística] Palavra ou expressão indígena ou tomada de uma língua indígena para outra língua.

"indigenismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/indigenismo> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Indigenista

Index

Find Term

Indigenista

in·di·ge·nis·ta

(indígena + -ista)

adjetivo de dois gêneros

1. Relativo ao indigenismo.

adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

2. Que ou quem se interessa pelo indigenismo.

"indigenista", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/indigenista> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Indigenismo

Index

Find Term

Lagamar

lagamar | s. m.

la·ga·mar

(lago + mar)

substantivo masculino

1. Pego ou cova no fundo de um rio ou do mar.
2. Baía.
3. Porto.
4. Lagoa.

"lagamar", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/lagamar> [consultado em 23-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Lampião

lampião | s. m.

lam·pi·ão

(italiano lampione)

substantivo masculino

1. Espécie de caixa, rodeada de vidros, com luz no interior, ao abrigo do vento. = LANTERNA

2. Poste de iluminação.

lampião de esquina

• [Brasil, Popular] Vadio, estafermo.

Palavras relacionadas: esquina, esquinar, esquinado, lúzio, lampista, lampianista, quebra-esquinas.

"lampião", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/DLPO/lampi%C3%A3o> [consultado em 26-01-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Mártir

mártir | s. 2 g.

már·tir

substantivo de dois gêneros

1. Pessoa que sofre tormentos ou a morte por uma crença, uma .ideia ou uma causa.
2. [Figurado] Pessoa que sofre maus tratos.

"mártir", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/m%C3%A1rtir> [consultado em 11-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Martírio

martírio | s. m.

mar·tí·ri·o

substantivo masculino

1. Sofrimento do mártir.
2. [Figurado] Trabalhos, aflições.
3. Maracujá (planta).
4. Sua flor (também conhecida por flor-da-paixão e passiflora).

"martírio", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/mart%C3%ADrio> [consultado em 11-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Mercadores

mer·ca·dor lôl

(latim mercator, -oris)

adjetivo e substantivo masculino

1. Que ou quem compra para revender.
2. Que ou quem é negociante de panos.

"mercadores", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/mercadores> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Modernismo

modernismo

nome masculino

1.

adoção ou implementação de ideias, práticas ou comportamentos ainda não seguidos, conhecidos ou aceites pela maioria

2.

gosto por inovações e coisas novas em geral

3.

movimento artístico renovador que marcou as primeiras décadas do séc. XX, nomeadamente a literatura, a música e as artes plásticas, e se caracterizou pela rutura com as formas tradicionais

4.

pejorativo modernice

primeiro modernismo

1.

movimento literário português, surgido em 1915 com a revista «Orpheu», que revelou Fernando Pessoa, Sá Carneiro e Almada Negreiros

2.

designação genérica de movimentos literários e artísticos das primeiras décadas do século XX, como o futurismo, o dadaísmo, o expressionismo, o super-realismo, etc.

segundo modernismo

movimento literário português iniciado em 1927 com a revista «Presença», dirigido por João Gaspar Simões, José Régio, Miguel Torga, Branquinho da Fonseca

(De moderno+-ismo)

modernismo In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-03-19].

Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/modernismo>>.

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Nanômetro

nanômetro | s. m.

na·nô·me·tro

(nano- + -metro)

substantivo masculino

[Física] Unidade de medida de comprimento do Sistema Internacional equivalente a 10^{-9} de um metro [símbolo: nm].

"nanometro", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/nanometro> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Naturalista

naturalista | adj. 2 g. | s. 2 g.

na·tu·ra·lis·ta

adjetivo de dois gêneros

1. Relativo ou pertencente ao naturalismo.

substantivo de dois gêneros

2. Pessoa versada em história natural.

3. Partidário do naturalismo.

"naturalista", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/naturalista> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Neobarroco

Neobarroco é um termo usado para descrever criações artísticas que contêm importantes aspectos do estilo Barroco. Esse estilo insere-se no contexto da segunda metade do século XIX, sobretudo a partir de 1880. O Neobarroco foi predominantemente utilizado para a construção de teatros, visto que o Barroco contribuíra para uma grande expansão das artes cenográficas. Na Áustria, em especial, o neobarroco possui uma conotação patriótica, já que se relaciona com o florescimento econômico e cultural do país no século XVIII. Em sua fase tardia coexistiu com o Jugendstil, o qual influenciou.

(Wikipedia)

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Neobarroco>

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Neoclássico

ne·o·clás·si·co

(neo- + clássico)

adjetivo

1. Relativo ao neoclassicismo (ex.: construção neoclássica).

substantivo masculino

2. Partidário do neoclassicismo (ex.: estudo dos neoclássicos italianos).

3. [Belas-Artes, Literatura] O mesmo que neoclassicismo.

ne·o·clas·si·cis·mo

(neo- + classicismo)

substantivo masculino

1. [Belas-Artes] Movimento artístico de finais do século XVIII e princípios do século XIX, que se inspirava sobretudo nos modelos clássicos greco-romanos.

2. Qualquer movimento ou tendência que se inspira nos modelos e padrões do classicismo.

"neoclassicismo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/neoclassicismo> [consultado em 23-03-2014].

"neoclássico", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/neocl%C3%A1ssico> [consultado em 23-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Obsequioso

obsequioso | adj.

ob·se·qui·o·so |bz...ôl

adjetivo

1. Que obsequeia.
2. Que encerra obséquio.
3. Obsequiador; amável.

"obsequioso", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/obsequioso> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pantopolista

adj m+f (panto+poli+ista) neol Relativo a todas as cidades ou a todas as terras; cosmopolita.

Definição de Pantopolista

Classe gramatical: adjetivo de dois gêneros

Separação das sílabas: pan-to-po-lis-ta

Plural: pantopolistas

<http://www.dicio.com.br/pantopolista/>

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pau-brasil

pau·-bra·sil

substantivo masculino

Árvore cesalpiniácea, sapindácea e mimosácea, cuja madeira é muito resistente.

"pau-brasil", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/pau-brasil> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pelourinho

pe·lou·ri·nho

substantivo masculino

Coluna de pedra, erigida em lugar público, junto à qual se expunham e castigavam os criminosos. = PELOIRINHO

"pelourinho", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/pelourinho> [consultado em 23-10-2013].

Significado de Pelourinho

s.m. Coluna de pedra ou de madeira, utilizada antigamente para amarrar presos ou condenados e submetê-los à vergonha pública ou ao açoite. Erguido na praça principal da cidade ou vila, em frente à Casa da Câmara, era às vezes instalado sobre alguns degraus para que ficasse bem exposto. No Brasil, foi muito usado para castigar escravos.

Definição de Pelourinho

Classe gramatical: Substantivo masculino

Separação das sílabas: pe-lou-ri-nho

"pelourinho, in Dicionário Online de Português, <http://www.dicio.com.br/pelourinho/> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pergolado

pergolado | adj. | s. m.

per·go·la·do

(pérgola + -ado)

adjetivo

1. Que tem pérgola.

substantivo masculino

2. O mesmo que pérgula.

"pergolado", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/pergolado> [consultado em 19-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pérgula

pérgula | s. f.

pér·gu·la

(italiano pergola, do latim pergula, ae, construção saliente, balcão, varanda, latada)

substantivo feminino

1. Espécie de ramada para arbustos e trepadeiras.
2. Galeria, balcão ou terraço afastado da parede, com pilares que suportam barrotes que podem ser cobertos por trepadeiras, toldos, etc.
3. Pérgola

"pérgula", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/p%C3%A9rgula> [consultado em 19-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pictórica

fem. sing. de pictórico

pic·tó·ri·co

adjetivo

1. Relativo à pintura.

2. Relativo a imagem.

"pictórica", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/pict%C3%B3rica> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pinho de riga

Pinho-de-riga

Por Dicionário inFormal (SP) em 01-07-2013

Pinus sylvestris, conhecido popularmente como pinho-de-riga, pinheiro-silvestre , pinheiro-da-escócia, pinho-nórdico, casquinha-nórdica ou casquinha, é uma espécie de pinheiro originária do Velho Mundo, mais precisamente da região da Eurásia. Sua madeira é utilizada na confecção de móveis de luxo.

História do Pinho de Riga

A grama do vizinho é sempre mais verdinha. A máxima popular ganha tons de verdade histórica quando nos remete a obsessiva mania brasileira, desde os tempos de colônia, de adotar indiscriminadamente hábitos e costumes vindos d'além mar. Conta-se que naqueles tempos, era de praxe entre os navegadores lusitanos usar madeira como lastro em suas embarcações. A madeira conferia maior equilíbrio e hidrodinâmica as embarcações, além de absorver a água do mar que se infiltrava sob o convés. Parte dessa madeira, para os portugueses, de péssima qualidade; portanto, usada como lastro ou para a construção de caixotes, era simplesmente abandonada nos portos e praias brasileiros. Acreditando se tratar de apreciadíssimos espécimes da flora europeia, os brasileiros passaram a incorporá-la a construção de móveis e casas. Foi assim que o Pinho de Riga, madeira que de nobre nunca teve nada; e, que, ao contrário do que se pensava, não é oriunda das estepes russas, mas da região que lhe dá nome em Portugal, conquistou um lugar de honra no imaginário dos brasileiros.

Pinho de riga madeira antiga utilizada como lastro de navios.

<http://www.dicionarioinformal.com.br/pinho-de-riga/>

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Pórticos

masc. plu. de pórtico

pór·ti·co

substantivo masculino

1. Espaço coberto cuja abóbada é sustentada por colunas e que serve de entrada ou vestíbulo.
2. Porta monumental.

"pórticos", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/p%C3%B3rticos> [consultado em 19-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Província

pro·vín·ci·a

substantivo feminino

1. Nome de cada uma das partes que formam a divisão territorial de certos Estados.
2. Qualquer parte de uma nação que não seja a capital e a sua área contígua; interior.
3. Os habitantes das províncias.
4. [Figurado, Pouco usado] Parte, divisão, ramo, .seção.
5. [Religião] Conjunto de conventos e conventuais de uma ordem monástica governados por um provincial.

"província", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/prov%C3%ADncia> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Radiação

radiação | s. f.

derivação fem. sing. de radiar

ra·di·a·ção

substantivo feminino

1. .Ato ou efeito de radiar.

2. Irradiação.

Palavras relacionadas: radiar, calorescência, radiado, antiatômico, actino-, dermatopia, actinogênico.

ra·di·ar - Conjugar

verbo intransitivo

1. Emitir raios de luz ou calor.

2. Resplandecer; refulgir.

verbo transitivo

3. Emitir radiosamente.

4. Aureolar.

5. Refulgir.

6. Cercar de raios brilhantes.

"radiação", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/radia%C3%A7%C3%A3o> [consultado em 11-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Rança

fem. plu. de ranço

ran·ço

substantivo masculino

1. Sabor e cheiro acre que adquirem os alimentos gordurentos; mofo; bafio.
2. [Figurado] Sabor antiquado, velharia.

adjetivo

3. Rançoso.

"ranças", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/ran%C3%A7as> [consultado em 17-03-2014].

"ranças", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/ran%C3%A7as> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Remanescência

re·ma·nes·cên·ci·a

(remanescer + -ência)

substantivo feminino

Qualidade do que é remanescente, do que resta.

"remanescência", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/remanesc%C3%Aancia> [consultado em 04-03-2014].

Related Glossary Terms

Remanescer

Index

Find Term

Remanescer

re·ma·nes·cer lêl

verbo intransitivo

Sobejar (depois de se tirar o preciso); restar, sobrar.

Palavras relacionadas: remanescência, remanescente.

"remanescer", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/remanescer> [consultado em 04-03-2014].

Related Glossary Terms

Remanescência

Index

Find Term

Retrós

re·trós

substantivo masculino

1. Fio de seda ou conjunto de fios de seda torcidos.
2. [Brasil: Pernambuco] Variedade de mandioca.

"retrós", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/retr%C3%B3s> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Rococó

ro·co·có lò...òl

adjetivo de dois gêneros

1. [Galicismo] Sobrecarregado.
2. Que tem muitos adornos (diz-se principalmente em termos de .arquitetura e de pintura).
3. De mau gosto, mas profusamente ornado.

"rococó", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/rococ%C3%B3> [consultado em 04-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Rombo

rombo | adj. | s. m.

rom·bo

adjetivo

1. Que não é agudo.
2. Que tem a ponta quebrada.
3. [Figurado] Obtuso, estúpido.

substantivo masculino

4. Buraco ou furo devido a arrombamento.
5. Topada de que resulta dano.
6. Arrombamento.
7. Desfalque.
8. Perda.
9. Roubo.
10. [Geometria] Losango.
11. [Ictiologia] .Gênero de peixes pleuronectídeos.

"rombo", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/rombo> [consultado em 23-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Sanefas

sanefas: nome feminino plural de sanefa

sanefa

nome feminino

1.

tira larga de tecido que se atravessa na parte superior de uma portada e que forma conjunto com a cortina ou o reposteiro

2.

tábua assente de través em assoalhados de madeira

(Do árabe sanîfa, «orla do vestuário»)

sanefas In Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. [Consult. 2014-03-19].

Disponível na www: <URL: <http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/sanefas>>.

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Soberania

so·be·ra·ni·a

substantivo feminino

1. Qualidade ou estado do que é soberano.
2. Autoridade de soberano.
3. Poder supremo.
4. Autoridade moral.
5. Excelência.

"soberania", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/soberania> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Solha

substantivo feminino

1. Nome vulgar de peixes da família dos pleuronectídeos (*Rhombus maximus*, Lin.), quando menores que o pregado e semelhantes ao linguado (geralmente maiores que este).

2. Designação de peixes do gênero *Pleuronectes* Lin. (*Pleuronectes platessa* Lin. e *Platichthys flesus* Lin.), estes últimos também chamados patruça.

"solhas", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/solhas> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Transeuntes

masc. e fem. plu. de transeunte

tran·seun·te lziúl

adjetivo de dois gêneros

1. Que passa, que não dura, que não permanece. ≠ PERMANENTE
2. [Filosofia] Que passa da causa ao efeito.

adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros

3. Que ou quem passa por lugar ou rua. = ANDANTE, PASSANTE

"transeuntes", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/transeuntes> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Chapter 1 - Sua vida

Trapiche

trapiche | s. m.

tra·pi·che

(espanhol trapiche, moinho para azeitona e cana-de-açúcar, do latim trapetum, -i, mó de lagar de azeite)

substantivo masculino

1. Armazém onde se guardam mercadorias para embarque, junto ao cais.
2. [Brasil, Portugal: Madeira] Pequeno engenho de cana-de-açúcar.

"trapiche", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/trapiche> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Trapiches

masc. plu. de trapiche

tra·pi·che

(espanhol trapiche, moinho para azeitona e cana-de-açúcar, do latim trapetum, -i, mó de lagar de azeite)

substantivo masculino

1. Armazém onde se guardam mercadorias para embarque, junto ao cais.
2. [Brasil, Portugal: Madeira] Pequeno engenho de cana-de-açúcar.

"trapiches", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/trapiches> [consultado em 16-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Tridimensionalidade

tridimensionalidade | s. f.

tri·di·men·si·o·na·li·da·de

(tridimensional + -idade)

substantivo feminino

Qualidade do que é tridimensional.

tridimensional | adj. 2 g.

tri·di·men·si·o·nal

(tri- + dimensional)

adjetivo de dois gêneros

1. Que tem três dimensões.

2. Que aparenta ter relevo.

"tridimensional", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/tridimensional> [consultado em 11-03-2014].

"tridimensionalidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/tridimensionalidade> [consultado em 11-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Tropical

tro·pi·cal

adjetivo de dois gêneros

1. Dos trópicos.
2. Que fica ou vive entre os trópicos.

calor tropical

- Calor excessivo.

"tropical", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/tropical> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Tropicalidade

Index

Find Term

Tropicalidade

tro·pi·ca·li·da·de

(tropical + -idade)

substantivo feminino

Qualidade do que é tropical.

"tropicalidade", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/tropicalidade> [consultado em 23-10-2013].

Related Glossary Terms

Tropical

Index

Find Term

Untitled

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit, sed do eiusmod tempor incididunt ut labore et dolore magna aliqua. Ut enim ad minim veniam, quis nostrud exercitation ullamco laboris nisi ut aliquip ex ea commodo consequat.

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term

Visguento

vis·guen·to

adjetivo

Viscoso.

"visguentos", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013,
<http://www.priberam.pt/dlpo/visguentos> [consultado em 17-03-2014].

Related Glossary Terms

Drag related terms here

Index

Find Term